



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Anderson Gustavo Silva Macedo Pereira

**O DESEJO HOMOERÓTICO E O SEU ALGOZ: AS CONFIGURAÇÕES DA DOR E DO
GOZO NO ROMANCE *EN FINIR AVEC EDDY BELLEGUEULE*, DE ÉDOUARD LOUIS**

João Pessoa/PB

2022

ANDERSON GUSTAVO SILVA MACEDO PEREIRA

O DESEJO HOMOERÓTICO E O SEU ALGOZ:
as configurações da dor e do gozo no romance *En finir avec Eddy Bellegueule*, de Édouard Louis

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Literatura, Teoria e Crítica

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P436d Pereira, Anderson Gustavo Silva Macedo.

O desejo homoerótico e o seu algoz : as configurações da dor e do gozo no romance *En finir avec Eddy Bellegueule*, de Édouard Louis / Anderson Gustavo Silva Macedo Pereira. - João Pessoa, 2022.
92 f.

Orientação: Hermano de França Rodrigues.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura francesa. 2. Literatura homoerótica.
3. Psicanálise. 4. História da homossexualidade. I.
Rodrigues, Hermano de França. II. Título.

UFPB/BC

CDU 821.133.1(043)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO ALUNO ANDERSON GUSTAVO SILVA MACEDO
PEREIRA**

Aos quinze dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e dois, às nove horas, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada: “**O desejo homoerótico e o seu algoz: as configurações da dor e do gozo no romance *En finir avec Eddy Bellegueule*, de Édouard Louis**”, apresentada pelo aluno Anderson Gustavo Silva Macedo Pereira, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRE EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Teoria e Crítica, segundo encaminhamento da Profª Drª Daniela Maria Segabinazi, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O professor Doutor Hermano de França Rodrigues (PPGL/UFPB), na qualidade de orientador, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os Professores Doutores Henrique Miguel de Silva Lima (PPGL/UFPB) e Eneida Maria Gurgel (UEPB). Dando início aos trabalhos, o Senhor Presidente convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao mestrando para apresentar uma síntese de sua dissertação, após o que foi arguido pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: APROVADO. Proclamados os resultados pelo Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Hermano de França Rodrigues (Secretário *ad hoc*), lavrei a presente ata, que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 15 de junho de 2022

Parecer:

A banca considerou o trabalho pertinente e sugeriu apenas algumas alterações de ordem gramatical e estrutural.

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

(Presidente da Banca)

Hermano de França Rodrigues

Prof. Dr. Henrique Miguel de Lima Silva

(Examinador)

Henrique Miguel de Lima Silva

Profª. Drª. Eneida Maria Gurgel de

Araújo

(Examinadora)

Eneida Maria Gurgel de Araújo

Anderson Gustavo Silva Macedo Pereira

(Mestrando)

Anderson Gustavo Silva Macedo Pereira

Este trabalho é dedicado aos-às gays! Ele se refere

- tanto a todos-todas que, infelizmente, não poderão lê-lo por terem sido covardemente assassinados-assassinadas apenas por suas existências sexualmente não-normativas.

- quanto a todos-todas que, mesmo ainda gozando do privilégio da vida, já se sentiram/ainda se sentem maculados-maculadas pelo preconceito e açointamento reincidente da(s) sociedade(s).

A eles-elas-elus-elxs, meu carinho, meu acolhimento, meu respeito e, sobretudo, meu apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao professor Hermano!!! Por orientar este trabalho, por todas as palavras, por todo o apoio, por ter percebido meu potencial quando nem eu mesmo acreditava que ele pudesse sequer existir, por ser uma grande inspiração pra mim, pelo enorme coração, pela inesgotável inteligência, pelos conselhos, pelas reclamações, por entender as minhas limitações. Por tudo, por tudo, por tudo! Meu eterno “muito obrigado, prof.!”.

Ao professor Henrique Miguel de Lima Silva (UEPB) e à professora Eneida Maria Gurgel de Araújo (UEPB) por terem aceitado fazer parte da banca de defesa. Suas contribuições foram de extrema importância para a conclusão deste trabalho.

À minha mãe, Maria José, por ser a pessoa mais forte que eu conheço e ter me ensinado a maior de todas as lições, aquela que eu jamais aprenderia em nenhuma universidade do planeta: não existe amor maior do que o de uma verdadeira mãe. Tenho muito orgulho de dizer que sou filho de uma empregada doméstica e que, com dinheiro de faxinas, ela criou com dignidade os dois filhos e as duas filhas! Os melhores meses da minha vida foram os que eu passei dentro do teu ventre, Mainha! Obrigado por todas as renúncias e concessões que fez para que eu pudesse (r)existir.

À minha madrinha, Áurea Lúcia, por também desempenhar papel de mãe, por estar sempre comigo, até nos momentos nos quais eu sou a pior das companhias (essa talvez seja a maior prova de amor) e pela ajuda logística e financeira.

À minha tia, Marinalva, por ter sido uma das mulheres que mais me inspiraram na vida, com sua forma de amar, com seu senso estético, com o ímpeto de vencer a pobreza e seus signos, por ter contribuído para o meu desenvolvimento cognitivo desde o dia em que eu nasci e ter investido na minha educação quando pôde. Enfim, por me amar como se ama um filho.

Às minhas irmãs, Thallyta, Luana e Juliana por todos os nossos momentos desde o respectivo dia em que cada uma surgiu na minha vida até agora, por acompanharem meus desesperos, por rirem junto comigo, por terem me dado conforto nos momentos em que me senti pressionado.

À minha prima, Kally, por existir na minha vida, por me apoiar sempre e por me amar muito.

A todos-todas os-as professores-professoras com quem tive contato e me ajudaram a chegar até aqui. Em nosso país, a educação é menosprezada. Espero que, um dia, o real valor do ensino seja reconhecido com o rigor adequado.

Agradeço especialmente a Adriana Cláudia, que, em sua estadia de pesquisadora acadêmica em Paris, reservou um momento precioso para ir à Fnac comprar um exemplar de *En finir avec Eddy Bellegueule* para mim. Agradeço-lhe também pela amizade inabalável! Merci !

A Talina pelo apoio sincero nas mais variadas questões, pelas melhores conversas, inclusive sobre este trabalho, e, mormente, pela amizade que estabelecemos há mais de uma década.

A Lanna por algumas sugestões bibliográficas, pelas discussões epistemológicas e pelo carinho e amizade.

Ao professor doutor Sávio Roberto Fonsêca de Freitas (UFPB) e ao professor doutor José Moacir Soares da Costa Filho (IFPB) por terem feito parte da banca do exame de qualificação e, assim, contribuído enormemente para um melhor desenvolvimento deste trabalho.

À CAPES por ter me concedido a bolsa que me ajudou bastante a viver com o mínimo de dignidade em um período econômica, sanitária, política e socialmente desafiador em nosso país.

A todos-todas que fazem parte do Programa de pós-graduação em Letras da UFPB pela grandiosa estrutura, pelo acolhimento, pelo compromisso com o ensino público de excelência, sobretudo, aos-às professores-professoras das disciplinas que eu cursei e com os-as quais tanto aprendi: Alcione, Sávio, Rildo e Hermano.

Ao meu querido amigo e colega da pós-graduação, Thiago, por ter me dado tanta força nessa caminhada (do dia da entrevista da seleção até a defesa da dissertação).

À querida amiga e colega da pós-graduação, Beatriz, pela parceria nas disciplinas cursadas e no artigo que produzimos juntos e, claro, pelas conversas, pelas dispersões, pela confiança, pela admiração mútua.

Ao autor do romance “En finir avec Eddy Bellegueule”, Édouard Louis, pela coragem de tê-lo escrito, expondo, assim, suas feridas mais íntimas, e por seguir (r)existindo e lutando por todos-todas nós por meio de sua arte e sua maneira de se colocar em um mundo hostil aos-às homossexuais. Como ele mesmo me disse, via Instagram, “On continue les combats ensemble !”.

A todos-todas que se propuserem a ler este trabalho com carinho, atenção, rigor e respeito contribuindo, assim, para difusão, proliferação e enriquecimento da(s) ciência(s).

A todos-todas familiares, amigos-amigas, colegas, ex/eternos-eternas alunos-alunas que direta ou indiretamente me ajudaram a realizar o sonho de ser mestre.

Muito obrigado a todos, todas, todxs e todes.

Meu coração está repleto de gratidão e alegria.

VERSOS ÍNTIMOS

*Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!*

*Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.*

*Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.*

*Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!*

Augusto dos Anjos

Pau d'Arco – 1901

RESUMO

A sexualidade esteve subordinada, até o final do século XVIII, a três esferas de controle da sociedade: os discursos médicos, religiosos e morais (FOUCAULT, 2015). Entendendo que a homossexualidade está dentro desse núcleo de submissão, mesmo antes de ter uma palavra que a identificasse, podemos afirmar que ela foi vista como doença, pecado e crime, respectivamente. O indivíduo que não obedecesse a esse todo sistêmico teria de lidar com algum tipo de discriminação ou mesmo punições das mais severas. Malgrado inúmeros avanços, na atualidade, os homossexuais se veem diante de uma dualidade cruel e cada um busca encaixar a própria homossexualidade dentro desse antagonismo: (1) a desobediência à cultura, rebelando-se contra ela para viver a homossexualidade de forma plena e, assim, correr riscos dos mais diversos ou o inverso; (2) a recusa à própria orientação sexual, negando-a até para si mesmo, a fim de não sofrer retaliações e humilhações; outras possibilidades se encontram entre esses dois polos, sempre colocando o indivíduo em um lugar de luta (contra si, a priori, contra o outro, a posteriori). Dentro deste contexto de escolhas, incoerências e conflitos tão dolorosos quanto prazerosos, inserimos nosso objeto de estudo: o romance *En finir avec Eddy Bellegueule* (2014), do escritor francês Édouard Louis, no qual essas dores e prazeres se (re)produzem na infância e na adolescência de Eddy, narrador-personagem. Suas experiências sexuais inaugurais, aos 10 anos, foram vividas de maneira marginalizada em um depósito de lenha na comunidade de Hallencourt (norte da França). Ao mesmo tempo, a homofobia o vitimizava: ele sofria violência psicológica e física por parte de sua família, dos colegas de sua escola e dos moradores do vilarejo no qual residia. A escolha desse *corpus* se justifica por termos um número fraco de obras francesas traduzidas no Brasil (TORRES, 2007) se comparado à volumosa produção literária em francês. Estudar um autor de língua francesa em um contexto como esse é uma tentativa de manter vivo o interesse por parte do público brasileiro em literatura e língua francesas, entendendo que o acesso a culturas estrangeiras enriquece a cultura nacional. Além disso, o estudo desta obra busca favorecer as discussões sobre as narrativas contemporâneas francesas de temática homoerótica no Brasil. Por isso, procedemos a uma genealogia das homossexualidades. Resgatar o passado é necessário para entendermos as epistemologias do presente, logo, passeamos pelo tempo através dos textos de variados estudiosos do assunto como Dover (1994), Naphy (2006), Mott (2001, 2003), Ceccarelli (2008), Quinet (2013) e Trevisan (2018). Além disso, encontramos, na psicanálise, as ferramentas adequadas para analisarmos as experiências homoeróticas precoces de Eddy, para tal, elaboramos uma interlocução com o pensamento de Sigmund Freud (1905, 1912, 1919, 1930). Em oposição aos prazeres da homossexualidade, buscamos entender os mecanismos da homofobia (BORRILLO, 2010). Assim, o objetivo deste estudo é identificar as configurações da dor e do gozo de entender e viver a própria homossexualidade em um contexto de degradação social a partir do(s) discurso(s) de Eddy, a fim de elucidar como ele concebe subjetivamente sua orientação sexual e as consequências disso nesse contexto. Os signos do homoerotismo e da homofobia são (re)interpretados como traços de uma poética do desejo e da violência, respectivamente. Concluimos que a dor de pertencer a uma orientação sexual destoante do que espera a maioria do todo social deixa em Eddy Bellegueule sequelas irreversíveis que o levam, inclusive, a mudar de nome para poder tentar deixar o passado para trás.

Palavras-chave: Homoerotismo. Homossexualidades. Psicanálise. Literatura Francesa. Édouard Louis.

ABSTRACT

The human sexuality was subordinated, until the end of the 18th century, to three spheres of control: medical, religious and moral discourses (FOUCAULT, 2015). Understanding that homosexuality is within this nucleus of submission, even before having a word to identify it, we can say that it was seen as a disease, sin and crime, respectively. The individual who did not obey this system would have to deal with some type of discrimination or even the most severe punishments. Despite numerous advances, today, homosexuals are faced with a cruel duality and each one seeks to fit their own homosexuality within this antagonism: (1) the disobedience to the culture, rebelling against it to live its homosexuality in fullness and, thus, take risks of the most diverse or the opposite; (2) the refusal of its own sexual orientation, denying it even to itself, in order to avoid suffer retaliation and humiliation; there are other possibilities between these two poles, always putting the individual in a place of struggle (against itself, *a priori*, against the others, *a posteriori*). Within this context of choices, inconsistencies and conflicts as painful as they are pleasurable, we insert our object of study: the novel *En finir avec Eddy Bellegueule* (2014), by French writer Édouard Louis, in which these pains and pleasures are (re)produced in childhood and in the adolescence of Eddy, narrator-character. His inaugural sexual experiences, at the age of 10, were lived in a marginalized way in a woodshed in the community of Hallencourt (northern France). At the same time, homophobia victimized him: he suffered psychological and physical violence from his family, colleagues at his school and the residents of the village where he lived. The choice of this *corpus* is justified by the fact that we have a low number of French works translated in Brazil (TORRES, 2007) compared to the voluminous literary production in French. Studying a French-speaking author in such a context is an attempt to keep the Brazilian public's interest in French literature and language alive, understanding that access to foreign cultures enriches the national culture. In addition, the study of this work seeks to favor discussions on contemporary French narratives with homoerotic themes in Brazil. Therefore, we proceed to a genealogy of *homosexualities*. Rescuing the past is necessary to understand the epistemologies of the present, so we walk through time with texts of various scholars on the subject like Dover (1994), Naphy (2006), Mott (2001, 2003), Ceccarelli (2008), Quinet (2013) and Trevisan (2018). In addition, we find in psychoanalysis the appropriate tools to analyze Eddy's early homoerotic experiences, for that, we turn to selected Sigmund Freud's works (1905, 1912, 1919, 1930). In opposition to the pleasures of homosexuality, we seek to understand the mechanisms of homophobia (BORRILLO, 2010). Thus, the objective of this study is to identify the configurations of pain and enjoyment of understanding and living homosexuality in a context of social degradation from Eddy's discourse(s), in order to elucidate how he subjectively conceives his sexual orientation and the consequences of that in this context. The signs of homoeroticism and homophobia are (re)interpreted as traces of a poetics of desire and violence, respectively. We conclude that the pain of belonging to a sexual orientation that differs from what most of the society expects leaves in Eddy Bellegueule irreversible sequels that even lead him to change his name in order to try to leave the past behind.

Keywords: Homoeroticism. Homosexualities. Psychoanalysis. French Literature. Édouard Louis.

RÉSUMÉ

La sexualité humaine était subordonnée, jusqu'à la fin du XVIII^e siècle, à trois dimensions de contrôle de la société : les discours médicaux, les discours religieux et les discours moraux (FOUCAULT, 2015). Nous comprenons que l'homosexualité se situe dans ce noyau de soumission, avant même d'avoir un mot pour l'identifier. Nous pouvons affirmer qu'elle était perçue comme une maladie, un péché et un crime, respectivement. L'individu qui ne s'intégrerait pas dans ce système serait soumis à une série de représailles, telles que la discrimination et des punitions très sévères. Malgré les avancées sociales, actuellement, les homosexuels sont aujourd'hui confrontés à une cruelle dualité et chacun cherche à inscrire sa propre homosexualité dans cet antagonisme : (1) désobéir la culture, en se rebellant contre elle pour vivre pleinement son homosexualité et, ainsi, prendre des risques divers ou l'inverse ; (2) refuser sa propre orientation sexuelle, en la niant à soi-même, pour éviter de subir d'humiliations ou représailles; d'autres possibilités se trouvent entre ces deux pôles, ce qui met l'individu dans une situation de lutte (d'abord, contre lui-même et, ensuite, contre l'autre). Dans cet univers de choix, d'incohérences et de conflits aussi douloureux qu'agréables, nous insérons notre objet d'étude : le roman *En finir avec Eddy Bellegueule* (2014), d'Édouard Louis, dans lequel ces peines et ces plaisirs se (re)produisent pendant l'enfance et aussi l'adolescence d'Eddy, narrateur héros. Ses premières expériences sexuelles, à l'âge de 10 ans, ont été vécues de manière marginalisée dans un hangar de la commune de Hallencourt. Parallèlement, l'homophobie le victimise : il subit des violences psychologiques et physiques de la part de sa famille, des collègues de son école et des habitants du village où il habitait. Le choix de ce corpus est justifié par le fait que nous avons un faible nombre d'ouvrages français traduits au Brésil (TORRES, 2007) par rapport à la volumineuse production littéraire en français. Étudier un auteur francophone dans un tel contexte signifie une tentative de maintenir vivant l'intérêt du public brésilien pour la littérature et la langue françaises, si nous comprenons que l'accès aux cultures étrangères enrichit la culture nationale. En outre, notre étude vise à élargir les discussions sur les récits français contemporains à thèmes homoérotiques au Brésil. Nous procédons donc à une généalogie des homosexualités. Revenir sur le passé est nécessaire pour comprendre les épistémologies du présent, c'est pourquoi nous parcourons le temps à travers les textes de divers chercheurs sur le sujet, tels que Dover (1994), Naphy (2006), Mott (2001, 2003), Ceccarelli (2008), Quinet (2013) et Trevisan (2018). De plus, nous trouvons, dans la psychanalyse, les outils appropriés pour analyser les premières expériences homoérotiques d'Eddy, pour cela, nous élaborons un dialogue basé sur la pensée de Sigmund Freud (1905, 1912, 1919, 1930). En opposition aux plaisirs de l'homosexualité, nous cherchons à comprendre les mécanismes de l'homophobie (BORRILLO, 2010). Ainsi, l'objectif de cette étude est d'identifier les configurations de la douleur et de la jouissance de comprendre et de vivre son homosexualité dans un contexte de dégradation sociale à partir des discours d'Eddy, afin d'élucider comment il conçoit subjectivement son orientation sexuelle et les conséquences de ses découvertes dans ce contexte. Les signes de l'homoérotisme et de l'homophobie sont (ré)interprétés respectivement comme les traces d'une poétique du désir et de la violence. Nous en concluons que la douleur d'appartenir à une orientation sexuelle différente de ce qu'attend la majorité de l'ensemble social laisse chez Eddy Bellegueule des séquelles irréversibles qui l'amènent même à changer son nom pour essayer de s'éloigner de son passé.

Mots clés : Homoérotisme. Homosexualités. Psychanalyse. Littérature française. Édouard Louis.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	A ODISSEIA HOMOERÓTICA: OS PERCURSOS HISTÓRICOS DAS HOMOSSEXUALIDADES	22
2.1	“O AMOR QUE NÃO OUSA DIZER SEU NOME”: A GÊNESE DO TERMO HOMOSSEXUALIDADE(S).....	23
2.2	“CRESCEI E MULTIPLICAÍ-VOS SOBRE A TERRA”: AS HOMOSSEXUALIDADES NAS ESCRITURAS SAGRADAS	30
2.3	AS ELEGIAS SIMPÓTICAS: AS HOMOSSEXUALIDADES NA CIVILIZAÇÃO GREGA ANTIGA	32
2.4	AS HOMOSSEXUALIDADES EM ROMA ANTES E DEPOIS DA CONVERSÃO AO CRISTIANISMO.....	38
2.5	“PERDOAI-NOS E LIVRAI-NOS DO FOGO DO INFERNO. ”: A VIDA DOS HOMOSSEXUAIS NA IDADE MÉDIA	41
2.6	<i>PRÊT-À-PORTER</i> , QUANDO OS HOMOSSEXUAIS SE DESPEM DO OUTRO E SE VESTEM DE SI: AS HOMOSSEXUALIDADES NA LITERATURA FRANCESA CONTEMPORÂNEA.....	44
2.7	A ESPADA DO CARRASCO: A LÂMINA AFIADA DA HOMOFOBIA.....	48
3	PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS.....	55
3.1	O DIÁLOGO ENTRE PSICANÁLISE E LITERATURA	55
3.2	OS PROCESSOS MENTAIS	59
3.3	AS FASES DE DESENVOLVIMENTO SEXUAL	61
3.4	DOR E GOZO: OS OPOSTOS COMPLEMENTARES	63
4	EDDY BELLEGUEULE NO DIVÃ	67
4.1	APRESENTAÇÃO DO ROMANCE (PARTE 1): ELEMENTOS EXTRÍNSECOS À OBRA	67
4.2	APRESENTAÇÃO DO ROMANCE (PARTE 2): ELEMENTOS INTRÍNSECOS À OBRA	70
4.2.1	Os personagens principais.....	70
4.2.2	Breve resumo da obra	71
4.2.3	As temáticas do romance.....	73
4.2.4	Estrutura e divisão do romance e o estilo do autor	74
4.3	AS DORES DE EDDY	76

4.4	OS ALGOZES DE EDDY.....	77
4.5	OS PRAZERES E OS AMANTES DE EDDY	81
4.6	A MORTE DE EDDY.....	83
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84

1 INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta pesquisa é o primeiro romance do escritor francês Édouard Louis, *En finir avec Eddy Bellegueule* (2014). Trata-se de uma autoficção, na qual o enredo gira em torno dos dilemas do próprio Eddy, narrador-personagem que, já aos dez anos, percebe que não consegue corresponder às expectativas do meio social em que vive no tocante à sua orientação sexual. A história se desenvolve em Hallencourt, um humilde vilarejo francês, na antiga região da Picardia¹, onde o autor nasceu em 30 de novembro de 1992.

Desde cedo, Eddy Bellegueule esteve inserido em um contexto conflituoso de extrema pobreza e degradação humana. Ele era frequentemente açoitado na sua escola por parte de dois garotos, mas a violência ultrapassava os limites da imposição da dor física e atingia sobremodo o nível psicológico também, uma vez que os golpes desferidos contra Eddy vinham acompanhados de modalidades diversas de humilhações, como xingamentos, ofensas e até escarradas direcionadas à sua face. Afora os rapazes da escola, em casa, os membros de sua família nuclear, principalmente seus pais, Brigitte e Jacky, o percebiam como afeminado e, assim, o humilhavam de diversas formas. Eles diziam não entender o porquê de Eddy se locomover e se expressar, nas palavras deles, como uma “mocinha” e a esses trejeitos davam o nome de “ares”. Todas essas observações depreciativas eram proferidas diante do próprio filho.

Além da homofobia, o racismo, o machismo, a misoginia, a fome e o anticientificismo faziam parte de seu cotidiano em casa, na comunidade e na escola. A saúde, por exemplo, era desprivilegiada por não ser considerada, pelos moradores do vilarejo, uma “coisa de homem”. Assim, Édouard Louis, então conhecido como Eddy Bellegueule, narra como recalcava suas dores físicas e psicológicas, escondendo da sociedade suas verdades, por temer ser vítima de ainda mais preconceito e discriminação por ser quem era e agir como agia. A violência contra ele era geralmente banalizada e até naturalizada pelos outros personagens, como se ele merecesse passar por todo aquele calvário apenas por causa de sua existência evidentemente homossexual e todos os elementos que, naturalmente, a ela estavam ligados. Naquela sociedade, pertencer a uma sexualidade considerada não-convencional era enxergado como

¹ Atualmente, a região que compreende a comuna de Hallencourt é chamada de Alta França, a qual engloba as antigas regiões Picardia e Norte Pas-de-Calais. Essa fusão foi efetivada em 2015, portanto, após o lançamento de *En finir avec Eddy Bellegueule*. Por isso, encontramos na obra apenas a referência à Picardia. Trata-se da região menos desenvolvida do ponto de vista econômico e social no país. Hallencourt é um vilarejo de dimensões modestas, com uma área total de 20,55 km², além disso, possui poucos habitantes, 1319, segundo os dados mais recentes do instituto francês Insee (Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos).

um desvio moral gravíssimo e, portanto, o indivíduo que fosse entendido ou efetivamente descoberto como homossexual, como é o caso de Eddy, estaria subordinado a uma ordem social capaz de oprimi-lo e puni-lo a ponto de desumanizá-lo.

No romance, Eddy descreve seus primeiros contatos com a homossexualidade e o homoerotismo aos dez anos de idade. As experiências sexuais inaugurais do personagem foram vividas de maneira marginalizada em um depósito de lenha no seu vilarejo natal. A narrativa contempla também relacionamentos na adolescência com mulheres, já que, depois de tantos golpes vindos de todos os lados e a fim de dirimir os atos de violência dos quais é vítima, mesmo entendendo que é homossexual, Eddy tenta se encaixar nos rígidos parâmetros masculinos exigidos por aquela sociedade. Ele repetia para si mesmo que, a exemplo dos demais homens de sua comunidade, seria um “durão”. Então, a estratégia de luta contra o desejo homossexual por ele adotada é o engajamento em um rápido namoro com Laura e, depois, com Sabrina. Mas as duas garotas o enojam. Eddy considerava as meninas do vilarejo suas amigas e não tinha nenhum tipo de atração ou desejo sexual por elas. Finalmente, ele desiste de lutar contra os desejos genuínos e se muda para Amiens, capital da Picardia. Em um novo território geográfico, sua vida também se renova, ele se conecta com novas possibilidades epistemológicas, linguísticas e existenciais. Em uma cidade grande, estudando teatro no liceu Madeleine-Michelis, ele entende que agora é outro e decide, inclusive, mudar de nome, deixando, assim, o passado de dores para trás na medida do possível.

Por um lado, a motivação para realizar o estudo de tal romance se justifica pela preocupação sobre o espaço ocupado pelas literaturas francesa e de expressão francesa contemporâneas no campo literário² brasileiro em tempos de hegemonia editorial anglófona. Apesar da larga escala de produção literária em francês, há um volume fraco de obras francesas traduzidas no Brasil (TORRES, 2007). Em 2002, o renomado crítico literário e pesquisador francês Dominique Viart estimava que, só no período da *rentrée littéraire*³, aproximadamente 400 romances em língua francesa eram lançados. Essa tendência continua se repetindo na atualidade: no ano de 2018, 381 romances franceses saíram neste mesmo período, segundo dados do sítio eletrônico France Culture. Já em 2021, mesmo abalado pela

² O conceito de “campo literário” foi desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Ao utilizá-lo aqui, temos por objetivo dizer que cada espaço literário nacional, constituído por relações de poder entre seus agentes genuínos (os autores, a crítica, etc.), tem suas características estruturais e regras de funcionamento próprias (BOURDIEU, 1998).

³ Optamos por não traduzir a expressão *rentrée littéraire* no corpo do texto por entendermos que, mesmo traduzida, ela causaria estranhamento por se referir a uma tradição literária específica da cultura francesa que não encontra equivalência na cultura brasileira. Ao pé da letra, teríamos como tradução “Entrada literária”, mas a tradução mais fiel, a nosso ver, resultaria em algo como “Temporada literária”. Ela ocorre sempre no outono, época do ano na qual os grandes prêmios literários são distribuídos.

crise sanitária da covid-19, o mercado francês lançou 379 romances só em língua francesa durante a *rentrée*⁴. No entanto uma parcela mínima deles se encontra nas prateleiras dos livreiros no Brasil.

Por outro lado, nossa motivação se traduz no desejo de fazer ecoar as vozes de autores LGBTQIA+⁵, tendo em vista as nítidas tentativas de silenciamento e a opressão que essa comunidade ainda enfrenta por parte do todo social e, nos últimos três anos e meio, até pela estrutura da presidência da República Federativa do Brasil. Para ficar apenas em um exemplo, no segundo dia de seu mandato, o atual presidente brasileiro excluiu – por meio de medida provisória – a população LGBTQIA+ da lista de políticas e diretrizes destinadas à promoção dos Direitos Humanos. Sendo assim, entendemos que explorar e difundir a produção intelectual, artística e cultural dessa comunidade é, entre outros, também um ato de cidadania para que, no futuro, retrocessos políticos como o exposto não se repitam. Além disso, acreditamos ser, no mínimo, justo dar destaque a literaturas que, por muito tempo, foram marginalizadas e a seus respectivos autores, muitos deles, no passado e no presente, foram e são obrigados a se moldarem linguística e tematicamente para se encaixarem em um polo de dominação heterossexualizante). É necessário colocar essas vozes, corpos, subjetividades, poéticas e existências em lugar de destaque e prestígio.

No que se refere ao estado da arte, podemos dizer que há, sobre a escrita de Édouard Louis, poucas discussões acadêmicas em nosso país. Não encontramos nenhuma dissertação ou tese que tenha se dedicado à obra do autor. A seguir, elencamos um total de três trabalhos que podem ser achados nos portais de periódicos *Capes*, *Scielo* e *Google Scholar*. Dois deles têm como *corpus* a tradução brasileira do primeiro romance do autor, *O fim de Eddy* e não a sua versão original em francês.

⁴ Os dados referentes à *rentrée littéraire* do ano passado podem ser acessados em uma reportagem do jornal *Ouest-France*. Disponível em: <[⁵ Ao longo da história das sexualidades e identidades de gênero não-normativas, várias siglas foram \(re\)criadas para agrupar os membros dessa comunidade tão diversa. As siglas foram mudando conforme as discussões sobre inclusão de “novos grupos” foram amadurecendo. Entendemos que essa versão da sigla pela qual optamos é a mais acolhedora de todas até então. Cada letra nela contida representa uma \(ou mais\) sexualidade\(s\) ou identidade\(s\) de gênero distinta\(s\): “L” representa as lésbicas; “G” simboliza os gays; “B” se refere aos e às bissexuais; “T” reflete os e as transexuais, as travestis e transgêneros; “Q” corresponde aos queers; “I” engloba os intersexos; “A” diz respeito aos assexuados e às assexuadas; e o símbolo “+” busca integrar todos e todas que não se sentiram acolhidos e acolhidas pelas letras em destaque. Acreditamos que as discussões sobre as sexualidades e identidades de gênero devem continuar para que, futuramente, possamos ter uma sigla ainda mais completa. Contudo é inegável que evoluímos bastante desde a primeira versão, “GLS”, que agrupava apenas “gays” e “lésbicas”, além dos “simpatizantes” que não necessariamente faziam parte da comunidade, constituindo-se de pessoas que apoiavam as causas e pautas do grupo.](https://www.ouest-france.fr/culture/livres/les-romans-de-cette-rentree-litteraire-2021-arrivent-ce-jeudi-19-aout-7f842d06-fc0c-11eb-b477-54e81b9aa807#:~:text=Livres-,Les%20romans%20de%20cette%20rentr%C3%A9e%20litt%C3%A9raire%202021%20arrivent%20ce%20jeudi,progressivement%20jusqu'%C3%A0%20fin%20octobre,> . Acesso em: 29 maio 2022.</p>
</div>
<div data-bbox=)

O primeiro trabalho sobre a obra do autor em território nacional ao qual tivemos acesso foi apresentado no II Congresso de Estudos da Linguagem da UEPG em 2017 pelo pesquisador Moacir Lopes de Camargos. No trabalho intitulado *A questão de gênero no romance En finir avec Eddy Bellegueule*, além de discutir a questão de gênero no livro, ele buscou compreender também paradigmas relativos a: linguagem, signo e ideologia, tendo como base estudos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin. Ele chegou à conclusão de que só quando Eddy se assume como gay, ele consegue compreender as relações entre espaços sociais, cultura, gênero e identidade.

Em seguida, encontramos um capítulo de livro dedicado ao estudo da obra em tela. Ele foi publicado por Lucas de Oliveira Demingos, mestre em Literatura comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, à época, Doutorando em Literatura Comparada pela mesma universidade. O capítulo tem como título *O custo da sujeição em O fim de Eddy, de Édouard Louis* e se encontra em uma coletânea intitulada *Poéticas e internacionalização*, organizada por Andrei Cunha e Cinara Ferreira e publicada em 2020 pela Bestiário/Class em Porto Alegre. Demingos teve como objetivo, nesse trabalho, analisar os processos de sujeição na obra de Louis, através de relações de poder, utilizando, para tal, as contribuições de Judith Butler sobre o tema.

Também descobrimos um artigo publicado no volume 33 da revista *Psicologia Clínica* de maio/agosto do ano passado, cujos autores são Daniel Boianovsky Kveller, Rafael Cavalheiro e Léo Tietboehl, intitulado *Infâncias, teorias queer, psicanálises: para além do princípio do progresso e da heteronormatividade*. Os pesquisadores tinham por objetivo refletir sobre os conceitos de trauma e de pulsão de morte, assim como, discutir “a potência disruptiva e desestabilizadora da queeridade em relação a algumas estratégias discursivas conservadoras que circulam pelo espaço público” (p. 237) na obra.

Além dos trabalhos referentes à primeira obra de Édouard Louis, encontramos, a partir da mesma metodologia de buscas, uma resenha sobre o segundo romance do escritor, *Histoire de la violence*. A resenha, na verdade, diz respeito à tradução brasileira lançada em janeiro de 2020 e aparece no número 10 (abril/junho 2021) da revista *Communitas* da Universidade Federal do Acre. O texto crítico foi elaborado por Leonardo Lani Abreu, professor adjunto do Curso de Direito da referida universidade.

Dentro desse contexto de moderada produção acadêmica no que se refere à obra de Louis, a nossa dissertação de mestrado pretende, numa dimensão micro, fomentar o interesse nacional pela obra do autor, colocando-a em lugar de destaque não só científico, mas também social e, assim, contribuir para o aumento do volume de trabalhos no Brasil sobre os

romances do autor, que também é sociólogo e estudioso da obra de Pierre Bourdieu. Acreditamos que esse movimento também incentiva, em uma dimensão macro, o interesse pelas literaturas de temática LGBTQIA+ em geral. As discussões sobre essas literaturas precisam ser feitas para que, nas mesmas ou em maiores proporções, o consumo intelectual dessas histórias se multiplique.

Metodologicamente, a nossa pesquisa é de cunho teórico qualitativo e, assim, toma a psicanálise, fundada pelo médico neurologista e intelectual austríaco Sigmund Schlomo Freud (1856-1939), como instrumento de análise. Corroborando com a perspectiva de Jean Bellemin-Noël (1983), professor de literatura francesa da Universidade de Paris, que diz que a psicanálise ajuda a ler melhor a literatura, acreditamos ser possível fazer um casamento entre o pensamento psicanalítico e o nosso *corpus* literário. Nossos fundamentos teóricos estão alicerçados nas contribuições da psicanálise para os estudos literários, mormente no que se refere aos conceitos do desejo, do gozo e da dor psíquica, categorias analíticas de nosso estudo. Por outro lado, teóricos da história das homossexualidades no Ocidente, nos são de fundamental importância para enriquecer nossas discussões.

Com isso, nosso objetivo é identificar as configurações da dor e do gozo de entender e viver a própria homossexualidade em um contexto de degradação social, penetrando nas estruturas subjetivas do narrador-personagem, reveladas a partir do(s) discurso(s) de Eddy, a fim de elucidar como ele concebe subjetivamente sua orientação sexual e as consequências disso nesse contexto. Os signos do homoerotismo e da homofobia são (re)interpretados como traços de uma poética do desejo e da violência, respectivamente. Buscamos entender como Eddy Bellegueule se coloca diante da(s) dor(es) e do(s) prazer(es) de ser homossexual. Para tal, nos colocamos em uma posição similar à do analista clínico, acompanhando o personagem em seu processo, “escutando-o”, fazendo observações a partir de seu discurso, sem julgamentos. Nesse movimento, demonstraremos como a relação literatura-psicanálise é profícua e proporciona enriquecimento mútuo para as duas áreas.

A dicotomia entre o gozo e a dor, que são duas experiências contrárias, porém surpreendentemente complementares, desencadeia uma série de (des)ajustes na estrutura subjetiva do personagem. Essas confusões permeiam toda a narrativa e justificam a eleição da psicanálise como instrumento de análise para fazer uma leitura qualificada do texto literário em tela. Dor e gozo são conceitos distintos, porém, como já dito, muito próximos um do outro. Juntos, eles ferem, mas, ao mesmo tempo satisfazem Eddy, uma vez que, atualmente, o espaço reservado aos homossexuais é predominantemente o de execração e cabe a eles encontrarem prazeres em lugares de dor e vice-versa. Para essa reflexão trazemos à tona os

estudos de Sigmund Freud em *Além do princípio do prazer* (1920) e Jacques Lacan, em *O Seminário 7* (1959-60). O que propomos, então, é discutir a temática do desejo homossexual do narrador-personagem, Eddy Bellegueule, e seus obstáculos, isto é, os discursos e as práticas homoeróticas e homofóbicas, traduzidas, respectivamente, pelos conceitos de dor e gozo para a psicanálise.

A dissertação está estruturada em três capítulos. No que se refere ao primeiro deles, realizamos uma incursão pela história das homossexualidades e, assim, inevitavelmente, por extensão, pela história da literatura homoerótica, desde as civilizações clássicas que compõem a Antiguidade Ocidental até os dias atuais. Nesse sentido, nos foram caras as contribuições de variados teóricos, de diversos territórios geográficos e momentos históricos. Sobre a história da homossexualidade consultamos William Naphy, célebre estudioso de questões ligadas a gênero e a sexualidade. Em seu livro *Born to be gay: história da homossexualidade*, traduzido por Jaime Araújo para a Edições 70 de Lisboa (2006), ele faz um apanhado geral de toda a história da homossexualidade não apenas no Ocidente, mas também no Oriente, sendo esta a obra mais completa sobre história das homossexualidades à qual tivemos acesso. Especificamente sobre a história da literatura homossexual, nos servimos da obra original de Gregory Woods, *A history of gay literature* (1998). No que diz respeito à época da Antiguidade Grega, consultamos a obra de referência sobre o assunto *A Homossexualidade na Grécia Antiga*, do erudito britânico Kenneth James Dover, traduzida por Luís Sérgio Krausz (1994). Sobre questões gerais sobre a homossexualidade e a homocultura recorremos a um livro e a um estudo do antropólogo e historiador Luiz Roberto de Barros Mott. O livro tem por título *Crônicas de um gay assumido* e foi lançado em 2003, nele, Mott apresenta um copilado de 50 crônicas sobre a homossexualidade publicadas em jornais e revistas brasileiras na década de 90 do século passado. No prefácio desta obra, o autor se autointitula como o “decano” dos estudos sobre esses temas no Brasil. Já o estudo se refere a um artigo de 2001 publicado na Revista USP e intitulado *A revolução homossexual: o poder de um mito*, do qual nos servimos para apresentar e discutir as relações de poder milenares que submeteram as homossexualidades às lógicas da religião.

Confrontando teóricos tão diversos, entendemos que a homossexualidade foi possível em várias sociedades, contudo, para que existisse, sempre havia uma série de prerequisites culturais, legais, religiosos e morais a serem observados pelas respectivas instituições controladoras. Qualquer prática ou discurso que ultrapassasse os limites preestabelecidos era passível de execração social ou mesmo punição criminal por parte dos contraventores. Veremos que uma grande vítima desse tipo de sistema foi o autor britânico Oscar Wilde, que

foi condenado formalmente à prisão segundo às leis britânicas de sua época, que puniam a homossexualidade com rigor. Sendo assim, observamos que as homossexualidades têm um duplo: a homofobia. Para descrever os signos da violência homofóbica nos debruçamos sobre a obra de Daniel Borrillo (2010) que se preocupou em problematizar questões relacionadas ao medo e aversão por parte do todo social aos homossexuais, colocando-os em um lugar de exceção.

No segundo capítulo, debruçamo-nos sobre o aprofundamento das discussões do enlace entre literatura e psicanálise. Partimos da história da psicanálise até as preocupações modernas sobre a cultura, principalmente no tocante à homossexualidade. As discussões envolvendo psicanálise e sexualidade e psicanálise e homossexualidades são fundamentais. Como Eddy tem experiências homoeróticas a partir de sua infância, elaboramos uma interlocução com o pensamento de Freud, que desenvolveu em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) uma robusta teoria que nos apresenta as fases do desenvolvimento sexual infantil. O pai da psicanálise discorre sobre o objeto sexual e também sobre a homossexualidade que, à época, era entendida como *inversão*. De maneira revolucionária para a época, Freud demonstra como a sexualidade é construída desde os primeiros meses do bebê e não apenas na fase adulta como se pensara outrora.

Todo esse arcabouço teórico que descrevemos nos conduziu ao terceiro capítulo, no qual apresentamos a análise do nosso *corpus*. Propusemo-nos a interpretar os significantes discursivos do narrador-personagem, Eddy, no que se refere ao desejo homossexual e do discurso conflitante, o da homofobia, a partir de uma leitura histórica e psicanalítica, a fim de entender como ele concebe subjetivamente sua orientação sexual. Entendendo os dispositivos e configurações do homoerotismo e da homofobia como traços de uma poética do desejo e da violência, respectivamente, descobrimos que a dor de ter um desejo destoante do da maioria do todo social deixa sequelas irreversíveis na vida do personagem principal da história que, inclusive, muda o próprio nome para deixar seu passado de dores e prazeres marginalizados para trás. Por outro lado, esse lugar não é apenas de dor e o desvelar de sentimentos e desejos periféricos levam Eddy e também alguns de seus algozes aos lugares (im)prováveis, indizíveis e, por isso, inquietantes do prazer. Assim, naturalmente, neste capítulo, surgem novas discussões exigidas pela diversidade do nosso *corpus* literário que não se encaixavam nos dois primeiros capítulos do trabalho, como é o caso da interpretação pornográfica de algumas das passagens do romance.

“O fim de Eddy”, como o próprio título da obra traduzido em português evoca, consiste no reencaminhamento do personagem, reinserido em um novo ambiente geográfico

(a cidade de Amiens) e discursivo, percebendo-se assim como uma nova pessoa, mais inclinada a aceitar sua poética homossexual/homoerótica ao invés de lutar contra ela se colocando no polo padrão dos *durões* do seu antigo vilarejo em Hallencourt.

2 A ODISSEIA HOMOERÓTICA: OS PERCURSOS HISTÓRICOS DAS HOMOSSEXUALIDADES

Neste capítulo, vamos retroceder alguns milênios na história da humanidade, especialmente, no que se refere às sociedades *ocidentais*⁶, a fim de entender como as homossexualidades eram vistas pelos mais variados povos que, mesmo distantes de nosso tempo, exerceram influência sobre a forma de pensar e lidar com as relações eróticas entre dois homens. Também nos interessa saber de que maneira isso se refletiu nas literaturas correspondentes e os respectivos impactos sobre os modos de fazer, ler e pensar literatura homoerótica. Para tal, recorreremos a registros literários e fontes históricas. Revelaremos como as homossexualidades eram enxergadas nas sociedades ocidentais e literaturas da Idade Antiga até a contemporaneidade.

Veremos que, em várias de nossas sociedades primitivas, as homossexualidades se fizeram presentes dentro dos paradigmas permitidos (ou não) pelos respectivos povos e culturas, subordinadas a um conjunto de regras pré-estabelecidas. Alguns textos literários dessas mesmas sociedades nos legaram personagens homoeróticos que serão apresentados e discutidos no decorrer do capítulo. Ainda que, talvez por censura ou repressão de sociedades posteriores, o que não se pode afirmar com veemência, poucos registros dessas práticas e dessas literaturas nos foram legados. É possível que uma parte importante desses textos pode ter sido destruída pelas sociedades posteriores que viam as homossexualidades com maus olhos, mas não podemos avançar nas suposições por falta de dados concretos. Nesse sentido, quando julgarmos possível, não fugiremos das controvérsias motivadas pelas lacunas deixadas nas entrelinhas dos textos que sobreviveram ao nosso tempo e apresentaremos leituras múltiplas sobre personagens homoeróticos ou mesmo entendidos como tal. Como exemplo disso, podemos dizer que alguns pesquisadores das homossexualidades, como o psicanalista Roberto Graña (1998), apontam que há entre Pátroclo e Aquiles, dois personagens da epopeia *Ilíada*, de Homero, o estabelecimento de uma relação homoerótica, mesmo que nenhuma passagem do texto corrobore explicitamente com essa afirmação.

⁶ Entendemos que o termo “ocidental” é inespecífico e redutor, logo, contestável. Mas, neste trabalho, ele é utilizado de maneira operacional, a fim de delimitarmos um território geográfico que se comunique com o nosso *corpus* literário. Uma vez que nosso objetivo é construir discussões que fomentem uma análise da obra em questão. Por Ocidente, aqui, pretendemos nos referir às nações europeias e parte considerável de suas colônias e ex-colônias na América e na Oceania. Além disso, segundo William Naphy, uma história das homossexualidades deve considerar as histórias ditas não ocidentais também. Concordamos com Naphy, mas, até pela natureza do nosso estudo (uma dissertação de mestrado) não podemos ser tão abrangentes.

Discutiremos, por outro lado, a origem dos termos “homossexualismo”, “homossexualidade” e “homoerotismo” e suas respectivas mudanças e variações. Veremos que, até a segunda metade do século XVIII, as homossexualidades foram silenciadas pela inexistência de uma nomenclatura, apesar de as práticas, discursos e registros escritos sobre elas sempre existirem no decorrer de nossa história nos mais variados gêneros textuais e também na literatura. Elucidaremos por que escolhemos utilizar o termo no plural e não no singular, como geralmente é apresentado.

Nosso objetivo em fazer todo esse percurso é mostrar que o nosso *corpus* é uma pequena partícula dentro de um vasto universo temporal e trilhar os caminhos que levam a discutir como a obra se insere dentro do contexto literário no qual foi escrita. Logo, nosso destino final é no momento atual francês, no qual há uma profusão de romances de temática homoerótica. Entendemos que muitas vozes, corpos e existências se insurgiram ou se conectaram à homossexualidade até que o romance *En finir avec Eddy Bellegueule* tenha sido lançado por uma das maiores e mais respeitadas editoras da França, a *Éditions du Seuil*. Esses conflitos serão descritos nas próximas páginas.

2.1 “O AMOR QUE NÃO OUSA DIZER SEU NOME”: A GÊNESE DO TERMO HOMOSSEXUALIDADE(S)

As relações amorosas e sexuais entre pessoas do sexo masculino são de nosso conhecimento desde os primórdios das civilizações, logo, também estão presentes nas manifestações literárias desses períodos e dessas sociedades antigas. Roberto Graña (1998, p. 9) afirma que é possível perceber uma poética da homossexualidade na literatura há aproximadamente cinco mil anos (c. séc. XIII a.C.). Ele se refere à mais antiga epopeia preservada da história humanidade, o épico *Gilgámesh*⁷. Escrito em caracteres cuneiformes sobre tabuinhas de argila pelos sumérios, o registro literário, considerado o mais antigo da história da *Humanidade*, é atribuído ao “exorcista” (mašmaššu) Šîn-lēqi-unninni (BRANDÃO, 2015). Há uma história de ódio, amor homoerótico e morte entre o personagem-título e Enkídu.

⁷ Como se trata de transliterações do sumério ao português, há, ortograficamente, no que se refere aos nomes próprios do herói mítico Gilgámesh e do personagem Enkídu variações. Aderimos a essas versões que são as grafias adotadas por Jacyntho José Lins Brandão, pesquisador e tradutor da obra para o português do Brasil, mas, em citações diretas, reproduziremos sempre a escolha do autor em questão.

Colocando *Gilgámesh* como marco histórico do homoerotismo na literatura e, assim, na *Humanidade*, abrimos margem para outra discussão: considerando que as práticas sexuais e ou afetivas entre dois homens são tão remotas, como podemos nos referir a elas? A resposta depende de variados fatores, sobretudo, sobre a qual momento da história do *Ocidente* e a qual teórico das homossexualidades nos referimos, tendo em vista que nem sempre há consenso entre eles, como veremos mais adiante.

A fim de melhor entender o que chamamos de “odisseia homoerótica”, trazemos, primeiramente, o filósofo francês Michel Foucault para nossa discussão. Ele revela que a sexualidade humana foi subordinada, até o final do século XVIII, a pelo menos três dimensões discursivas da sociedade (2015, p. 41). Segundo nossa interpretação, essas instâncias se estendem consequentemente, e talvez com maior intensidade, à homossexualidade. Se partimos do pressuposto de que as normas sociais de nosso tempo, na maioria dos *países ocidentais*, validam apenas uma orientação sexual, qual seja, a heterossexual, existir com uma sexualidade oprimida é um desafio ainda maior. Diante disso, a partir do que Foucault apresenta, podemos afirmar que, no período supracitado, discursos médicos enxergavam a homossexualidade como doença; discursos religiosos a entendiam como pecado e discursos morais a puniam dentro dos rigores da lei, por considerá-la crime. Não seguir as diretrizes dessas três esferas era (e continua a ser) garantia de enfrentar discriminação por parte do todo social. Coincidência ou não, em estados nos quais a religião tem pouco prestígio, como é o caso da Suécia⁸, que foi o primeiro país do mundo a legalizar a homossexualidade (LINS, 2017, p. 182), os homossexuais podem ter uma vida com mais liberdades e com menos entraves a suas existências, corpos e pensamentos, ainda que com considerável resistência de setores conservadores da sociedade.

Mas nem sempre a vida dos homossexuais foi tão desafiadora assim. Se recuarmos, por exemplo, ao período da Antiguidade, no qual, segundo o historiador William Naphy (2006), as religiões em voga no Oriente Médio, antes do surgimento do monoteísmo na forma do judaísmo (e, mais tarde, do cristianismo e do islamismo), estavam repletas de todas as variações e permutações da atividade sexual (p. 20), o que abarcava, inclusive, práticas homossexuais. Mas não era apenas o culto ao divino que estava conectado às mais plurais manifestações sexuais. Os próprios deuses e as próprias deusas adorados e adoradas por essas

⁸ Na Suécia, 85% da população é de ateus ou pessoas sem religião alguma. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-e-o-pais-com-mais-ateus-no-mundo/>>. Acesso em: 31 maio 2022.

sociedades da Antiguidade eram sexualmente ativos e ativas e mantinham relações entre eles e elas e também com mortais:

[...] no Egito, o deus Osíris teve uma relação sexual incestuosa com a irmã (Ísis), da qual resultou o deus Hórus. A grande deusa da Babilônia, Istar, seduziu o herói mitológico Gilgamés, ele próprio envolvido com outro herói, um homem; em Canaã, El (o deus principal) teve relações sexuais com Asherah. [...], na religião hindu, o deus Crixna mantinha-se sexualmente activo com as suas muitas mulheres enquanto o deus Samba, filho de Crixna, seduzia mulheres e homens mortais. Na mitologia grega, Zeus casou com Hera, andou atrás de mulheres, raptou um belo jovem (Ganimedes) e masturbava-se; Posídon desposou Anfitrite, perseguiu Deméter e violou Tântalo; Apolo era reconhecidamente bissexual. Essa sexualidade desenfreada e indiferenciada também era também característica das crenças romanas relativas aos deuses (p. 20).

Retomando o questionamento sobre a terminologia que define a interação sexual e ou afetiva entre dois homens, podemos afirmar que, mesmo que essas relações existam há milênios e nas mais variadas sociedades e suas respectivas literaturas, a criação de um termo que as representasse é relativamente recente. A palavra *homossexualismo* aparece pela primeira vez em 1869⁹. A esse respeito, temos uma controvérsia entre dois autores.

Jimena Furlani dedica um capítulo de seu livro *Mitos e tabus da sexualidade humana* completamente à homossexualidade. Segundo ela, o termo *homossexualismo* foi cunhado por um médico húngaro chamado Karoly Maria Benkert. Ela acrescenta que essa criação foi produto dos discursos da medicina ocidental e tinha o objetivo de definir uma maneira de comportamento desviante e perversa entre pessoas do mesmo sexo. Por outro lado, Mott (2003) de maneira incisiva diz se opor aos pesquisadores e teóricos que fazem essas afirmações. Segundo ele

[...] este termo não foi inventado por um médico com vistas a reprimir os praticantes do ‘amor proibido’.

A verdade histórica já comprovada desde os inícios dos anos 80 [...] é que o inventor do termo homossexual e homossexualismo não era um médico e sim um jornalista e advogado húngaro, Karol Maria Kertbeny, que escreveu este conceito pela primeira vez nos jornais em 1869. [...] Exatamente para lutar contra o parágrafo 175 do Código Penal Alemão, que condenava os praticantes do amor do mesmo sexo à prisão com trabalhos forçados (p. 232-3, aspas do autor).

Como vemos, há uma oposição frontal entre Furlani e Mott não só no que se refere à terminologia criada em 1869 e suas circunstâncias e objetivos específicos, mas à grafia do nome do criador da expressão e sua identidade e profissão. Inclino-nos, sobremaneira, às

⁹ A utilização do termo “homossexualidade” em nossas exposições e discussões que antecedem o ano de sua criação é feita de modo operacional. É dessa forma que a maioria dos teóricos que reunimos neste trabalho procede.

fundamentações de Mott porque levamos em conta o considerável volume de pesquisas que ele possui sobre o tema, inclusive, ele é um dos autores citados por Furlani na composição de seu livro. De qualquer forma, não julgamos que uma informação equivocada, mas que, segundo o próprio Mott, está amparada em autores internacionalmente prestigiados como Foucault e Peter Gray (p. 232), desqualifique toda a obra de Furlani. Inclusive, seguimos com ela quando explora as grafias das palavras. Antes de iniciar essa outra discussão, acrescentamos mais argumentos de Mott na desconstrução da imagem médica atribuída a Kertbeny. Segundo o pesquisador brasileiro, Kertbeny usou o pseudônimo de Dr. Benkert para, por um lado, se proteger de possíveis represálias, tendo em vista que a homossexualidade era perseguida naquele contexto e, por outro, queria conferir maior respeitabilidade à defesa dessa minoria, mesmo que nunca tivesse sido de fato médico. Inclusive, ao contrário do que se pensou por muito tempo, Karol Maria Kertbeny era um militante pelos direitos dos homossexuais, embora não se saiba ao certo se ele era homossexual (MOTT, p. 233).

Isso posto, partamos para o momento em que o termo *homossexualismo* sofre uma importante alteração. No decorrer do século XX, as ciências médicas entenderam que a terminologia mais adequada para representar a atração erótica e/ou afetiva entre pessoas do mesmo sexo era homossexualidade, o que foi acompanhado pela sociedade, fazendo com que o termo homossexualismo caísse em desuso por conferir à homossexualidade um caráter de atividade patológica. É o que afirma Furlani ao desmembrar os dois termos, revelando, assim, as ideologias que cada um deles comporta em suas estruturas essencialmente híbri

HOMOSSEXUALISMO (o termo original), é uma palavra híbrida, formada pela fusão de três radicais de origem lingüística distinta: 1. do grego, *homo* = ‘igual, semelhante, o mesmo que’; 2. do latim, *sexus* = sexo; 3. do latim, *ismo* = ‘próprio de’, ‘que tem natureza de’, ‘condição de’. O sufixo *ismo* ao ser incorporado reforçou na representação da palavra os pressupostos da época (religioso-moralista, médico-patológico, jurídico-criminal) para os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, ou seja, algo de natureza anormal, essencialmente patológico, doente, desviante, perverso, pecaminoso. A partir do momento em que esse tipo de atração erótica começou a ser re-significado pelas ciências do século XX o termo HOMOSSEXUALIDADE (do latim, sufixo *dade* = ‘qualidade de’) passou a ter a preferência de muitas pessoas por referir a este tipo de relacionamento, não como uma condição desviante ou doença, mas sim, como uma possibilidade legítima de homens e mulheres viverem seus afetos e prazeres (2009, p. 153-4, grifos da autora).

Na esteira dessas discussões terminológicas¹⁰ e mudanças no pensamento e entendimento das sociedades ocidentais, em 1973, a homossexualidade deixou de ser considerada um transtorno antissocial de personalidade, sendo retirada do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e, em 1993, a Organização Mundial da Saúde (OMS) seguiu o mesmo caminho, retirando-a da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID)¹¹.

Gostaríamos de ressaltar que é nesta década que Édouard Louis nasce, logo, malgrado todas as dificuldades pelas quais o autor passou na infância e adolescência (e certamente ainda passa na idade adulta), podemos dizer que ele dispôs de mais recursos do que outros autores de outras épocas, incluindo, a possibilidade de lançar seus romances de temática homoerótica sem, assim, colocar sua liberdade e mesmo sua vida em risco. Podemos citar, como exemplo de caso adverso, o do escritor Oscar Wilde, que lançou o romance *O Retrato de Dorian Gray* cem anos antes do nascimento de Louis, em uma Inglaterra da Era Vitoriana tomada pelo ódio aos homossexuais, que eram uma das ameaças àquela sociedade conservadora. O preço que ele pagou por lançar esse romance foi altíssimo. A crítica literária o considerou extremamente imoral, sobretudo por causa das conexões homossexuais entre as personagens, e, como agravante, no ano de lançamento da obra, foi descoberta, de maneira escandalosa, a relação homoafetiva de Wilde com Lord Alfred Douglas. A esse respeito, o pesquisador Leandro Souza Borges Silva (2020) acrescenta que o escritor é

[...] considerado um dos precursores do movimento gay pelo mundo. No auge de sua carreira, Oscar Wilde envolveu-se num escândalo ao se relacionar com o jovem Lord Alfred Douglas, sendo indiciado e condenado em 27 de maio de 1895, acusado de imoralidade – na época, a homossexualidade era considerada crime –, tendo de pagar a pena de dois anos de prisão com trabalhos forçados (p. 317).

A frase *I am the Love that dare not speak its name* que traduzimos como “Eu sou o Amor que não ousa dizer seu nome”, na verdade, é o último verso de um poema chamado *Two Loves* (Dois amores), escrito por Douglas em homenagem a Wilde. O poema foi lançado na revista *The Chameleon* no final do século XIX. No mesmo tribunal no qual foi julgado e posteriormente condenado por indecência e sodomia, Oscar Wilde foi indagado sobre *que Amor* seria esse. A acusação visava a uma explicação sobre tal eufemismo para a homossexualidade

¹⁰ Segundo o pesquisador Anderson Fontes Passos Guimarães (2009, p. 556), após o incidente de Stonewall, surge o termo *gay* como forma de apagar o teor psiquiátrico por trás da palavra homossexual. No entendimento de Guimarães, *gay* é um termo politizado e menos estigmatizante, da militância. Afirma ainda que, originariamente, *gay* se referia ao homossexual masculino passivo.

¹¹ A OMS considerava a homossexualidade, então catalogada como homossexualismo, como desvio e transtorno sexual desde 1948 (FURLANI, 2009, p. 154).

com o objetivo de pressioná-la a confessá-la e, assim, fazer com que a situação do autor se complicasse ainda mais (TEARLE, 2021)¹². A expressão foi mencionada por Wilde também em *De Profundis*¹³ e, de maneira equivocada, se consagrou como se tivesse sido criada pelo próprio Oscar Wilde. Pela sua carga simbólica e relevância histórica, acreditamos que o verso era ideal para nomear nosso primeiro subcapítulo, sobretudo pela afinidade temática com o que estamos discutindo.

Esse é um exemplo típico que mostra de que forma os discursos morais afetavam os homossexuais na época de Wilde no contexto específico da Inglaterra vitoriana, operando punições severas àqueles que não se encaixavam nos seus preceitos de higiene moral. Nesse sentido, trazemos Foucault (2015) novamente para discussão. Ele postula que o aparecimento dos discursos sobre a homossexualidade, no século XIX, permitiu um avanço dos controles sociais sobre ela, mas, por outro lado, possibilitou também um discurso de reação. É a partir desses discursos conflitantes que a homossexualidade passa a *existir* (grifo nosso). Nas palavras do filósofo francês:

[...] o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e ‘hermafroditismo psíquico’ permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de ‘perversidade’; mas, também, possibilitou a constituição de um discurso ‘de reação’: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua ‘naturalidade’ e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico. [...] (p. 111, aspas do autor).

Na tentativa de demonstrar o caráter reducionista do termo até então convencionalizado, julgamos necessário que ele sofra uma modificação a fim de torná-lo mais abrangente, sendo assim, utilizaremos neste trabalho, sempre que possível for, *homossexualidades*¹⁴. Essa flexão de número está de acordo com a elaboração intelectual do psicanalista carioca Antonio Quinet (2013) para quem não há a figura do homossexual generalizado, sendo necessário entender que “existem homossexuais: patentes, latentes ou sublimados” (p. 90). Quinet alerta que

¹² Disponível em: <<https://interestingliterature.com/2021/03/love-dare-not-speak-its-name-quote-origin-meaning/>>. Acesso em: 31 maio 2022.

¹³ Trata-se de epístolas escritas durante o período em que Wilde esteve preso, endereçadas a Douglas. Foram publicadas pela primeira vez em 1905, após a morte de Wilde, com o empenho inquestionável de seu amigo Robert Ross, já que Douglas queria impedir a difusão do conteúdo. Na edição que consultamos, da L&PM Pocket (2011), traduzida por Júlia Tettamanzy e Maria Angela Saldanha Vieira de Aguiar, temos um prefácio escrito pelo filho de Wilde, Vyvyan Holland de junho de 1949 (que acompanha as edições da obra desde então), no qual ele explica todo o histórico de lançamento da obra com seus êxitos e entraves.

¹⁴ É importante frisar que também lançamos mão do termo *homoerótico* (inclusive, em nosso título) para nos referirmos, sobretudo, às relações tipicamente sexuais entre pessoas do sexo masculino.

“Qualquer teoria que generalize a homossexualidade é falsa, qualquer etiologia única que diga ‘como se faz um homossexual’ é preconceituosa e toda patologização da homossexualidade é racista. [...]” (2013, p. 90, grifo do autor). Em outro momento, ele diz que “[...] cada caso de homossexualidade masculina terá sua teoria própria a ser construída a partir de sua análise, pois qualquer universalização do desejo é impossível.” (p. 103). Este pensamento dialoga em conformidade com o que dizem os pesquisadores Peter Fry e Edward MacRae (1983) no livro *O que é homossexualidade*. Eles enxergam a homossexualidade como uma infinita variação sobre as relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo.

Diante disso, optamos pelo plural por entendermos que ele nos proporciona uma abordagem mais variada da homossexualidade. Acreditarmos que assim conseguimos traduzir melhor a variedade das pessoas que são representadas pelo termo. O simples acréscimo da letra “s” faz com que a palavra acolha e represente todos os homossexuais, para que assim evitemos clichês e generalizações o máximo possível. Aqui, consideramos tanto os que se rebelam contra a sociedade opressora, quanto os que se escondem no *armário*, além dos que estão posicionados em qualquer lugar entre esses dois extremos, inclusive, os que afirmam com todas as letras que não se sentem representados pelo termo e pelo(s) *movimento(s)* que ele enseja. Cada indivíduo vive sua homossexualidade a seu modo, de maneira única, muitas vezes, inclusive, negando-a, combatendo-a e tentando se livrar dela. Há uma dificuldade tão evidente de representar a diversidade sexual e de gênero em um termo, a ponto de dispormos de uma sigla extensa com várias letras e, mais recentemente, o símbolo + que também é criticado por, na visão de algumas pessoas da própria comunidade, excluir sexualidades mais “periféricas”, silenciando-as e dificultando, assim, suas existências e lutas específicas.

Isso acontece porque a sexualidade humana é fluida e complexa. Qualquer tentativa de encerrá-la em conceitos deterministas, totalitários ou fundamentalistas tende a fracassar por não conseguir dar conta do todo, pairando na superficialidade e no reducionismo. A esse respeito, William Naphy (2006) diz que não se deve atribuir a homossexualidade ou heterossexualidade de um indivíduo apenas a uma predisposição genética ou apenas a uma questão de criação ou mesmo a uma combinação dos dois fatores. Por isso, entendemos que as discussões devem privilegiar a pluralidade de pensamentos e práticas, além do rigor científico, entendendo que nenhum estudo por mais bem desenvolvido que seja vai esgotar as causas da homossexualidade ou determinar seus signos. O trabalho do pesquisador nessa área será o de entender as tendências e os funcionamentos dos períodos e realidades estudadas. Tomaremos o cuidado de não sermos categóricos em nossas descobertas e análises.

Ainda, entendemos que a discussão sobre a origem da homossexualidade não se justifica por não contribuir substancialmente para os estudos do homoerotismo/homossexualidade. Pensemos que, certamente, não há quem se pergunte sobre a origem ou as causas da heterossexualidade. Logo preferimos entender a orientação sexual de um indivíduo como uma possibilidade, rechaçando os determinismos ditos biológicos ou sociais.

2.2 “CRESCER E MULTIPLICAR-VOS SOBRE A TERRA”: AS HOMOSSEXUALIDADES NAS ESCRITURAS SAGRADAS

O antropólogo e historiador Luiz Roberto de Barros Mott (2001) apresenta o “surgimento” da homossexualidade como um mito da cultura ocidental. Partindo de registros bíblicos, neste caso, o livro de *Gênesis*, ele nos revela que o então pastor Abraão, há aproximadamente quatro mil anos, na Caldeia, teria relatado a seus parentes e vizinhos ter recebido revelações do próprio Deus, que o agraciara com a honra de ser o fundador de uma civilização forte e próspera, o povo judeu. Essa fundamentação mitológica deu origem às três principais religiões da atualidade: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo (p. 42).

Sendo assim, o mito abraâmico da povoação nos ajuda a entender não só de que maneira se fundou nossa atual sociedade, mas também os motivos pelos quais alguns de seus princípios, como o da procriação, se solidificaram e perduram até hoje. A homossexualidade¹⁵ seria uma ameaça para o projeto de sociedade pensado por Abraão e supostamente referendado pelo Criador, e, como tal, deveria ser combatida e punida.

O mito abraâmico da povoação se refere à criação de uma sociedade com princípios singulares, a fim de ter a tão almejada longevidade. Logo práticas sexuais não-reprodutivas eram interditas, assim como o prazer do ato sexual. Era necessário respeitar as determinações do próprio Criador: “[...] cresci e multiplicai-vos sobre a terra, e enchei-a” (Gn, 9, 7). Além disso, ainda segundo Mott (2001), a multiplicação da população favoreceria a criação de um exército capaz de evitar invasões estrangeiras e o iminente desaparecimento do povo hebreu. A homossexualidade era condenável mais do que qualquer outra prática

¹⁵ Como vimos há pouco, até meados do século XVIII, não chamávamos os discursos e práticas homossexuais como tal porque, até então, não tínhamos um nome para esse desejo. Contudo utilizaremos esse termo no decorrer de todo o trabalho para nos referirmos à interação sexual e/ou afetiva entre dois homens de maneira operacional, como frisamos anteriormente.

sexual adversa, porque haveria duplo desperdício do sêmen, se considerarmos que, por exemplo, na masturbação, apenas um homem desperdiçaria o material, no coito homossexual teríamos dois homens desperdiçando-o. Desta forma, exercer a homossexualidade passou a ser um crime de lesa-nacionalidade. Ademais, havia uma questão genuinamente moral, o líquido deveria ser injetado no lugar “correto”, o “vaso natural da mulher” e não em um lugar considerado inadequado, o ânus, um “vaso impuro” (p. 43).

Para Naphy (p. 38), na Bíblia, há uma abordagem extremamente utilitária para o ato sexual. Cada mandamento na lei bíblica que se refere ao sexo se dedica a garantir a procriação, por esse motivo a homossexualidade masculina é explicitamente condenada, ao contrário do que acontece com o lesbianismo que sequer é mencionado. Ainda segundo Naphy, o foco bíblico está na procriação e não na homossexualidade em si. O judaísmo atacou a homossexualidade masculina a fim de garantir que a penetração, que deveria, unicamente, ser do pênis na vagina, fosse pró-criativa (p. 38-9). Ou seja, o único objetivo do ato sexual para essa fundamentação teológica é a geração de novos descendentes, o prazer, para os judeus, sobretudo o prazer homossexual, era totalmente desprivilegiado e execrável. A esse respeito, o livro de Levítico é bem enfático: “Não usarás do macho, como se fosse fêmea, porque isto é uma abominação.” (Lv, 18, 22). Neste versículo temos uma advertência. Mais adiante, no mesmo livro, temos outro versículo que apresenta as possíveis consequências da desobediência à essa recomendação divina: “Aquele que dormir com macho, abusando dele como se fosse fêmea, morram ambos de morte, como quem cometeu um crime execrável: o seu sangue recaia sobre eles.” (Lv, 20, 13). Aqui estamos utilizando a tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo (1725-1797) publicada em uma edição brasileira da Bíblia em 1979 pela editora Paumape, de São Paulo/SP. É importante frisar que se trata de uma tradução da Vulgata Latina e não diretamente dos idiomas originais (hebraico, aramaico e grego). Escolhemos esta edição, dentre tantas outras, por identificarmos que ela explicita uma terminologia exata, a fim de desvendar verdadeiramente a intenção da ideologia cristã, sem eufemismos, sem suavizações.

2.3 AS ELEGIAS SIMPÓTICAS: AS HOMOSSEXUALIDADES NA CIVILIZAÇÃO GREGA ANTIGA

No período clássico da Grécia Antiga, o relacionamento homoerótico era considerado uma prática pedagógica comum, um ritual de passagem por meio do qual a experiência e a sabedoria seriam transmitidas (ANDRADE, 2018). Essa relação entre dois homens é conhecida como pederastia e tinha por finalidade a transmissão de conhecimento de homens mais velhos, logo experientes e sábios, aos mais jovens. A relação era pautada, portanto, por um caráter muito mais pedagógico do que sexual. Segundo Kenneth James Dover, no que se refere às artes visuais do período, há centenas de vasos gregos que “representam homens mais velhos conversando com outros mais jovens, oferecendo-lhes presentes, cortejando-os ou fazendo-lhes pedidos, tocando-os ou abraçando-os” (1994, p. 18). O pesquisador destaca ainda que, nas pinturas desses vasos, é possível identificar, entre outras situações de intimidade entre homens, um homem preparando sua mão para tocar os genitais de um garoto ou mesmo um outro homem introduzindo seu pênis ereto entre as coxas dele¹⁶.

Ainda, a relação homossexual entre homens da mesma faixa etária era vista como antinatural, pois havia um entendimento de que um dos homens adotaria a posição de passivo, fazendo com que a própria masculinidade fosse traída, uma vez que dele se exigia o papel de cidadão ativo (CORINO, 2006). Sendo assim:

A relação homossexual básica e aceita pela sociedade ateniense se dava no relacionamento amoroso de um homem mais velho, o *erastes* (amante), por um jovem a quem chamavam de *eromenos* (amado), que deveria ter mais de 12 anos e menos de 18. Esse relacionamento era chamado *paiderastia* (amor a meninos), ou, como pode ser melhor compreendido, homoerotismo, e tinha como finalidade a transmissão de conhecimento do *erastes* ao *eromenos*. O que para nós pode parecer anormal, para os gregos era o paradigma da educação masculina, a *paideia* (educação) que somente se realizava pela *paiderastia* (CORINO, 2006, grifos do autor).

No contexto em tela, observamos que a prática homoerótica não era condenável nesse período, desde que se submetesse a um pré-determinado sistema de códigos de conduta. Qualquer configuração de relação ou postura que burlassem esses paradigmas não seria aceita pela sociedade da época. Ser afeminado, por exemplo, era motivo de desonra para o cidadão ateniense (CERQUEIRA, 2011). Contudo é necessário que levemos em consideração que

¹⁶ Essa modalidade de interação sexual é denominada de *coito intercrural*, prática comum na Grécia Antiga.

possivelmente nem todos os cidadãos atenienses respeitavam essas leis. É possível que todo esse sistema de regras tenha sido burlado em nome dos prazeres individuais dos agentes a ele subordinados, o que observamos nos dias de hoje. Por mais que as sexualidades não-normativas sejam execradas, a diversidade (r)existe onde e como pode, às vezes às margens, dentro de “armários”, às vezes explicitamente com os “megafones” amplificando suas vozes.

De qualquer forma, como podemos perceber, entre a sociedade da Grécia Antiga e o pensamento ocidental atual, a visão sobre a relação sexual entre dois homens mudou bastante. De prática pedagógica a atitude social e moralmente condenável, percebe-se que as práticas e discursos sobre a homossexualidade são diversos, a depender dos critérios legais, culturais e religiosos adotados pelas sociedades em questão e dos momentos históricos por elas experienciados. Por isso é necessário que consideremos vários aspectos. Daí a dificuldade de conceitualização da homossexualidade, sempre nos levando a concepções predominantemente subjetivas e inconclusivas. O que, de certa forma, é positivo, porque abre margens para reflexões complexas e exaustivas sobre o tema, que são importantes para a construção do conhecimento em ciências humanas.

No que se refere especificamente à literatura homoerótica, Dover se dedica a cinco fontes literárias que considera as mais importantes. Primeiramente, ele destaca a poesia homossexual do final do período arcaico e início do período clássico (entre os séculos VI e V a.C.), representada pelos “164 últimos versos (livro II) da coletânea de versos atribuídos a Teógnis de Mégara. Trata-se de uma sucessão de poemas breves [...] de caráter predominantemente homossexual, dirigidos a garotos ou expressando sentimentos com relação a eles (1994, p. 25).”

Em seguida, Dover se refere à comédia ática (século V a.C.), dando destaque especial ao comediógrafo Aristófanes, para quem a homossexualidade era uma boa fonte de material humorístico. Ele e os demais poetas cômicos do período clássico interessavam-se em oferecer a suas audiências um momento de liberdade das restrições impostas pelas leis, pela religião e pelas convenções sociais. “Por isso as personagens, em Aristófanes, realizam ambições inacreditáveis, [...] eles podem insultar, ludibriar, e triunfar sobre generais, políticos, administradores, intelectuais e até divindades. Este tipo de comédia caracteriza-se por um uso abundante de palavras obscenas [...]” (p. 26). Ainda segundo Dover, a língua da literatura grega séria (tanto da prosa como da poesia) é carregada de eufemismos, e suas alusões ao funcionamento do sistema genital e urinário mostram uma tendência à imprecisão. Os poetas cômicos são também herdeiros de uma tradição que dava aos poetas o direito de admoestar e

criticar a comunidade, e esta conjunção entre um papel didático e um papel liberador produz o mundo da comédia (p. 27).

Sobre Platão (428-347 a.C.), Dover cita dois trabalhos nos quais a homossexualidade ocupa um lugar privilegiado, *O Banquete* e *Fedro*. Nessas obras, há, essencialmente, discussões filosóficas sobre o amor, sobretudo o amor homoerótico. Na primeira delas, variados discursos se produzem a fim de definir o que é o amor (*eros*). No centro desse debate, estão envolvidos Sócrates, Fedro, Erixímaco, Aristófanes e Alcibiades, além de Agatão (anfitrião da festa que enseja o encontro, motivada pela sua vitória em um concurso de tragédias) e seu amante Pausânias. Dentre as mais variadas visões sobre o assunto, destacamos a de Aristófanes, que se propõe a falar sobre a origem mítica da humanidade. Segundo ele, existiram seres de três sexos distintos, o masculino, o feminino e o andrógino, duplos de si mesmos, até que Zeus os castigou por terem desafiado os deuses, assim, os dividiu ao meio e restaram apenas o feminino e o masculino:

Antigamente, nossa natureza não era como a de agora, mas muito diferente. Para começar, havia três sexos, e não dois apenas, como hoje: masculino e feminino. | Além desses, havia um terceiro, formado dos outros dois; o nome ainda subsiste, porém o sexo desapareceu. Em verdade, era o sexo andrógino, com a forma e o nome dos outros dois sexos, masculino e feminino (PLATÃO, 2011, p. 115).

Essa passagem é importante porque, na percepção de Aristófanes, tal divisão culminou com a incompletude desses seres. Isso explicaria a origem do amor: eles buscam no outro o que lhes falta a fim de restituírem partes de si que foram perdidas como, por exemplo, os membros, já que eram dotados de oito membros e, ao serem divididos ficaram com quatro. Além disso, antes de serem repartidos suas forças e vigores eram extraordinários, a divisão, então, os enfraqueceu. Isso explicaria não só o amor, mas também (destacando especificamente o que nos interessa para nossa discussão) a atração de um homem pelo outro:

Os que são cortes de seres masculinos procuram indivíduos do mesmo sexo, e, quando crianças, precisamente por serem fragmentos de homem, afeiçoam-se a estes e se comprazem em deitar-se juntamente com eles e em abraçá-los. | Desse tipo saem os melhores meninos e adolescentes, em virtude do seu natural, eminentemente viril. Há quem os acoime de despudorados, porém sem razão. Não é por falta de vergonha que assim procedem; por serem resolutos, corajosos e viris é que procuram ligar-se aos que se lhes assemelham. E a melhor prova, encontramos-na no fato de que são esses, exclusivamente, depois de homens feitos, que se ocupam com os negócios públicos. Quando adultos, afeiçoam-se aos jovens, b sem revelarem inclinação natural para o casamento e a procriação de filhos, que só aceitam como imposição legal; contentar-se-iam com passar juntos toda a vida, sempre celibatários. De qualquer modo, esses indivíduos terão de ser amantes ou amados de outros homens, por sempre se associarem aos seus semelhantes. Quando acontece encontrar alguém a sua metade verdadeira, de um ou de outro sexo, ficam ambos

tomados de um sentimento maravilhoso de confiança, | intimidade e amor, sem que se decidam a separar-se, por assim dizer, um só momento. Essas pessoas, que passam juntas a vida, são, precisamente, as que não sabem dizer o que uma espera da outra. Apenas poderia ser o prazer dos sentidos que leva cada um a procurar a companhia do outro (PLATÃO, 2011, p. 121).

Nessa passagem, vemos como Aristófanes descreve com riqueza de detalhes a conexão intrínseca entre dois homens, explicada através de uma fundamentação mitológica. Esse tipo de relato nas obras platônicas era possível porque, segundo Dover, por fazer parte da aristocracia ateniense, Platão “trafegava num setor da sociedade que certamente encarava fortes desejos e emoções homossexuais como perfeitamente normais”, logo, “o tratamento filosófico dispensado ao amor homossexual por Platão pode ter sido uma consequência do próprio ambiente em que ele vivia (p. 28).

A quarta fonte que Dover elege como marco literário sobre a homossexualidade na Grécia Antiga é um discurso do político ateniense Ésquines, a *Acusação de Timarco* (346 a.C.). Como já discutimos, a relação entre dois homens, na sociedade ateniense, era permitida desde que se subordinasse a um conjunto de regras pré-estabelecidas. Tudo que não se enquadrasse dentro desse sistema era passível de punições. No caso de Timarco, ele foi condenado ao escrutínio público, ou seja, a não mais participar da vida política de Atenas, por ter se prostituído a outros homens.

Finalmente, temos a poesia homossexual do período helenístico, a partir do século III a.C., em que há um número considerável de epigramas que versam sobre temas ligados à homossexualidade. Posteriormente, eles foram dispostos em antologias, sendo a principal delas, segundo Dover, a *Guirlanda de Meleagro*.

A fim de discutirmos uma controvérsia, retrocedamos ao período homérico, mas ainda no campo da literatura. Podemos afirmar que há uma relação homoerótica entre os heróis Aquiles e Pátroclo, da epopeia homérica *Ilíada*? Alguns estudiosos sugerem que, de maneira dedutiva, podemos dizer que sim, dada a relação íntima de amizade entre os dois e os fatos de Aquiles ter voltado a lutar para vingar a morte do amigo e exigir que suas cinzas sejam misturadas às dele quando vier a falecer. Um dos defensores dessa tese é o psicanalista e pesquisador Graña, para quem a *Ilíada* de Homero, é

a “narrativa que mais exalta o homoerotismo através da descrição do estreito laço amoroso que unia Aquiles e Pátroclo. A morte de Pátroclo provoca em Aquiles tamanha dor que ele, após esfregar o barro em seu rosto como expressão de pesar e cólera, lança-se sobre os troianos com tal ira (a “ira de Aquiles”), a ponto de definir, quase que solidariamente, a sorte das hostes naquela guerra suposta infinda.” (GRAÑA, 1998, p. 09-10).

Contudo, a partir de uma leitura cautelosa da narrativa homérica, podemos dizer que a releitura do épico de Homero feita por Graña pode ser considerada tendenciosa, uma vez que não há registro de uma relação amorosa entre os dois de maneira explícita na *Ilíada*. Além disso, não há nenhum texto da época que nos tenha sido legado corroborando com essa interpretação. Ainda assim, a romancista estadunidense e estudiosa da mitologia grega, Madeline Miller, lançou em 2011 um romance chamado *The song of Achilles*¹⁷, no qual ela descreve com riqueza de detalhes o nascimento, desenvolvimento e morte do amor entre os dois heróis. A narrativa milleriana não nos poupa de passagens nas quais eles se relacionam sexualmente, despertando a ira da deusa Tétis, mãe de Aquiles, que faz de tudo para separá-los. Em um dos encontros habituais entre mãe e filho, Tétis revela a Aquiles que não consegue enxergar o que acontece dentro da caverna na qual ele mora com Pátroclo. A onipresença de Tétis era o único empecilho para que eles cedessem às volúpias da carne sem restrições. Com a ausência da supervisão da deusa, eles se entregaram completamente ao amor e ao desejo fulminante que sentiam um pelo outro:

Nossas bocas se aproximaram, entreabertas, e a doçura tépida de sua garganta invadiu a minha. Eu não conseguia pensar, não conseguia fazer nada exceto sorver cada alento seu, cada movimento suave de seus lábios. Era o êxtase. (...) Beijei-lhe o pescoço e toda a extensão do peito, que tinha gosto de sal. Aquiles se intumescia, parecendo amadurecer como um fruto ao meu toque. Cheirava a amêndoas e terra. Apertou-se contra mim, esmagando-me os lábios. (...) A mão de Aquiles deslizou sobre meu ventre, que arfava descompassadamente. Apertava-me com delicadeza, como se apalpassse o mais suave dos tecidos, e meus quadris se erguiam ao seu toque. (...) Não pare, eu disse. Aquiles não parou. A sensação foi aumentando até que um grito rouco escapou de minha garganta e o prazer agudo me comprimiu arquejante contra ele. Ainda não era tudo. Minha mão desceu, encontrou a sede de seu prazer. Aquiles cerrou os olhos. Eu podia sentir o ritmo que o deliciava pela respiração entrecortada, pelo arquejar anelante. Meus dedos ligeiros acompanhavam o compasso cada vez mais acelerado de seus gemidos. Suas pálpebras tinham a cor da alvorada; seu corpo rescendia a terra e chuva. A boca de Aquiles se abriu num grito inarticulado; estávamos tão juntos que senti o jorro quente contra mim. Ele estremeceu e ficamos imóveis. Aos poucos, como um crepúsculo que descia, fui me dando conta de meu suor, da umidade das cobertas e do líquido que escorria entre nossos ventres (MILLER, 2013, p. 118-9)¹⁸.

¹⁷ Traduzido no Brasil sob o título *A canção de Aquiles*, em 2013, e lançado pela editora Jangada.

¹⁸ No original: “Our mouths opened under each other, and the warmth of his sweetened throat poured into mine. I could not think, could not do anything but drink him in, each breath as it came, the soft movements of his lips. It was a miracle. (...) I kissed his neck, the span of his chest, and tasted the salt. He seemed to swell beneath my touch, to ripen. He smelled like almonds and earth. He pressed against me, crushing my lips to wine. (...) His hand slipped over the quickened rise and fall of my belly’s breathing. He stroked me gently, as though smoothing finest cloth, and my hips lifted to his touch. (...) Do not stop, I said. He did not stop. The feeling gathered and gathered till a hoarse cry leapt from my throat, and the sharp flowering drove me, arching, against him. It was not enough. My hand reached, found the place of his pleasure. His eyes closed. There was a rhythm he liked, I could feel it, the catch of his breath, the yearning. My fingers were ceaseless, following each quickening gasp. His eyelids were the color of the dawn sky; he smelled like earth after rain. His mouth opened in an inarticulate cry, and we were pressed so close that I felt the spurt of his warmth against me. He shuddered, and we lay still.

Como podemos ver, as insinuações sobre o amor entre Pátroclo e Aquiles, dois personagens da *Ilíada*, que nem sabemos se realmente são também personalidades históricas, são variadas e influenciam não só a literatura como também a visão de estudiosos do homoerotismo. Mas se não é possível afirmar de maneira incontestável que os dois viveram uma relação de amor, é inegável os fortes laços da relação que os dois personagens estabeleciam. No canto XXIII da *Ilíada*, a alma de Pátroclo, que fora morto por Heitor, aparece a Aquiles para lhe falar de um desejo: ele quer que os ossos dos dois estejam na mesma urna.

[...]
 Postado sobre sua testa, assim lhe fala:
 “Dormes, já não te lembras mais de mim, Aquiles,
 solícito comigo em vida, não pós-morte.
 Me enterra agora, a fim de que eu adentre o Hades.
 As âlmas me evitam, ícones dos mortos
 [...] e eu erro diante dos portais enormes do Hades.
 Dá tua mão, escuta o meu lamento: nunca
 retornarei de lá, quando me dês ao fogo.
 [...] A tua moira, Aquiles, símile divino,
 é perecer abaixo das muralhas troicas.
 Tenho algo a te pedir, se posso convencer-te:
 meus ossos não deponhas longe, Aquileu,
 dos teus, mas junto, como em tua casa nós
 crescemos, desde que meu pai levou-me infante
 de Opono em decorrência de um triste homicídio,
 no dia em que matei o filho de Anfidamas,
 sem pretender, furioso num jogo de dados.
 [...] Por isso a mesma urna, a ânfora de ouro,
 que tua mãe te deu, contenha nossos ossos”.
 A ele respondeu Aquiles pés velozes:
 “Por que vieste, amigo, dar-me instruções
 tão detalhadas? Não te preocupes, que eu
 hei de cumprir exatamente o que me pedes (HOMERO, 2020, p. 847).

Essa passagem contundente do épico homérico nos permite afirmar que o mito do amor homoerótico entre Pátroclo e Aquiles é uma possibilidade que merece atenção. Notemos bem que Pátroclo não aceita ficar distante de Aquiles nem após a sua morte, o que reforça os indícios de que haja uma poética do homoerotismo na epopeia de Homero. Por sua vez, Aquiles assegura-lhe que os dois estarão na mesma urna após seu inevitável destino fúnebre

Slowly, like dusk-fall, I became aware of my sweat, the dampness of the covers, and the wetness that slid between our bellies.” (MILLER, 2011, p. 67-8).

de sucumbir a um golpe de flecha envenenada no calcanhar, no âmbito da Guerra de Troia. Sabemos que dificilmente haverá consenso entre os estudiosos sobre esse possível amor homoerótico, mas não fugiremos da polêmica e, mesmo que saibamos que as críticas à essa conclusão serão numerosas, nos juntamos a Naphy e Graña. Assim, esse seria o segundo marco literário do homoerotismo na história do Ocidente.

2.4 AS HOMOSSEXUALIDADES EM ROMA ANTES E DEPOIS DA CONVERSÃO AO CRISTIANISMO

Extremamente influenciada pela cultura greco-helênica, o Império Romano, em seu princípio, não se opôs veementemente aos relacionamentos amorosos e/ou sexuais entre homens e eles continuaram a acontecer. Segundo Naphy (2006), os romanos podem não ter aprovado inicialmente a pederastia e o amor entre pessoas do mesmo sexo, mas eles enxergavam a cultura grega como superior à deles e se submeteram a sua influência cultural (p. 59-60). Além disso, as críticas ao amor homossexual greco-helênico eram frequentes, mas os seus apoiadores eram bem mais barulhentos e a área de língua grega não renunciava às práticas homoeróticas que só foram desmanteladas com a cristianização forçada do Império. Foi na época do imperador romano Teodósio (346-95) que os paradigmas começaram a mudar. Ele fechou templos e proibiu o paganismo em 391. A pederastia e o amor pelo mesmo sexo masculino, uma tradição grega de aproximadamente 1.000 anos teve um destino fatal com a ascensão das epistemologias cristãs (p. 59).

O psicanalista e pesquisador Paulo Roberto Ceccarelli (2008) nos lembra que, desde o início da humanidade, mesmo a partir dos nossos ancestrais, a atração entre pessoas do mesmo sexo já fazia parte do campo dos desejos dos seres humanos, tanto quanto sua prática. Ao longo do tempo, entretanto, considerando a pluralidade de épocas e culturas distintas, a vivência homossexual possuiu diferentes significados. Com o advento do Cristianismo que, em sua base, contribuiu para a segregação dos povos em classe, gênero e prática sexual, um conjunto restritivo de normas a serem cumpridas socialmente passou a ser priorizado e fomentou, inclusive, o estabelecimento dos papéis de gênero a partir de uma construção patriarcal.

Essa trajetória de repressão aos homossexuais – que ainda hoje são vistos como figuras de repúdio, sendo esta imagem também fruto do machismo estrutural, que, mesmo

sendo uma noção recente, tem suas origens também nas fundamentações cristãs, apresentando a noção de que todo aspecto feminino existente é passível de rejeição – está de acordo com as ideologias de pensadores cristãos do século IV, como São João Crisóstomo e Santo Agostinho, para o primeiro, a passividade masculina no ato sexual era escandalosa e produziria uma espécie de “terceiro tipo de sexo, que não era nenhum dos dois criados por Deus (masculino e feminino)” (NAPHY, 2006, p. 77-8), para o segundo era incompreensível o fato de um homem querer assumir o papel de uma mulher, uma vez que o corpo masculino, em sua visão, era superior ao feminino (p. 78). Logo, entendemos que, ao romper com a heteronormatividade, o sujeito homossexual se torna vítima de preconceito por não seguir padrões reprodutivos, outrora impostos pelos dogmas cristãos, como a única forma possível e necessária de se colocar em relações sexuais, o que reprime o princípio do prazer.

Especificamente sobre a pederastia, ainda segundo os apontamentos de Naphy, os romanos não tinham uma tradição inata dela e durante a República a declararam ilegal. Isso quer dizer que o cidadão romano do sexo masculino não poderia ser penetrado em hipótese alguma, independentemente da faixa-etária. A possibilidade de se relacionar sexualmente com outro homem só poderia acontecer se o romano fosse o parceiro ativo, cabendo a um escravo ou prostituto a posição passiva. Inclusive, o fato de poderem se satisfazer sexualmente no momento que desejassem era um dos motivos pelos quais os romanos mantinham escravos e escravas (p. 59). O olhar dos romanos para a posição passiva nas relações sexuais era o mais negativo possível:

Embora não houvesse qualquer palavra para homossexual nas antigas Grécia ou Roma existiam vários nomes para os homens que se deixavam penetrar. Muitos deles lembram os atuais termos pejorativos para os homossexuais. O mais comum era *cinaedus* (do grego *kinaidos*) ou *catamito* - isto é, «um homem que é penetrado por outro homem». A série de outros nomes ajuda-nos a perceber a atitude romana para com o *cinaedus*. Os Romanos chamavam a um homem que se deixava penetrar: *pathicus* (passivo), *exoletus* (maduro, «activo»), *concubinus* (parceiro sexual não casado, «amante»), *sp(h)intria* (esfíncter anal, prostituto), *puer* (mancebo), *pullus* (miúdo, «frangote»), *pusio* (rapaz), *delicatus* (depravado, «estragado»), *mollis* (mole), *tener* (delicado, «maricas»), *debilis* (fraco, «de pulso mole»), *effeminatus* (efeminado, «bicha»), *discinctus* (folgado, «puta»), *morbosus* (mórbido, «doente») (NAPHY, 2006, p. 65, destaques do autor).

Como vemos, as visões negativas e alcunhas pejorativas variadas em relação aos agentes passivos nas relações sexuais não eram econômicas. Os agentes passivos encontraram detratores ferrenhos nesse período que deles se aproveitavam, mas temiam estar nessa posição considerada execrável. Nesse sentido, o romano passivo estaria traindo o lugar e a função de todo romano, que deveria adotar para si a pecha de *macho penetrador* (p. 65, grifo nosso). O

que funcionava como uma metáfora para o próprio Império Romano, que penetrava territórios de maneira incisiva, agressiva, colocando suas conquistas inevitavelmente no polo passivo.

No que se refere especificamente à literatura, Gregory Woods diz que não é possível nomear um escritor exclusivamente homossexual ou, nas palavras dele, amante de meninos na Roma Antiga. Ainda, o interesse dos escritores romanos por garotos era menor do que o demonstrado por garotas. Para ele, a sociedade romana tomou como certo o que hoje conhecemos como “bissexualidade”. O que determinava a beleza de alguém era a idade e não o sexo (1998, p. 32). Como exemplo, o pesquisador cita o caso de Horácio (65 a.C.-8 a.C.). Segundo ele, todas as odes do poeta sobre meninos também faziam referência a meninas, mas as odes direcionadas a pessoas do sexo feminino eram exclusivas a esse público e não tinham um verso sequer mencionando rapazes:

[...] em IV, 1, ele afirma não esperar mais um caso de amor mútuo com mulher ou menino - e ainda assim ele é escravo de Ligurinus, um menino que não mostra nenhum interesse por ele. Ele sonha com este menino e quando em sua presença não consegue falar. O equilíbrio de sua igual referência a mulheres e meninos (*'nec femina nec puer'*) é típico e claramente não é a mera retórica do antissexismo de construções que aparecem mais tarde (digamos) nos poemas de Walt Whitman. Em Horácio, referências tão equilibradas a ambos os sexos convencem de que eles estão relacionados com a experiência vivida. Além disso, os próprios poemas são apresentados como participando da vida erótica a que se referem. Em III, 1, Horácio fala de sua audiência como composta por virgens (femininas) e meninos (*'virginibus puerisque canto'*). A todos eles, ele fala de amor; e a certos indivíduos ele realmente dirige poemas de amor. (O desdenhoso Ligurinus é um deles.) (Tradução nossa, grifos do autor)¹⁹.

Em seguida, ele cita o caso de outro poeta, Catulo que escrevia poemas direcionados a uma mulher, Clodia Metelli, mas também havia outros poemas dele direcionados a um homem, Iuventius. Em seus epigramas, ele se refere aos hábitos homossexuais de outros homens. Segundo Woods, é Catulo quem traz a tradição do epigrama homoerótico na terra. Onde os poetas gregos tinham a tendência de realçar e embelezar, Catulo optava por uma linguagem mais coloquial e um tom zombeteiro. Nesse sentido, em suas sátiras obscenas, ele xingava homens de “bicha”, comparava-os a prostitutas e debochava de seus gostos sexuais (p. 33).

¹⁹ No original: “[...] in IV, 1, he claims no longer to hope for a mutual love affair with either woman or boy — and yet he is in thrall to Ligurinus, a boy who shows no interest in him. He dreams about the boy and when in his presence is unable to speak. The equal balance of his reference to women and boys (*'nec femina nec puer'*) is typical, and is clearly not the mere rhetoric of anti-sexism that such constructions later appear to be in (say) the poems of Walt Whitman. In Horace, such balanced references to both sexes convince one that they are related to lived experience. Moreover, the poems themselves are presented as taking part in the erotic life to which they refer. In III, 1, Horace speaks of his audience as consisting of both (female) virgins and boys (*'virginibus puerisque canto'*). To all of them he speaks of love; and to certain individuals he actually addresses love poems. (The disdainful Ligurinus is one of these.)”

Assim como Naphy, Woods também afirma que, na cultura romana, o poder fálico era supervalorizado. Um homem mais velho que se submetesse a ser penetrado por um mais jovem ou mesmo pertencente a uma classe socialmente inferior estaria abdicando a sua própria superioridade sexual. Se isso fosse descoberto, a consequência seria não mais ser levado a sério como um cidadão romano, já que houvera renunciado ao seu dever social de ser “inseridor” (p. 33).

Como vimos, a partir do início do século IV, com a conversão do imperador Constantino ao cristianismo, todos os paradigmas religiosos de Roma foram modificados e, em 391, o cristianismo passou a ser a única religião aceita no Império. Dentro desse contexto, as homossexualidades foram completamente silenciadas e perseguidas nas sociedades sob o domínio romano, processo que perdurou por séculos. Essa realidade nos conduziu a um outro período de perseguição ainda mais voraz, que veremos no capítulo a seguir.

2.5 “PERDOAI-NOS E LIVRAI-NOS DO FOGO DO INFERNO...”²⁰: A VIDA DOS HOMOSSEXUAIS NA IDADE MÉDIA

Durante muito tempo, convencionou-se pensar que a Idade Média foi um período totalmente marcado por caça às bruxas, execuções em praças públicas, perseguição, torturas, inquisição, etc. Não à toa, por muitas vezes, recebeu a alcunha de Idade das Trevas. Os estudos culturais mostram que, na verdade, essas são visões pré-concebidas do período e que não necessariamente refletem a realidade. É o que nos revela Woods, ao reconhecer que, ainda que haja um pouco de verdade nessas visões pré-concebidas, elas apresentam um recorte caricatural do período:

A visão comum da Idade Média é a de um espaço não liberal entre a orgiástica decadência de Roma e o humanismo experimental e arejado do Renascimento. A assim chamada *Idade das Trevas* é incluída *entre dois períodos de luz*, governada pela superstição, policiada por um exército corrupto de clérigos quase cristãos e continuamente sobrecarregada com a ameaça da peste. A sexualidade não era mais aceitável do que a feitiçaria. A sodomia não era para ser mencionada e muito menos

²⁰ Trecho de uma oração católica que os fiéis acreditam ter sido criada por Nossa Senhora de Fátima e apresentada pela primeira vez em uma de suas aparições a três crianças na cidade de Fátima em Portugal em 1917. Os dizeres “Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o Céu, e socorrei principalmente aquelas que mais precisarem” são rezados ao fim de cada mistério do terço católico. Informações disponíveis em: <<https://www.a12.com/academia/artigos/fatima-e-a-oracao>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

para ser praticada. Tudo o que esperava o sodomita que falava era o empalamento (p. 41, tradução nossa, grifos nossos)²¹.

De certa forma, no período da Idade Média, há um silenciamento das homossexualidades, se compararmos com períodos anteriores. Os homossexuais foram perseguidos pela doutrina cristã que, pautada nos dogmas das Escrituras Sagradas, se opunham às práticas homoeróticas. Com efeito, praticamente toda a documentação a qual temos acesso, foi escrita pelos detratores e carrascos da homossexualidade e não pelos próprios homossexuais. Hoje, diríamos que os homossexuais, nessa época, não tinham lugar de fala. Mas não seguiremos por esse caminho para não cairmos em anacronismos. De todo modo, a homossexualidade se tratava de um desejo criminoso e condenável, diferente do período clássico da Grécia antiga, na qual filósofos poderiam se reunir em um simpósio para discutir sobre o tema livremente, como vimos anteriormente quando abordamos *O Banquete* de Platão, no qual os próprios debatedores revelavam características de seus amantes. Durante toda a Idade Média e também Idade Moderna, a homossexualidade era vivida nas alcovas e os homossexuais não tinham um contexto favorável para escreverem suas próprias histórias e estórias.

Na contramão desse pensamento, em *Christianity, social tolerance and homosexuality: Gay People in Western Europe from the beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century* (Cristianismo, tolerância social e homossexualidade: Gays na Europa Ocidental desde o início da era cristã até o século XIV), de 1981, o pesquisador John Boswell elabora uma argumentação que vai de encontro a percepções que julga pré-concebidas sobre o período em questão. Ele afirma que haveria, como o próprio título do livro sugere, uma certa tolerância à homossexualidade por parte dos cristãos. Segundo seu raciocínio, a intolerância cristã à homossexualidade apareceu séculos depois do estabelecimento da Igreja.

Não é [...] preciso nem útil retratar a Europa medieval e suas instituições como singular e caracteristicamente intolerantes. Muitos outros períodos foram igualmente, se não mais propensos à intolerância social: a maioria das minorias europeias se saiu pior durante o “Renascimento” (p. 3, tradução nossa)²².

²¹ No original: “The common view of the Middle Ages is of an illiberal space between the orgiastic decadence of Rome and the airy, experimental humanism of the Renaissance. These are (or include) the so-called Dark Ages between two periods of light, governed by superstition, policed by a corrupt army of quasi-Christian clerics, and continuously burdened with the threat of pestilence. Sexuality was no more acceptable than witchcraft. Sodomy was not to be mentioned, still less to be practised. All that awaited the sodomite who did speak was the stake.”

²² No original: “It is not [...] accurate or useful to picture medieval Europe and its institutions as singularly and characteristically intolerant. Many other periods have been equally if not more prone to social intolerance: most European minorities fared worse during the “Renaissance”.”.

É importante frisar mais uma vez que, nesse momento histórico, temos poucos relatos de homossexuais falando de si. São quase sempre os seus algozes ou estudiosos distantes da realidade homossexual (por não a viverem na prática) falando por eles. Isso aconteceu pelo motivo óbvio, nessa época, o desejo homossexual não poderia se revelar, pois era perseguido, criminalizado e punido com duros castigos e penas (inclusive as de morte, em suas mais variadas e cruéis modalidades).

Voltando a Boswell, ele estabelece uma distinção específica para cada um dos três períodos da Idade Média²³. No primeiro deles, os gays eram invisíveis. Manifestações homossexuais estão quase totalmente ausentes deste período, embora se tenha registros de muitas expressões de amor homossexual, especialmente entre os clérigos. No segundo momento, com o despertar das economias urbanas e da vida nas cidades, houve o reaparecimento da literatura gay e outras evidências de uma minoria gay importante. Finalmente, no terceiro período, há uma hostilidade mais virulenta, que apareceu na literatura popular e eventualmente se espalhou para escritos teológicos e jurídicos. Assim, para Boswell (*apud* WOODS), a versão comum de um medievalismo antissodomita é, essencialmente, uma representação apenas do terceiro período (p. 41).

Em outra frente de pesquisa, Naphy nos lembra que o imperador romano Justiniano (482-565) foi o primeiro a introduzir leis especiais destinadas a proibir todos os tipos de relações homossexuais. Em 533, ele inseriu todos os atos homossexuais dentro de uma lei que punia o adultério com a morte (p. 92). Além disso, não eram apenas o cristianismo e o judaísmo que se preocupavam em punir os homossexuais. Naphy afirma que o Islamismo

emergiu no cenário mediterrâneo no final do século VII e início do século VIII, varrendo o domínio romano-bizantino de grande parte da África central e do norte. Como uma religião monoteísta com um forte código moral, diferia pouco do Cristianismo ou Judaísmo em termos de sexo e atividades sexuais (p. 92).

Desta forma, vemos surgir mais uma força importante contra as homossexualidades, ainda que Naphy argumente que, a princípio, o islamismo teve uma abordagem mais branda para lidar com as relações afetivas e sexuais entre homens. A diferença essencial entre a dupla judaísmo-cristianismo e o islamismo é que, para o Islã a relação era vista como ruim ou imprópria, mas não como pecado. Ainda que as relações pudessem ser punidas com pena de morte, elas também poderiam ser arrependidas. Outra diferença reside no fato de que, nas

²³ Alta Idade Média (476-1000), Baixa Idade Média (1000-1249) e Idade Média Tardia (1250-1500).

culturas judaico-cristãs, um único ato homossexual resultaria em execução capital, nas culturas de religião islâmica, era a constância que conduzia a esse tipo de punição (p. 92).

2.6 *PRÊT-À-PORTER*, QUANDO OS HOMOSSEXUAIS SE DESPEM DO OUTRO E SE VESTEM DE SI: AS HOMOSSEXUALIDADES NA LITERATURA FRANCESA CONTEMPORÂNEA

Ao estabelecermos uma comparação com outros períodos da história do Ocidente, dentro de uma perspectiva qualitativa e quantitativa, junto com a conquista de direitos nos últimos anos, principalmente neste novo milênio, os homossexuais – mesmo quando rechaçados – passaram a poder se expressar de maneira mais abrangente. Não é mais o outro, ou seja, o heterossexual com visões enviesadas, o único a poder falar sobre as homossexualidades. Obviamente, isso se reflete na literatura e – no que diz respeito à literatura francesa – podemos dizer que houve, nas últimas duas décadas, uma profusão de romances de temática homoerótica. Alguns escritos também por mulheres, como é o caso de *Avant les hommes* (2007), de Nina Bouraoui.

Antes de discutirmos a mais recente leva de produção literária homoerótica e homoafetiva em francês, mais uma vez, vamos nos dedicar ao passado. Como vimos anteriormente, com a ascensão do cristianismo em Roma e sua difusão em todos os territórios sob domínio do Império, entre eles, a região correspondente à atual França, a vida dos homens que se relacionavam no nível afetivo e ou sexual com outros homens passou a ser bastante desafiadora. O desejo deveria ser vivido nas alcovas, às escondidas, sob risco de ser punido com penas que variavam da prisão até a execução capital. Na França, a lei cristã que punia a sodomia perdurou até o fim da Idade Moderna. Com o advento da Revolução Francesa, quando a ideia de liberdade individual incluída na Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão foi estabelecida, a lei antissodomia foi abolida. É o que nos lembra o pesquisador sueco Jørgen Holbøll Green em sua dissertação de mestrado defendida na Universidade de Lund (2019) sobre as escritas autobiográficas de Édouard Louis e de Abdellah Taïa, que também faz um apanhado histórico das homossexualidades em seu trabalho. Ele pontua ainda que, na Segunda Guerra Mundial, com a tomada da França pelos nazistas, sob o comando do então chefe de estado, Philippe Pétain, entre 1940 e 1944, novas leis hostis aos homossexuais voltaram a ser praticadas, muitos deles sendo torturados em

campos de concentração. Mesmo com a queda do governo nazista, as leis que puniam os homossexuais continuaram no código penal francês até os anos 80 do século passado (p. 5).

Segundo Marie-Madeleine Fragonard (1981) no período pós-Segunda Guerra houve uma multiplicação das correntes literárias (p. 91). Há o que ela chama de uma redistribuição de valores e de celebridades. Aqueles que ficaram do lado do partido de Hitler durante a ocupação francesa foram condenados, a exemplo de Louis-Ferdinand Céline e Robert Brasillach. Os que se calaram ou se exilaram perderam o prestígio que tinham antes e os que fizeram parte da chamada *Resistência* como Louis Aragon e Paul Éluard aparecem como novos modelos. A literatura se apresenta de maneiras mais variadas e, assim, há uma expansão da criação literária, nesse sentido, o engajamento político, presente na literatura desde o início do século XX, continua a orientar as reflexões. Não obstante, não se pode mais se declarar abertamente de extrema-direita (p. 92). Já entre as décadas de 60 e 90, o mundo está em crise, dividido globalmente entre capitalismo e socialismo pela Guerra Fria e temendo suas consequências reais e conspiratórias. Na França, houve a Revolta estudantil e operária do maio de 68 e, nos Estados Unidos, em 28 de junho de 1969, o atentado da polícia de Nova York à boate gay *Stonewall*, um marco para a luta pelos direitos dos LGBTQIA+. O mundo assistia a transformações velozes. Todos esses acontecimentos revolucionários e suas cicatrizes, obviamente, se refletiram na literatura que vem sendo publicada desde a década de 70 até os dias atuais. Mas é interessante observar que há movimento(s) de negação de todas essas ideologias e de todas as escolas literárias quando falamos especificamente da literatura francesa. A esse respeito, o escritor e crítico literário de origem grega Lakis Proguidis no texto “Une décennie romanesque” contido na obra coletiva *Le Roman français contemporain* (2002) nos diz que:

os autores de todas essas obras não constituem um grupo que tem uma certa homogeneidade estética, todos compartilham um ponto comum muito forte: eles não precisam pertencer a um grupo. São artistas que trabalham sozinhos, indivíduos distintos que não serviram a nenhum círculo, que não se inspiraram nos ukases das vanguardas político-ideológicas e que desconfiam visceralmente de escolas, famílias e outras cúrias. [...] acabou o tempo dessas vanguardas que, para se afirmarem, declararam o passado obsoleto como um todo e que persistiram em conter o espírito criador no vício ideológico (Tradução nossa)²⁴.

²⁴ No original: “[...] les auteurs de toutes ces œuvres ne constituent pas un groupe ayant une homogénéité esthétique certaine, ils partagent tous un point commun très fort : ils n’ont pas besoin d’appartenir à un groupe. Ce sont des artistes qui travaillent seuls, des individus distincts qui n’ont servi aucun cénacle, qui n’ont pas cherché leur inspiration dans les ukases des avant-gardes idéologico-politiques et qui se méfient viscéralement des écoles, des familles et autres curies. [...] c’en est fini du temps de ces avant-gardes qui, pour se faire valoir, déclaraient caduc le passé en bloc et qui se sont acharnées à contenir l’esprit créatif dans l’étau idéologique.”

É curioso observar o fato de que, assim como é o caso do nosso *corpus*, boa parte dos romances franceses contemporâneos seja de autobiografias. Não adentraremos nas discussões sobre a *escrita de si*. Mas podemos afirmar que a vontade de escrever sobre os próprios signos, elucidando passados e perspectivas, se mostra uma valiosa ferramenta para sair das periferias do prazer e colocar em evidência as poéticas das homossexualidades. Assim, os autores se utilizam de experiências próprias para fazerem suas literaturas e, de certa forma, se confessam/se analisam nesse movimento, como a um padre e um igreja católica, como a um terapeuta em um setting psicanalítico. Revelam o que talvez jamais poderiam dizer em sociedade. Diante do leitor, eles se desnudam de todas as vestes sociais.

Esse tipo de literatura tão próxima da realidade é o caminho escolhido por Édouard Louis também. No caso dele, todos os romances são autobiográficos. Além de *En finir avec Eddy Bellegueule* (2014), ele lançou outros 4, são eles: *Histoire de la violence* (2016), *Qui a tué mon père* (Quem matou meu pai?), de 2018, *Combats et métamorphoses d'une femme* (Combates e metamorfoses de uma mulher), de 2021, e *Changer : méthode* (Mudar: Método), também de 2021. Todos esses livros foram publicados pela série *Cadre Rouge* da editora francesa *Éditions du Seuil*, uma das maiores e mais prestigiadas editoras do país.

Além do autor que escolhemos para esse estudo, podemos citar um outro exemplo, o de Philippe Besson. Ele nasceu em 1967, na cidade de Barbezieux-Saint-Hilaire, na França. Ele é, portanto, vinte e cinco anos mais velho do que Édouard Louis e, sendo assim, teve acesso a uma França muito mais truculenta e hostil aos homossexuais e, consequentemente, às suas literaturas. Besson já falou sobre sua homossexualidade, nos últimos anos, inúmeras vezes. Mas esse discurso tem sido mais contundente desde 2017, ano de lançamento de seu décimo-oitavo romance, cujo título é emblemático: *Arrête avec tes mensonges* ou “Pare com tuas mentiras”. Neste caso, “mentiras” se referem às vezes em que o autor tentou esconder das maneiras mais variadas que era gay. Até 2017, a homossexualidade era tema recorrente de sua obra, porém, em terceira pessoa. Desta vez, ele optou pela autoficção. Neste romance, temos acesso à história de um Philippe adolescente, que narra a sua primeira história de amor no ensino médio no interior da França com um garoto de sua idade, chamado Thomas Andrieu. Ao jornal literário *Actualitté*, Philippe Besson disse: “Ser gay nos anos 80 era uma informação que se escondia.” Já ao site de *O observador*, jornal eletrônico de Lisboa, ele revelou que, há 30 anos, teve de se esconder para poder amar. Essas declarações mostram que, não importa em qual território um homem gay tenha nascido ou viva, a homossexualidade continua a ter esse caráter marginal, transgressor, chocante e revolucionário. É necessário estar à margem para evitar a repressão social e, assim, o que resta é amar no oculto, no

silêncio, no disfarce, na mentira e no medo. Amar ou desejar, muitas vezes são atos de coragem que, como sabemos, podem valer a própria vida, a própria morte.

Na França, a cada ano que passa, a literatura homoerótica se fortalece, ganhando espaços que antes só eram exclusividade de literaturas com enredos heteronormativos. Desde 2013, por exemplo, o país possui uma organização que premia os melhores romances gays da temporada, o *Prix du roman gay*. No ano passado, tivemos L. Bigorra ganhando o *Prix du roman gay* 2021 (o melhor romance gay de 2021) com o seu *28 jours* (28 dias), que foi lançado pela editora *Terrasses*. Nesse romance, o autor fala de uma experiência vivida no final de 2010, quando ele estava fazendo um tratamento de pós-exposição ao HIV, que dura exatamente 28 dias. O tratamento evita que a pessoa que teve contato com o vírus desenvolva a doença. No romance, são abordadas, então, questões ligadas à (homos)sexualidade, HIV/AIDS, vida urbana e a assimilação de minorias na sociedade contemporânea. Na categoria *Premier roman* (Revelação), o prêmio foi atribuído a *Tuer le bon gay* (Matar o bom gay), de Étienne Bompais-Pham, pela editora Maïa, sobre um homem que chega aos trinta anos em crise consigo mesmo por acreditar que durante todo esse tempo tentou ser uma pessoa que ele verdadeiramente não é. Destaque também para o prêmio de melhor editora, que foi concedido à editora *Éditions Cœur de Lune*²⁵. Trata-se de uma editora independente que publica romances dos mais variados tipos, desde que as histórias tenham algum personagem homossexual ou bissexual, geralmente, eles são os protagonistas das narrativas.

Como podemos perceber, apesar de toda a perseguição histórica e de todos os sistemas de regras que sempre foram impostos às existências homoeróticas, em algumas sociedades, como a francesa, os homossexuais conseguiram ocupar espaços que antes eram proibidos para eles. O privilégio de ter um evento literário da magnitude do *Prix du roman gay* é importante, sobretudo pelo que o motiva: assim como mostramos no início do trabalho há uma larga escala de romances em língua francesa sendo lançados todos os anos, e uma parcela significativa deles é de temática homoerótica. Isso é um grande avanço, tendo em vista que, há cinquenta anos, Paris era um lugar hostil aos gays. Luiz Mott revela que, na época em que morou lá entre 1969 e 1972, não havia grupo gay, não tinha publicações homossexuais e os únicos espaços de socialização desta comunidade eram algumas poucas boates e saunas (p. 139, 2003). Hoje em dia, além da literatura, na capital francesa, a realidade é outra: há um lugar que é considerado o bairro gay da cidade, o *Marais*, com várias lojas direcionadas ao seu público-alvo. Nas proximidades do bairro, inclusive, há uma livraria chamada *Les mots à*

²⁵ Link de acesso ao site da editora *Éditions Cœur de Lune* (disponível apenas em língua francesa): <<https://www.coeur-de-lune.fr/>>. Acesso em: 31 maio 2022.

*la bouche*²⁶ que só comercializa livros que girem em torno das problemáticas da comunidade LGBTQIA+.

2.7 A ESPADA DO CARRASCO: A LÂMINA AFIADA DA HOMOFOBIA

Como vimos anteriormente, a homofobia tem origem na visão judaico-cristã de empecilho que a relação sexual entre dois homens, desperdiçando o esperma, causaria na formação de uma sociedade pujante, no mito de Javé, de promessa de uma terra povoada a Abraão. Mas, para além de uma compreensão causal da homossexualidade que, como já dito, refutamos, observa-se um sintoma social presente nos indivíduos que projetam suas agruras no outro a partir de atitudes, falas ou exclusões. O que nos conduz a refletir um pouco sobre a homofobia que, tendo em vista toda a história da humanidade que acabamos de resgatar, é um termo recente.

Para Daniel Borrillo (2010, p. 13), a homofobia é entendida como uma atitude de hostilidade contra homossexuais. O pesquisador ítalo-argentino radicado na França afirma que o termo foi utilizado pela primeira vez nos Estados Unidos da América em 1971. Ele entende que a palavra homofobia designa ao mesmo tempo dois aspectos diferentes da mesma realidade, dividindo-a em dois polos: a) pessoal, relacionado à afetividade, representado pela rejeição à figura do homossexual; e b) cultural, relacionado à cognição, na qual “o objeto da rejeição não é o homossexual enquanto indivíduo, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social” (p. 22). Neste segundo caso, haveria a percepção por parte do todo social de que o comportamento homossexual seria “errado”. Borrillo conclui que essas duas dimensões homofóbicas nos permitem entender, por exemplo, como algumas pessoas toleram ou se simpatizam com membros específicos da comunidade LGBTQIA+, mas, por outro lado, opõem-se veementemente a qualquer política de promoção da igualdade que possa beneficiá-los.

A homofobia ganha espaço como objeto a ser discutido tendo em vista o caráter contínuo e persistente em nossa sociedade atual, sendo um fator comum no cotidiano das pessoas, pois se refere a uma violência que agride a integridade do sujeito enquanto indivíduo. Partindo do pressuposto mencionado anteriormente, ser gay se constituiu historicamente com

²⁶ Link de acesso ao site oficial da livraria *Les mots à la bouche* na internet (apenas em francês): <<https://motsbouche.com/>>. Acesso em: 31 maio 2022.

um sentido pejorativo, adquirindo caráter negativo no imaginário de toda a população. Como já visto quando discutimos *A história da sexualidade* de Foucault, pecado, doença ou crime (respeitando-se as nuances dos campos específicos) são alguns dos estigmas sociais construídos para excluir - de formas diferentes - a população LGBTQIA+ da sociedade (BORRILLO, 2010).

Atualmente, o termo homofobia se refere também a um tipo específico de crime: julgar a homossexualidade alheia através de atos e falas ou mesmo exclusão baseada na orientação sexual. Nesse contexto, o crime deixa de ser o de vivenciar a homossexualidade e passa a se utilizar recursos linguísticos, comportamentais e/ou omissos contra a população LGBTQIA+. Conforme apontam Bastos, Garcia e Abrahão e Sousa (2017), o problema se encontra na violência do cotidiano e não na vivência homoafetiva.

Assim, por definição, a homofobia se refere ao medo, desprezo, ódio ou aversão às pessoas homossexuais, alimentando a insegurança, o isolamento ou problemas físicos e/ou emocionais nesta população. Entretanto, ao analisarmos este fenômeno social, alguns mecanismos podem ser encontrados em sua base e é nessa perspectiva que Mussi e Serbena (2015) entendem que a palavra homofobia, pelo seu sentido estrito, se refere ao “medo do igual”. Seria então, um medo de si próprio? Um medo de se ver no espelho? O que uma pessoa homofóbica teria medo de encontrar? A projeção, nesse caso, é um aspecto que nós gostaríamos de destacar, tendo em vista que aquilo que está em si mesmo, pode ser visto no outro e odiado, caso seja uma característica que ocasione repulsa à consciência.

Aqui entra em questão um ponto de reflexão intrínseco ao tema em questão: a heteronormatividade. Este conceito revela em si uma tendência social para conceber como legítima apenas uma forma de vivência sexual, que seria a relação entre pessoas de sexos diferentes - o que demonstra uma relação com o pressuposto cristão citado anteriormente, pois esta é a única interação sexual que permite a fecundação de outros seres humanos. Mas, se a homofobia é uma prática que denota um desejo implícito do sujeito sobre outro do mesmo sexo, onde ele estaria armazenado? Ainda de acordo com Mussi e Serbena (2015), é possível observar que este conteúdo reprimido em si, se encontra no inconsciente. Na perspectiva junguiana²⁷, o conteúdo que a consciência reprime se torna mais uma peça da “sombra”, que é um aspecto do inconsciente do sujeito que oculta informações indesejáveis à consciência em prol de um ego ideal. Entretanto, estes conteúdos podem ser encontrados a partir da vivência

²⁷ Perspectiva do psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), fundador da Psicologia Analítica.

do sujeito com o “outro” (ou não-eu) pois este é uma ameaça à contradição interna do indivíduo.

Já o escritor, jornalista e tradutor João Silvério Trevisan (2018) percebe que, historicamente, as pessoas que compõem a sociedade necessitam de um “bode expiatório”, objeto de projeção de seus próprios sentimentos. Isto é comumente percebido na vivência das pessoas com deficiência física ou mental, sendo a permissividade social oportunista, pois a tolerância da população frente a alguma camada específica varia de época em época:

A verdade é que a civilização sempre precisou de reservatórios negativos que possam funcionar como bodes expiatórios nos momentos de crise e mal-estar, quando então, por um mecanismo de projeção, ela ataca esses bolsões tacitamente tolerados. Em outras palavras, sempre que a minha situação não tem saída, a saída é atacar o mal fora de mim. As periódicas perseguições aos judeus têm sido, ao longo da história, claro exemplo dessa projeção ideológica. Assim também se pôde constatar, por muito tempo, um recrudescimento do racismo contra os negros em vários moldes, inclusive científicos — segundo os quais, por exemplo, sua inferioridade genética se refletiria num QI mais baixo. A homossexualidade inscreve-se como mais um desses reservatórios negativos. Sendo a permissividade social basicamente oportunista, a tolerância varia de época para época, dependendo de fatores externos, que acrescentam à prática homossexual maior ou menor grau de periculosidade, conforme as necessidades circunstanciais (TREVISAN, 2018, p. 15-6).

Outro fator que contribuiu para retroalimentar o mecanismo do “bode expiatório” e a estigmatização das pessoas homossexuais foi a epidemia de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), que surgiu a partir da década de 1980. Em pauta, discutia-se o grupo de risco para a contração da doença pelo vírus da imunodeficiência humana e, ao se perceber que a população de gays e travestis estava na *linha de frente*, o apelo midiático e político fomentou a segregação social, considerando esta população como a única propagadora do vírus, como pode ser visto nos depoimentos de médicos epidemiologistas e pacientes que lidaram com a doença no documentário *Carta para além dos muros* (2019), de André Canto. Por outro lado, fechava-se os olhos para as pacientes mulheres, muitas delas casadas e em uniões heteronormativas. No caso destas, uma possibilidade a ser considerada seria a infecção pelo próprio cônjuge, socialmente visto como heterossexual. Sob esse aspecto, o mecanismo de repressão se torna mais evidente. Alguns homens, para serem vistos como heterossexuais, provedores e cumpridores do seu papel na sociedade, adentram em casamentos e namoros socialmente aceitos, porém realizam seu desejo homoerótico – outrora presente apenas no campo imaginário – em relações marginalizadas. Como tenta fazer o personagem principal de nosso *corpus*, Eddy, ao namorar meninas. O desejo homossexual existe, mas ele tenta escondê-lo da sociedade ao se engajar em relações com o sexo oposto. Estar em uma *relação*

de fachada, como é chamada popularmente, permite que o indivíduo, ao mesmo tempo, sacie o princípio do prazer e cumpra as normas que lhe são socialmente impostas por causa de seu gênero masculino.

O avanço da Aids e a quantidade de mortes no mundo em decorrência dela dramatizou as discussões em torno da saúde pública sobre tratamentos, prevenção e cuidados em torno da chamada “população de risco”. Porém, o olhar para a demanda dos cuidados em torno do HIV/AIDS só foi visibilizado pelo poder público quando a população “heterossexual” e elitista passou a sofrer com o contágio. Nesse contexto, a vivência das pessoas homossexuais que faziam parte de manifestações sociais teve fundamental importância para estabelecer parcerias e alianças pertinentes ao processo de tratamento e prevenção do adoecimento, bem como os cuidados integrais (corpo e mente), como afirmam Carrara e Simões:

[...] a Aids mudou dramaticamente as normas da discussão pública sobre a sexualidade ao deixar também como legado uma ampliação sem precedentes da visibilidade e do reconhecimento da presença socialmente disseminada dos desejos e das práticas homossexuais. A mobilização de prevenção e combate à Aids no Brasil organizou-se concomitantemente sobre o pano de fundo da recusa às identidades sexuais fechadas, em que organizações como a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids – ABIA [...] tiveram um papel fundamental na crítica à idéia de grupos de risco e na promoção da aliança entre ativistas homossexuais e hemofílicos de modo a construir a Aids como um problema de todos (2007, p. 92-3).

Logo, do ponto de vista macrossocial, a homofobia é um fenômeno tão complexo quanto a própria homossexualidade. Podemos percebê-la a partir do conjunto de comportamentos que promove: discriminação social, violência psíquica e física. Assim, para a psicanálise, por definição, de acordo com Ceccarelli (2008), a vivência da homossexualidade pode ser entendida como uma posição libidinal, uma orientação sexual legítima, tal qual a heterossexualidade, a bissexualidade, entre outras. O que Freud sustentou em suas obras compreende o fato de que a partir do *Complexo de Édipo*, o indivíduo vivencia as possíveis orientações à sua sexualidade, sendo esta originalmente bissexual. Diante disso, nesta fase do desenvolvimento psicosssexual, o indivíduo redireciona a sua posição libidinal, que será investido futuramente em outros seres humanos, dependendo do objeto desejado (CECCARELLI, 2008).

Nesse sentido, ao considerarmos a homofobia como um aspecto projetivo do sujeito, é possível observar que esta seria, em alguns casos, uma expressão da rejeição do indivíduo frente a sua própria homossexualidade, isto é, a repressão do próprio desejo através de um discurso ou de atitudes utilizadas para mascarar o que Jung explicita como “sombra” (MUSSI; SERBENA, 2015).

A projeção, por sua vez, se refere a um mecanismo de defesa sobre os conteúdos levados ao inconsciente a partir do contato com algum objeto de desejo negado à própria consciência. No caso da homofobia, por exemplo, o indivíduo ao negar para si o próprio desejo sobre algum objeto, o transforma em conteúdo inconsciente e transforma o outro em um espelho para a sua dor em esconder-se. Assim, aponta Gambini (1988, apud MUSSI; SERBENA (2015, p. 42):

Há quatro estágios para a projeção: 1) o mundo externo e interno são vistos como iguais, o inconsciente está fortemente identificado como o que é de fora do sujeito, fenômeno chamado de “participação mística”; 2) o sujeito percebe uma disparidade entre a projeção e como o objeto realmente se comporta, e então substitui o modelo que tinha por outro mais “fiel” 3) a projeção passa a ser vista como um erro, como uma ilusão; há, portanto um julgamento moral sobre a projeção 4) homem se torna consciente do processo da projeção, o aceita como algo natural, há um “reconhecimento da realidade da psique” (Aspas dos autores).

Cabe aqui levarmos em consideração, portanto, o significado do desejo para a teoria psicanalítica, tendo em vista que este direciona o sujeito para o preenchimento de suas faltas, que, por sua vez, representam o desejo reprimido no sujeito. O desejo, assim, é um movimento originário, que parte de uma tensão orgânica e psíquica, que movimenta o indivíduo em torno de objetos, sejam eles reais ou imaginários, alimentando a busca por saciedade representada pelos seres humanos de forma simbólica. Se encontra, portanto, na base das pulsões dos indivíduos e os direciona para o local de satisfação. Ao ser reprimido pela consciência, o desejo se transforma em uma falta e tendência o sujeito a projetá-los no outro, que se torna seu espelho (BOMBA; RODRIGUES, 2018).

Atentar-se para a temática da homofobia, permite a observação de duas lógicas de pensamento distintas, porém simultâneas: a perspectiva do homofóbico e a heteronormatividade como condição socialmente imposta. A repulsa e o ódio direcionados a pessoas homoafetivas traz o indicativo de uma expressão do inconsciente e suas tentativas de proteger o *self*. Naturalmente, os seres humanos têm a necessidade de se sentirem seguros, protegidos. No mundo interno dos sujeitos, em situações incômodas ou desagradáveis ao consciente, os mecanismos de defesa surgem como uma forma de tornar as situações do cotidiano mais suportáveis conscientemente. Partindo dessa compreensão, o praticante da homofobia é agredido por si próprio, pelos próprios desejos reprimidos e, socialmente falando, esta repressão ocorre dado o processo de desenvolvimento do indivíduo e as amarras sociais criadas em torno da masculinidade, feminilidade e comportamentos sexuais aceitos. As atitudes e/ou falas preconceituosas proferidas, seriam assim uma forma de proteger-se da

ideia de vivenciar sua homossexualidade e assim, conviver de forma socialmente aceita (BOMBA; RODRIGUES, 2018).

É nesse ponto que Jung aponta a “sombra” como uma ferramenta do inconsciente de deixar as informações reprimidas guardadas, sendo comumente formada a partir da cultura na qual a pessoa se encontra inserida, bem como o contexto social, o que inclui os valores, a moral e a ética. Por ser difícil entrar em contato com a própria “sombra” que se refere aos desejos reprimidos – ela se torna observável no contato dos seres humanos e suas comunicações (MUSSI; SERBENA, 2015).

Assim, a “sombra” se forma durante o processo de desenvolvimento da personalidade dos sujeitos, sendo este o movimento de individuação. Por definição, este processo se refere a formação do sujeito em sua subjetividade, de forma singular, sendo fundamental para a construção do indivíduo, em meio ao contexto em que vive. É, então, inato ao ser humano e ocorre processualmente ao longo de sua existência (ROCHA, 2018).

É dessa forma que se compreende a necessidade do ego em proteger-se de riscos ou de experiências que forneçam perigos reais ou imaginários. Nesse ponto a racionalidade humana pode fornecer prejuízos no que tange a construção do processo de individuação, pois pode afastar o sujeito de si próprio, limitando a consciência a situações que não interfiram na integridade do *self*. Logo, orientar a consciência a abertura para experiências facilitaria o processo de autocompreensão, inclusive permitiria entrar em contato com os conteúdos afetivos, que deixam de tornar-se mais um conteúdo do inconsciente ou da “sombra” e torna-se material palpável ao ego (ROCHA, 2018).

A heteronormatividade como uma construção da sociedade é, então, ferramenta de censura das manifestações do desejo dos indivíduos, tendo em vista a avaliação externa frente às expressões humanas, o que limita o *self* a vivenciar sua sexualidade tal qual a forma que se apresenta o desejo. Diante disso, Bomba e Rodrigues (2018, p. 10) apontam que:

[...] sintoma homofóbico é uma representação da renúncia a satisfação sexual, não só recalando o desejo homossexual, mas rejeitando sua disposição de potencialidade bissexual primitiva, para que ele consiga permear e criar vínculos numa esfera social.

Essa compreensão abrange a noção de masculinidade da sociedade, se considerarmos que ela é construída a partir de ações concretas que apresentam consigo um sentido definido, restrito dentro dos mais diferentes contextos nos quais o ser humano habita (igreja, família, trabalho e escola, por exemplo), sendo assim, um construto social que se preenche de sentido

geográfica e socio-historicamente. Observa-se, assim, que dentro da construção do “ser homem” existem hierarquias que abrangem as percepções de raça e sexualidade, demarcando as relações de poder (ROCHA; LANZA; RIBEIRO, 2020).

3 PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS

Neste capítulo, elucidaremos as contribuições mútuas entre literatura e psicanálise e, sempre que possível, vamos pontuar de que maneira os postulados dessa interlocução contribuíram para a análise do nosso *corpus* de estudo, que será objeto do próximo capítulo.

Além disso, vamos apresentar e discutir alguns conceitos da psicanálise que serão importantes para nossas análises do romance *En finir avec Eddy Bellegueule*, tais como os níveis dinâmicos de consciência da mente humana (consciente, pré-consciente, inconsciente) e as fases do desenvolvimento infantil, postulados pelo pai da psicanálise, Sigmund Schlomo Freud. Interessa-nos também elucidar como a psicanálise se referiu à homossexualidade.

Ao final do capítulo, daremos ênfase especial às discussões sobre os conceitos de dor e de gozo, chegando à conclusão que, ainda que eles sejam distintos se complementam e se retroalimentam.

3.1 O DIÁLOGO ENTRE PSICANÁLISE E LITERATURA

É possível afirmar que a literatura serviu de base para que Freud, o fundador da psicanálise, tenha elaborado suas teorias psicanalíticas. O profícuo diálogo entre literatura e psicanálise tem sua origem desde as primeiras reflexões do médico austríaco acerca das psicopatologias. A título de exemplo, podemos citar as analogias entre algumas características dos casos clínicos de histeria e situações descritas na obra *Fausto* (1808), do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), em *Estudos sobre a histeria* (1893-1895). É na gênese dos pensamentos e discussões em torno do tratamento da histeria que a psicanálise começou a se desenvolver e expandir seu campo para o tratamento de outros transtornos (ALONSO; FUKS, 2004, p.11).

Dessa maneira, podemos considerar que a literatura antecipou as descobertas da clínica psicanalítica. Em sua obra, Freud a coloca em uma posição de extrema importância e prestígio, tendo em vista que a partir das tragédias literárias, ele postulou suas teorias e práticas clínicas. O conceito-chave da psicanálise, por exemplo, o *Complexo de Édipo*, foi pensado a partir da tragédia *Édipo Rei* (c. 427 a.C.), de Sófocles (c. 497/6 a. C.–c. 406/5 a.C.),

na qual o filho, abandonado pelos pais, em sua vida adulta – e sem reconhecê-los – apaixonou-se pela própria mãe e matou o próprio pai. Ao descobrir tal relação, Édipo não suporta enxergar e carrega consigo a culpa e a angústia pelo ocorrido. Dessa forma, assim como o discurso de um paciente, uma obra literária requer interpretação por parte do analista, tendo em vista os conteúdos explicitados pelo personagem/paciente (manifestos) e os conteúdos que se escondem por trás do que é dito (latentes), que são inferidos por meio da linguagem, mas também do que se cala. Para a psicanálise, até o silêncio nos comunica alguma coisa. Tanto a escuta de um paciente quanto a leitura de um texto literário demandam interpretação por parte do analista. Cabe a ele elucidar o que o discurso e os silêncios carregam/escondem.

Para compreender a relação entre a teoria e a prática psicanalíticas e a literatura, cabem aqui algumas considerações em torno da origem filosófica desta discussão. Voltemos ao período da Grécia Antiga, quando Platão e Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.) trouxeram inúmeras contribuições no que se refere à compreensão da subjetividade humana, ao falarem sobre a noção de mimese²⁸, que, basicamente, diz respeito à imitação da realidade por parte de um poeta na composição de uma tragédia. A arte e a literatura foram vistas como uma forma de expressão da subjetividade e isso pode ser expresso na *República*, de Platão (Século IV a.C.). Nessa obra, entendemos que toda arte é uma imitação da realidade, o que tornaria a poesia condenável. Entretanto, Aristóteles, na *Poética* (335 a.C.-323 a.C.), defendia que, para que a imitação fosse efetiva, haveria necessidade de existirem técnicas em conjunto com a invenção e a criatividade da realidade anterior através da linguagem. Ou seja, a mimese seria uma representação do externo explorada pela realidade interna do autor (BARRETO; BARBOSA, 2018).

Assim, observa-se de forma evidente que a literatura ocupa um importante espaço no cotidiano dos seres humanos, tendo em vista que influencia pensamentos e ressignifica ideias, não retratando apenas um compilado de subjetividades, mas refletindo a existência dos indivíduos e recriando momentos de prazer reprimidos pelo inconsciente. A literatura proporciona também, conforme o raciocínio trazido por Barreto e Barbosa (2018), momentos de projeção do inconsciente por meio do imaginário aprofundado dos personagens, atuando como um espelho para a relação do sujeito consigo próprio.

Barreto e Barbosa (2018) evidenciam assim que a psicanálise é uma ferramenta que a) ultrapassa as barreiras construídas pelo *self*; b) compreende a linguagem por trás do que se é

²⁸ Essa forma de grafar o termo está de acordo com a tradução da *Poética* por Paulo Pinheiro.

dito; e c) facilita o processo de elaboração e interpretação dos conteúdos internos do sujeito que, por muitas vezes, são negados para si, diante de códigos morais e/ou condutas de repressão. A neurose, ao ser exposta através da produção literária, revela os desejos reprimidos pelo sujeito, sendo a psicanálise condutora para auxiliar o indivíduo a compreender as causas e ressignificar os acontecimentos do cotidiano.

As interpretações realizadas com base nas teorias psicanalíticas, embasam-se em uma hermenêutica da desconfiança, suficientemente eficaz para desvendar os mistérios dos significados ocultos do inconsciente. O autor, portanto, não necessariamente saberá sobre quais mecanismos de defesa estão sendo expostos em sua obra, pois a literatura necessita, inclusive, apresentar caráter fluido e contextualizado com a realidade do autor. Sabendo que não se pode controlar os conteúdos inconscientes que aparecerão como demanda, a literatura escrita será também interpretada por quem a lê subjetivamente, a partir dos seus próprios mecanismos de projeção (RABATÉ, 2017, p. 165).

[...] a psicanálise tem que aprender a aprender com a literatura, inventar diferentes métodos de leitura, encontrar *insights* que serão aplicados retroativamente à psicanálise. “Literatura Aplicada” destaca momentos de emergência epistêmica compartilhados pelos leitores. O problema é que essa estratégia irá falhar em convencer os psicanalistas, que se sentirão contestados por ela ou pelos críticos literários, que não têm paciência com a psicanálise. Como para confirmar tais dúvidas, os exemplos que Bayard fornecem não são satisfatórios: no seu habitual cânone: Laclos, Proust, Maupassant, Agatha Christie e Shakespeare, todos mostram que a literatura “pensa” através de problemas psicológicos complexos (RABATÉ, 2017, p. 165, grifos do autor).

Cabe aqui, então, compreendermos as relações entre o real e o simbólico nos discursos, mormente no que tange à prática homossexual, tendo em vista a noção de corpo e linguagem trazida por Lacan. A tríade imaginário-simbólico-real representa, então a tópica lacaniana, que desenvolve, em termos gerais, a compreensão de que, inicialmente, o sujeito cria em si os conteúdos imaginários, simbólicos e posteriormente reais (CUKIERT, 2004).

O corpo, então, partindo da compreensão do campo imaginário, remete os sujeitos à compreensão da imagem sobre eles próprios, cabendo a seguinte reflexão: como eu me enxergo? O que eu olho quando eu me vejo? E a partir da relação com o outro, os indivíduos tendem a constituir essa imagem subjetivamente, partindo daquilo que o outro enxerga nele próprio. Seria então a nossa percepção sobre nós mesmos, um reflexo da projeção do outro sobre nós? É nesse caminho que entra o aspecto simbólico do conteúdo interno, pois este está implícito na relação fala-corpo-linguagem. Isto pode ser explicitado com base na obra *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise*, de Lacan (1953) na qual é possível

observar que o corpo marcado pelos conteúdos simbólicos ultrapassa o limite do corpo e adentra no campo dos significantes (CUKIERT, 2004).

Nesse sentido, falar sobre o homoerotismo na literatura expande, portanto, as problematizações sobre as subjetividades da natureza humana reprimidas ao longo dos séculos e abrange outros discursos em torno dos olhares singulares. Além de questionar o papel da heteronormatividade na nossa sociedade atual e fornecer um espaço de resistência e empoderamento aos corpos, pensamentos e existências homoeróticas. Sendo esses agentes portadores de elementos expressivos que podem ser interpretados como posicionamentos de enfrentamento, a fim de elaborar uma cultura plural e crítica ao preconceito e ao tradicionalismo da *família*, assim como, trazer à luz as singularidades LGBTQIA+, bem como suas sexualidades e diferentes formas de expressões subjetivas (PEREIRA; MAZZUTTI, 2017).

Assim, é possível compreender, a partir da arte, a representação da sexualidade em todas as expressões culturais, inclusive na literatura. Estas podem, então serem compreendidas como rompimentos com o poderio Cristão e sua repressão histórica, ultrapassando a barreira da marginalização dos corpos humanos e suas expressões sexuais. A *demonização* da vivência sexual pelas pessoas homossexuais passa então, a partir da literatura, a ter uma conotação livre e expressiva, guiada pelo entendimento de que, naquele espaço, o simbólico perpassa os caminhos do real e do imaginário de forma ampla e repleta de significados.

O paradigma da interpretação psicanalítica traz consigo a sinalização da chance de uma literatura aplicada aos contextos, reconhecendo as neuroses, paranoias e perversões dos sistemas sociais. Para isso, um psicanalista, ao entrar em contato com a literatura, distancia-se do personagem com a perspectiva de observar a fala do sujeito e aprofundar-se em sua subjetividade, compreendendo seu contexto e suas demandas internas, bem como os mecanismos de proteção por trás daquilo que se fala. A junção da psicanálise com a literatura impossibilita, nesse sentido, a quietude por parte do analista, tendo em vista que uma vez percebida a sua conexão, a necessidade de buscar as causas para os sintomas se torna um trabalho incessante e contínuo.

3.2 OS PROCESSOS MENTAIS

Sigmund Freud (1923) revela que existem três níveis dinâmicos de consciência na mente humana, o primeiro corresponde ao consciente, onde residem as experiências percebidas pelo indivíduo, como as lembranças e ações intencionais. Há também o pré-consciente, que reúne ações nas quais não se está pensando no momento, mas que podem ser facilmente recordadas. E, finalmente, o inconsciente (que corresponde à maior parte da mente humana) onde se encontra todo o material que fora reprimido da consciência porque traria constante angústia.

Dedicamo-nos agora ao conceito de inconsciente. Élisabeth Roudinesco e Michel Plon, na obra *Dicionário de psicanálise* (1998), explicitam de que forma se pensava o conceito de inconsciente antes que Freud tenha se debruçado sobre ele, aprofundando-o:

Na linguagem corrente, o termo inconsciente é utilizado como adjetivo, para designar o conjunto dos processos mentais que não são conscientemente pensados. Pode também ser empregado como substantivo, com uma conotação pejorativa, para falar de um indivíduo irresponsável ou louco, incapaz de prestar contas de seus atos. Conceitualmente empregado em língua inglesa pela primeira vez em 1751 (com a significação de inconsciência), pelo jurista escocês Henry Home Kames (1696-1782), o termo inconsciente foi depois vulgarizado na Alemanha, no período romântico, e definido como um reservatório de imagens mentais e uma fonte de paixões cujo conteúdo escapa à consciência.

Introduzido na língua francesa por volta de 1860 (com a significação de vida inconsciente) pelo escritor suíço Henri Amiel (1821-1881), foi incluído no *Dictionnaire de l'Académie Française* em 1878.

Em psicanálise, o inconsciente é um lugar desconhecido pela consciência: uma “outra cena”. Na primeira tópica elaborada por Sigmund Freud, trata-se de uma instância ou um sistema [...] constituído por conteúdos recalçados que escapam às outras instâncias, o pré-consciente e o consciente [...]. Na segunda tópica, deixa de ser uma instância, passando a servir para qualificar o isso e, em grande parte, o eu e o supereu (p. 374-5, grifos dos autores).

Como vemos, o conceito de inconsciente é, então, primordial para teoria psicanalítica, além de ser bastante abrangente, cheio de desdobramentos teóricos. Podemos dizer que se trata da grande descoberta de Sigmund Freud, nele residem as lembranças traumáticas esquecidas e os desejos negados. Outrossim, podemos afirmar que é uma fundamentação teórica inovadora pois retira da medicina todo o poderio que esta detinha sobre a doença e passa a considerar aspectos do paciente que até então eram ignorados (ALONSO; FUKS, 2004, p. 46).

As experiências que são insuportáveis ao consciente são empurradas para o inconsciente através de mecanismos de defesa, dentre eles, a projeção, o recalque e a sublimação. Com o

domínio biomédico em vigor, bem como teorias tecnicistas que embasavam a psicologia, um novo modelo surge, se contrapondo ao pragmatismo imposto no século XIX. Utilizando a técnica da hipnose sob a orientação de Joseph Breuer, Freud passou a perceber os processos que pareciam não estarem claros ao nível de consciência, pois observou, em pacientes com histeria, que os quadros psicossomáticos que elas apresentavam, sofriam redução após trazerem à consciência conteúdos que estavam “adormecidos” da lembrança. Entretanto as doenças psicossomáticas retornavam tempos após a aplicação da sessão de hipnose. Sendo assim, percebendo a necessidade de fala das pacientes, Freud deu início à “técnica de associação livre”, que sugere a “cura através da fala”, principal instrumento de estudo da psicologia moderna. Dessa forma, a teoria psicanalítica surgiu em oposição à modelos experimentais e foca na singularidade do sujeito mediante a exposição dos conteúdos que surgem à consciência após o estímulo de uma palavra que seria gatilho para o início do conteúdo psíquico se desenvolver através da fala (CLONINGER, 1999).

Em *O interesse da psicanálise*, Freud (1913) descreve seu método como um procedimento em que o médico foca na cura das neuroses por meio de uma técnica psicológica. Diante disso, Freud desenvolveu sua teoria utilizando-se de estruturas topográficas que definem o funcionamento do aparelho psíquico. Tais estruturas representam o consciente, o pré-consciente e o inconsciente, sendo a primeira detentora dos conteúdos que surgem claramente ao sujeito; a segunda refere-se aos conteúdos relacionados às lembranças que podem ser facilmente acessíveis à consciência; e a terceira é o elemento mais complexo do funcionamento mental, tendo em vista que nela encontram-se os conteúdos reprimidos da consciência, os medos primários, os desejos que não foram realizados e situações que se tornam indesejáveis à consciência. Para melhor ilustrar como se estrutura o aparelho psíquico, Gustav Theodor Fechner propôs a analogia do iceberg (SCHULTZ; SCHULTZ, 2014) como metáfora para ilustrar essa teoria.

Neste modelo, a ponta do iceberg é o consciente, ou seja, é visível ao sujeito, aparecendo de forma clara e contemplando também o que os outros podem enxergar. Sendo assim, essa instância é a superfície. O pré-consciente prossegue pairando entre o consciente e o inconsciente, tendo em vista que esses são os conteúdos que podem ser acessados através da memória. O inconsciente, no entanto, é a parte submersa na água, de maior profundidade e que contempla mecanismos de difícil acesso, mas que direcionam a vida do indivíduo. Sendo assim, a forma como o sujeito vivenciou a infância se torna conteúdo inconsciente na vida adulta, guiando os comportamentos do indivíduo. O psiquiatra e pesquisador, Marco Antonio Coutinho Jorge (2008) afirma que

Freud quis dar ao conceito de inconsciente uma abrangência ímpar, acabando por estendê-lo do âmbito restrito da patologia neurótica a todas as regiões da mais legítima produção humana. Nenhuma de nossas ações, escolhas, tendências, desejos escapa à ação do inconsciente, o que faz com que a fronteira tão rígida entre normal e patológico, construída outrora pelo saber psiquiátrico, se torne algo inexistente (p. 11).

De acordo com Macedo e Falcão (2005) ao inaugurar o conceito de inconsciente, o pai da psicanálise promove o deslocamento da fala à concepção de que o sujeito comunica muito além daquilo que se pode falar inicialmente, o psicoterapeuta seria assim um espelho para que o sujeito possa se encontrar em sua singularidade. Nesse sentido, passa a crer que o inconsciente é expresso também nas atitudes do sujeito, seus atos falhos, lapsos de memória, sonhos etc.

3.3 AS FASES DE DESENVOLVIMENTO SEXUAL

Um postulado inovador da psicanálise que gerou polêmica na sociedade do século passado foi a descoberta da sexualidade infantil descrita por Freud em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). O pai da psicanálise afirma que há uma predisposição polimorficamente perversa no que concerne às crianças que, ao contrário do que se pensava, assim como os adultos, não só sentem prazeres sexuais como também têm objetos de desejo sexual. Geralmente esses objetos são socialmente proibidos (como é o caso da mãe, se pensarmos no *Complexo de Édipo*). Logo, as crianças estão aptas a desenvolverem uma capacidade de obter gratificação sexual fora dos padrões sexuais da sociedade, pois se encontram sob a influência da sedução. Isso ocorre porque a realização desses atos encontra poucas resistências, já que os entraves psíquicos para as extensões sexuais, tais como vergonha, nojo e moral, ainda não foram erguidos ou estão em vias de construção (FREUD, 2016, p. 98).

Ainda de acordo com essa teoria da sexualidade freudiana, é justamente durante a infância que a personalidade de uma pessoa é formada, através do desenvolvimento psicosexual, que ocorre por meio de estágios de acordo com o nível de maturação do indivíduo. É sabido que, caso mal solucionadas, isto é, gratificadas ou negligenciadas em

excesso, a fase correspondente apresentará uma fixação que trará consequências para a vida adulta (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

A compreensão de que a sexualidade existe no sujeito desde mesmo sua concepção, determina os comportamentos que serão repetidos durante a fase adulta. Freud nomeia a primeira dessas fases de oral ou canibal. Ela ocorre, em média, desde o nascimento, até o primeiro ano do bebê, onde o prazer é obtido através da sucção do seio materno. Um exemplo de fixação nessa fase é o hábito de roer unhas.

A fase consecutiva, chamada de organização sádico-anal, está relacionada com o prazer através da defecção, sendo o ânus a zona erógena. Esta fase está ligada à produção e à criatividade, logo uma fixação relacionada a ela pode ser encontrada em um adulto que apresenta alto nível de criticidade (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

A fase seguinte é a fálica, ela representa um momento de descobertas. Nessa etapa, o menino descobre que possui um pênis e que as meninas não. Aí se entende que o menino representa o falo, o poder; e a menina, a falta. É nessa etapa também que ocorre o fenômeno do *Complexo de Édipo*, logo, a formação do superego. O menino, ao se identificar com seu pai, deseja a mãe e tenta afastar a figura paterna. Entretanto, o pai, ao se posicionar firme nessa tríade, representa o falo (isto é, o poder), castra o desejo do filho, que passa pelo complexo de castração (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Finalmente, há a fase genital, que se inicia na puberdade, o outro passa a ser objeto do desejo sexual. Essa robusta fundamentação sobre a sexualidade humana exposta em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) não poderia subtrair as discussões sobre o que se pensava sobre homossexualidade. À época, o pai da psicanálise entendia a homossexualidade enquanto aberração sexual e se referia a ela como *inversão*, pois postulava que havia um desvio ou inversão no que diz respeito ao objeto sexual normal. Esse discurso freudiano estava em sintonia com o que se pensava à época sobre os homossexuais. A esse respeito, Roudinesco e Plon (1998), pontuam que Sigmund Freud não fez da homossexualidade um conceito ou uma noção própria da psicanálise (p. 350). Na mesma página, os autores discorrem sobre o fato de tampouco haver uma teoria psicanalítica pós-freudiana acerca da homossexualidade:

[...] o freudismo, consideradas todas as suas tendências, não produziu nenhuma teoria específica sobre essa inclinação sexual que se fez derivar da bissexualidade característica da natureza humana e animal, e que foi inicialmente ligada ao campo das perversões sexuais e, mais tarde, ao da perversão em geral, como elemento de uma estrutura ternária que engloba a psicose e a neurose.

No que se refere ao dinamismo do aparelho psíquico, ele é explicado pelas forças do *id*, do *ego* ou *eu* e do *superego* ou *supereu*. O *id* é a mais antiga e mais primitiva instância psíquica e representa as funções biológicas; é o reservatório de energias libidinais, regido pelo princípio do prazer. O *ego* é uma modificação do *id* que emerge como resultado direto da influência social, ele é regido pelo princípio da realidade. O *superego*, por sua vez, surge como consequência do *Complexo de Édipo* e representa o ideal de *ego*, ele é regido pelo princípio da moral (LAPSLEY; STAY, 2011).

No *id*, se apresenta a energia psíquica (libido), que é sexual. As motivações apresentadas pela personalidade se derivam dessa energia, podendo ser tanto instintiva quanto social. Uma energia que é voltada para a arte, por exemplo, é uma libido que foi transformada. Porém, caso reprimida, a energia se torna indisponível para a sublimação. Tendo isso em vista, observa-se que existem dois tipos de energia psíquica: pulsão de vida (sexual; Eros), que se refere à motivação de esperança e ao amor; e pulsão de morte (agressiva; Tânatos), que se refere a uma força que sugere destruição (CLONINGER, 1999).

Entende-se que toda energia psíquica apresenta quatro características: fonte, pressão, meta e objeto. A fonte se refere à origem da pulsão, isto é, em qual órgão, visto que apresenta caráter biológico. A pressão é a quantidade da força da pulsão. Caso não seja saciada, a pressão aumenta, do contrário, diminui. Pode-se verificar um exemplo disto quando um bebê acorda por estar faminto. A meta é preservar o equilíbrio homeostático, ou seja, corporal. A fim de amenizar a tensão, o corpo tenta saciar as demandas libidinais. O objeto é a coisa para qual o desejo é direcionado: para a fome, um lanche, por exemplo (CLONINGER, 1999).

O instinto (*instinkt*) e a pulsão (*trieb*) se diferenciam. O primeiro é hereditariamente fixado e possui objeto específico, ele está presente em todos os animais. Já a pulsão é o que diferencia os seres humanos dos demais animais, ela não implica nem comportamento pré-formado, nem possui objeto específico (GARCIA-ROZA, 2011).

3.4 DOR E GOZO: OS OPOSTOS COMPLEMENTARES

Os conceitos de dor e de gozo são muito importantes para a psicanálise. A dicotomia entre eles, que são duas experiências aparentemente contrárias, porém surpreendentemente complementares, desencadeia uma série de (des)ajustes na estrutura subjetiva de Eddy Bellegueule, narrador-personagem que vamos analisar no próximo capítulo. Essas confusões

permeiam toda a narrativa e justificam a eleição da psicanálise como instrumento de análise para fazer uma leitura qualificada do texto literário em tela.

Dor e gozo são conceitos distintos, porém, como já dito, muito próximos um do outro. As dores ferem, mas, ao mesmo tempo satisfazem Eddy, que muitas vezes vai em busca delas. As máculas da(s) violência(s) fazem com que ele atinja o gozo em vários momentos da narrativa, uma vez que, atualmente, o espaço reservado aos homossexuais ainda é predominantemente o de execração e cabe a eles encontrar prazeres em lugares de dor e vice-versa.

Élisabeth Roudinesco e Michel Plon apresentam as seguintes considerações sobre o gozo para as teorias psicanalíticas:

inicialmente ligado ao prazer sexual, o conceito de gozo implica a idéia de uma transgressão da lei: desafio, submissão ou escárnio. O gozo, portanto, participa da perversão, teorizada por Lacan como um dos componentes estruturais do funcionamento psíquico, distinto das perversões sexuais (p. 299).

Em *Além do princípio do prazer*, de 1920, Sigmund Freud nos revela que o prazer e o desprazer, no sentido de sensações conscientes, estão ligados ao *Eu* (p. 167), que, como já vimos, é uma das instâncias que formam a psique humana, na qual o princípio da realidade predomina, em extensão ao *Id* que corresponde ao prazer, que nos é inato.

Sabemos que o princípio do prazer é próprio de um modo de funcionamento primário do aparelho psíquico, e que, para a autoafirmação do organismo em meio às dificuldades do mundo externo, já de início é inutilizável e mesmo perigoso em alto grau. Por influência dos instintos de autoconservação do *Eu* é substituído pelo *princípio da realidade*, que, sem abandonar a intenção de obter afinal o prazer, exige e consegue o adiamento da satisfação, a renúncia a várias possibilidades desta e a temporária aceitação do desprazer, num longo rodeio para chegar ao prazer. Por muito tempo o princípio do prazer continua como o modo de funcionamento dos instintos sexuais, que são difíceis de “educar”, e volta e meia sucede que, a partir desses instintos ou no próprio *Eu*, ele sobrepuja o princípio da realidade, em detrimento de todo o organismo (p. 165-6, grifos do autor).

Sobre essa oposição entre os princípios do prazer e da realidade, Terry Eagleton (2006) faz uma leitura interessante. Segundo ele, todos os seres humanos precisam sofrer repressão do princípio do prazer em favor do princípio da realidade. O problema reside no fato de a repressão ser, na maioria das vezes, excessiva, o que inevitavelmente faz com que adoecemos. Às vezes, nós nos propomos a abrir mão de algo prazeroso convictos de que, em algum momento, nós poderemos recuperar esse objeto abdicado. “Estamos preparados para aceitar a repressão desde que ela nos ofereça alguma coisa em troca, mas se as exigências que

nos são feitas forem excessivas, provavelmente adoeceremos” (p. 228). Nesse jogo de oposições que se confundem e, assim, se complementam, aquilo que o inconsciente percebe como prazer, no consciente, pode ser entendido como o oposto disso e vice-versa. Dessa forma, as posições de dor e prazer não só se cruzam e se misturam como também se revezam em seus polos.

Por sua vez, Jacques Lacan, sobre seu conceito de gozo (*jouissance*, em francês), que vai além desse princípio do prazer, nos revela, no *Seminário 7*, que é importante

[...] ater-nos ao que a falha comporta. Tudo o que a transpõe constitui objeto de uma dívida no Grande Livro da dívida. Todo exercício de gozo comporta algo que se inscreve no livro da dívida na Lei. E muito mais ainda, é preciso que algo nessa regulação seja, ou bem paradoxo, ou bem lugar de algum desregramento, pois, ultrapassamento da falha no outro sentido não é equivalente. Freud escreve o Mal-estar na civilização para dizer-nos que tudo o que passa do gozo à interdição vai no sentido de um reforço sempre crescente de interdição. Todo aquele que se aplica em submeter-se à lei moral sempre vê reforçarem-se as exigências, sempre mais minuciosas, mais cruéis de seu supereu. Por que será que não ocorre o mesmo no sentido contrário? Não é absolutamente o caso, é um fato, e todo aquele que avança na via do gozo sem freios, em nome de qualquer forma que seja de rejeição da moral, encontra obstáculos cuja vivacidade sob inúmeras formas nossa experiência nos mostra todos os dias, e que, talvez, não deixam de supor algo único na raiz (2008, p. 216-217).

Como vemos, ao cotejamos as visões de Freud e Lacan, há uma nuance entre os dois pensamentos: para a perspectiva freudiana, a dor é regida pelo princípio do prazer/desprazer; já na lacaniana, o gozo diz respeito ao que está para além deste princípio e se conecta à pulsão de morte (QUEIROZ, 2012). O conceito de gozo foi escolhido para essa discussão pois é um operador, uma ferramenta conceitual importante e, por isso, é uma das categorias analíticas do nosso estudo. Ao lermos o romance de Édouard Louis, observamos o quanto esse movimento sintomático é realizado várias vezes no discurso de Eddy Bellegueule. A compreensão de gozo, distinta da noção de prazer, possibilita a definição das diferentes relações de satisfação que os indivíduos podem obter ao longo da sua vida, experimentando o objeto desejado, sendo este constituinte também do caráter simbólico expresso na linguagem. Os seres humanos encontram, ao longo da história de suas vidas, diversas formas de atingir o gozo, seja a partir da conquista de um desenvolvimento acadêmico, profissional, financeiro, etc., não sendo este necessariamente no campo sexual. Entretanto a repressão desse desejo pode implicar em sintomas a serem compreendidos como objeto de análise (CUKIERT, 2004). Contudo entendemos o gozo como uma espécie de satisfação mítica e inacessível, pois o ser

humano está sempre na ânsia de conquistar algo e busca o preenchimento dessa falta repetidas vezes, mas não consegue atingir a completude, voltando à procura do objeto de desejo várias e várias vezes. Como no mito exposto por Aristófanes em o *Banquete*, de Platão, há algo que tentamos buscar incessantemente; há uma falta que não consegue ser preenchida.

Nesse contexto, compreende-se que os seres humanos se observam em sua subjetividade como sujeitos a partir do olhar do outro, como um espelho e as relações entre linguagens e corpos expressam a percepção dos indivíduos frente às diferentes circunstâncias do cotidiano. Logo, em uma sociedade preconceituosa e discriminatória, que trata a população LGBTQIA+ como um objeto de sua própria projeção, é possível observar que os homossexuais desenvolvem seus mecanismos de defesa em torno de sentimentos de impotência, inferioridade e medo, possuindo, inclusive, dificuldade de aceitação consigo próprios, recalcando assim, os próprios desejos ou alimentando o sentimento de culpa frente a eles.

Depois de todas as discussões estabelecidas, elegendo a psicanálise para entender alguns aspectos da sexualidade humana, sobretudo a sexualidade infantil e a homossexualidade, que são os aspectos relevantes para a análise do nosso *corpus*, podemos dizer que os dispositivos da psicanálise revelam que o sujeito necessariamente tem uma sexualidade inata e objetos de desejo específicos que se manifestam desde seu nascimento. Contudo, esse mesmo sujeito encontra, na sociedade, entraves no que se refere à realização desse desejo, o que faz com que ele precise redirecionar essa pulsão para um outro objeto. Quando o desejo é proibido, como é o caso da homossexualidade, a depender da sociedade na qual o sujeito se encontra, a escolha pode ser feita no sentido de esconder esse desejo e não o realizar efetivamente para não sofrer retaliações e punições severas do todo social, inclusive, aventurando-se em namoros infrutíferos com o sexo oposto; ou mesmo realizar esse desejo nas alcovas, sem que se saiba sobre ele. Essas possibilidades de posicionamento em relação à própria homossexualidade por parte do personagem principal do nosso *corpus*, Eddy Bellegueule, serão objeto das nossas discussões no capítulo a seguir, no qual continuaremos a introduzir outras noções da teoria psicanalítica que julgamos mais adequadas ao terceiro capítulo dessa dissertação.

4 EDDY BELLEGUEULE NO DIVÃ

Neste capítulo, procederemos à observação profunda do romance, considerando tanto os aspectos extrínsecos quanto intrínsecos à obra. Nossas ferramentas de análise serão as teorias psicanalíticas sustentadas por Sigmund Freud e Jacques Lacan em alguns de seus mais ilustres trabalhos, como vimos no capítulo anterior, sobretudo no que se refere aos conceitos de prazer, dor e gozo. Além disso, apresentamos outros postulados de Freud, principalmente sobre os interditos e sistemas de controle sociais, que julgamos mais prudente apresentar neste capítulo e não no anterior.

Os trechos eleitos em língua francesa seguem todos em notas de rodapé, conforme recomendações da ABTN para passagens em línguas estrangeiras, e foram extraídos da versão original do romance datada de 2014; já no corpo do texto, optamos pela tradução da jornalista carioca Francesca Angiolillo, referente à obra publicada no Brasil em 2018. Desta forma, ao apresentarmos as passagens selecionadas para esse estudo, indicaremos apenas a respectiva página em cada uma das edições.

Primeiramente, optamos por uma breve apresentação do autor e da obra em questão. Em seguida, destacaremos a estrutura do romance, os personagens, as temáticas, etc. Finalmente, dividiremos a análise referente à temática da homossexualidade em dois momentos: (1) as dores de Eddy e (2) os prazeres de Eddy. Sempre destacando de que maneira o narrador-personagem nos faz acessar esses elementos por meio de seu discurso e como a teoria psicanalítica pode nos ajudar a interpretar essas questões.

4.1 APRESENTAÇÃO DO ROMANCE (PARTE 1): ELEMENTOS EXTRÍNSECOS À OBRA

A obra *En finir avec Eddy Bellegueule* foi lançada na França em janeiro de 2014 pela editora *Éditions du Seuil* (pertencente ao grupo Média Participations). A versão brasileira chegou ao mercado em 2018 sob o título de *O Fim de Eddy*, traduzida por Francesca Angiolillo para o selo Tusquets da editora Planeta do Brasil. Quatro anos separam a edição portuguesa *Acabar com Eddy Bellegueule* da brasileira. O lançamento desta obra em nosso

país, ainda que tardio, segue uma tendência de consagração internacional surpreendente para uma obra de temática LGBTQIA+. Do ponto de vista comercial, o título vendeu em abundância. Só na França, foram duzentos mil exemplares nos primeiros sete meses de lançamento. A obra foi agraciada com o Prêmio Pierre Guénin²⁹ de 2014. Além disso, foi adaptada para o teatro e para o cinema. A versão fílmica, sob o título de *Marvin ou la belle éducation*, foi dirigida por Anne Fontaine e lançada em 2017 no Festival Internacional de Cinema de Veneza, e recebeu o troféu *Queer Lion*, que premia o melhor filme com temática gay durante o festival. Contudo, em 13 de setembro de 2017, Édouard Louis postou um *tweet* no qual revelou que o filme de Fontaine nada tinha a ver com o romance que ele escreveu³⁰. Mas, apesar da negativa do autor, na prática, o roteiro da película manteve os percursos da narrativa do romance original. A diferença mais flagrante sendo a modificação dos nomes dos personagens. Por exemplo, o personagem principal, Eddy Bellegueule, foi renomeado como Marvin Bijoux.

O sucesso comercial do romance foi tão acentuado que, meses depois do lançamento oficial, ele foi relançado no território francês em audiolivro pelo selo Audiolib (pertencente aos grupos *Hachette* e *Albin Michel*). A leitura ficou a cargo do ator e diretor cinematográfico Philippe Calvario. Em maio de 2015, foi relançada também em livro de bolso pelo selo *Éditions Points* (assim como a *Éditions du Seuil*, pertencente ao conglomerado *Média Participations*). Relançamentos dessa natureza só são realizados quando a obra tem histórico de bom desempenho nas livrarias.

Todo esse cenário de sucesso e polêmicas impulsionou o romance e, certamente, contribuiu para que editoras ao redor do mundo decidissem investir na tradução do livro, que conta, atualmente, com mais de vinte delas. Com o sucesso dessas traduções, as editoras continuaram apostando em lançamentos de Louis e, desta forma, mais obras do autor foram lançadas nos campos literários já penetrados por *En finir avec Eddy Bellegueule*. No contexto brasileiro, em março de 2020, a segunda obra da carreira de Édouard Louis foi traduzida no Brasil e, mais uma vez, com atraso em relação ao interesse português. No país ibérico, o

²⁹ O prêmio Pierre Guénin foi criado em 2009 pelo próprio Guénin em parceria com a associação francesa SOS Homophobie. A finalidade do prêmio era laurear a cada ano uma pessoa, um grupo de pessoas ou um projeto que tivesse contribuído para a luta contra a homofobia e para a promoção dos direitos LGBTQIA+. O vencedor recebia 4 mil euros. Com a morte de Pierre Guénin e sem o apoio da SOS Homophobie (que se retirou do prêmio em 2015, quando Guénin foi acusado de ter proferido comentários racistas no Facebook), o prêmio foi extinto em 2016.

³⁰ Disponível em: https://twitter.com/edouard_louis/status/907923724694904832?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etwteembed%7Ctwterm%5E907923724694904832%7Ctwgr%5Ehb_0_10%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.francetvinfo.fr%2Fculture%2Fcinema%2Fsorties-de-films%2Fmarvin-ou-la-belle-education-famille-je-vous-hais_3338667.html. Acesso em: 31 maio 2022.

segundo romance de Édouard Louis foi lançado em 2019. O selo responsável pelo lançamento e a tradutora do texto foram os mesmos de *O fim de Eddy. Histoire de la violence* (2016) é uma narrativa também autobiográfica (como já adiantamos no capítulo primeiro desta dissertação) e diz respeito a mais uma experiência traumática na vida do autor: a noite na qual foi estuprado e quase assassinado dentro de seu próprio apartamento em Paris por um rapaz de origem argeliana que acabara de conhecer na rua. O livro foi lançado no Brasil sob o título de *História da violência*. Esse segundo trabalho é dedicado a Geoffroy de Lagasnerie, sociólogo, filósofo, ativista político e amigo íntimo de Édouard Louis. Juntos, em 2015, eles elaboraram um manifesto de esquerda publicado no jornal *Le Monde*. O objetivo, segundo ambos, era fazer com que os intelectuais franceses voltem a se engajar no debate político.

No que diz respeito à crítica literária, a obra *En finir avec Eddy Bellegueule* foi objeto de discussão e também repercutiu na imprensa francesa. A saber, a escritora francesa Annie Ernaux teceu comentários elogiosos ao romance e o crítico literário suíço e professor da Universidade de Lausanne, Jérôme Meizoz, escreveu um artigo crítico em 2014 sobre o romance para a *Contextes*, revista belga de sociologia da literatura. Os sites, jornais e revistas da Europa noticiaram o lançamento e consecutivo sucesso do romance, cada um com seu enfoque particular. A título de exemplo, em 2014, para o *Libération*, o jornalista David Belliard optou por destacar algumas características do romance que julgava importantes, dentre elas, o fato da narrativa “colocar em pauta não apenas a fuga de Eddy, mas dar voz a tantas fugas que permanecem silenciadas³¹” (Tradução nossa).

Édouard Louis é declaradamente homossexual e a obra em questão narra sua própria trajetória de desafios – durante a infância e a adolescência – para lidar com o preconceito, a discriminação e a violência física e psicológica por causa de sua orientação sexual e seus trejeitos afeminados. O livro é dedicado a Didier Eribon, célebre filósofo e estudioso das questões ligadas à homossexualidade e amigo íntimo de Édouard Louis. Sempre ativos em redes sociais como Instagram e Twitter, eles fazem postagens nas quais estão um na casa do outro, em algum evento social ou mesmo em algum ato político. Eles revelam em fotos e vídeos momentos descontraídos nos quais comem e bebem vinho, enquanto conversam sobre política, vida em sociedade e literatura.

³¹ No original: “[...] ne met pas seulement en récit la fuite d'Eddy, il donne voix à tant de fuites restées silencieuses [...]”

4.2 APRESENTAÇÃO DO ROMANCE (PARTE 2): ELEMENTOS INTRÍNSECOS À OBRA

4.2.1 Os personagens principais

O foco narrativo é de primeira pessoa. Trata-se, então, de um narrador-personagem. Como na maioria das autoficções, o narrador é também o protagonista da história. O enredo gira em torno dos dilemas sociais e afetivos de *Eddy Bellegueule* que, já aos dez anos, percebe que não consegue responder às expectativas do meio social no qual nasceu (um humilde vilarejo no norte da França) no que se refere à sua orientação sexual. Frequentemente violentado física e psicologicamente por ser homossexual afeminado, contudo, ele tenta se encaixar nos parâmetros masculinos exigidos pela sociedade onde vive, inclusive, forçando uma relação heterossexual com duas garotas, *Laura* e *Sabrina*, que, nas palavras dele, o enojam. Especificamente, na primeira parte do romance, ele é uma criança de dez anos e, na segunda, ele está entre os 13 e os 16 anos de idade.

O pai de Eddy se chama *Jacky* e sua mãe *Brigitte*. Ambos são pessoas rudes, ignorantes, sem instrução escolar, pertencentes a uma classe social extremamente desfavorecida. O pai tem discursos e práticas consideradas machistas e racistas pelo narrador-personagem. Antes de se casar com Jacky, Brigitte já tinha dois filhos, o irmão mais velho de Eddy, *Vincent*, e uma garota cujo nome não é revelado pelo narrador durante toda a narrativa³². Após o casamento, depois do nascimento de Eddy, primeiro filho em comum do casal, eles têm mais dois filhos, os gêmeos, *Rudy* e *Vanessa*.

Na escola, dois personagens são apresentados sem nome, *o grande de cabelos ruivos* e *o pequeno de ombros caídos*. Na maioria das vezes, eles são identificados assim na romance, em momentos raros, a alcunha alternativa inserida pelo narrador é *os dois garotos*. Eles são os principais algozes de Eddy, em quem davam socos e escarradas.

No vilarejo, além dos familiares de Eddy, os personagens que julgamos dignos de menção, por causa da ênfase a eles dada na narrativa, são os camaradas com quem o narrador-personagem interage, na tentativa de se encaixar naquela sociedade. São eles: *Bruno* e *Fabien*,

³² Descobrimos o nome da irmã de Eddy Bellegueule no segundo romance de Édouard Louis, *Histoire de la Violence*, no qual ela tem mais destaque do que em *En finir avec Eddy Bellegueule*, sendo, ao lado de Édouard, um dos dois narradores. Ela se chama Clara.

além do primo de Eddy, *Stéphane*. Juntos, os quatro tem o costume de se reunirem no depósito de lenha da comunidade, a fim de simularem cenas de filmes pornográficos. Eddy e os outros garotos têm por volta de dez anos na ocasião, à exceção de Bruno que era aproximadamente seis anos mais velho do que eles. Nessas simulações, Bruno e Stéphane penetravam Eddy e Fabien por via anal.

Finalmente, enxergamos que a pobreza, em seu sentido mais amplo, seria uma espécie de personagem já que apresenta características próprias e interage com outros personagens da trama, sobretudo, o protagonista, Eddy, que evoca a pobreza e seus signos em quase todas as passagens do romance.

4.2.2 Breve resumo da obra

Por se tratar de uma autoficção, a narrativa do romance se propõe a refletir a história de vida do escritor tal como ela aconteceu a partir da visão única de seu narrador. Nascido em 30 de outubro de 1992 na comuna francesa de Hallencourt (norte do país), desde cedo, Eddy esteve inserido em um contexto conflituoso de extrema pobreza e degradação humana. Além da homofobia, o racismo, o machismo, a misoginia, a fome e o anticientificismo faziam parte de seu cotidiano em casa, na comunidade e na escola. A saúde, por exemplo, era desprivilegiada, por não ser considerada pelos moradores do vilarejo como “coisa de homem”. A partir de um narrador-personagem, Édouard Louis, então conhecido como Eddy Bellegueule, narra como recalcava suas dores físicas e psicológicas, escondendo da sociedade suas verdades, por temer ser vítima de ainda mais preconceito e discriminação por ser quem era e agir como agia. A violência contra ele era geralmente banalizada pelos outros personagens e a homofobia o vitimiza durante todo esse período. De um lado, sofria violência psicológica e física por parte dos dois colegas na escola, do outro, era vítima de violência psicológica por parte dos moradores da comunidade e até dos próprios pais, que julgavam inadequado seu modo de andar e de falar, nas palavras deles, como uma mocinha. Todas essas informações se concentram na primeira parte da narrativa: *o Livre 1 : Picardie (fin des années 1990 – début des années 2000)* (*Livro 1: Picardia (fim dos anos 1990 – começo dos anos 2000)*). As partes mais emblemáticas desse livro correspondem às passagens nas quais ele é violentado fisicamente e humilhado na escola, mormente pelos *dois garotos*.

Na segunda parte, o *Livre 2 : L'échec et la fuite* (Livro 2: O fracasso e a fuga), Eddy descreve seus primeiros contatos sexuais com meninos. Nesse momento, ele tem dez anos de idade. As suas experiências eróticas inaugurais foram vividas de maneira marginal no depósito de lenha do vilarejo, com Bruno e seu primo Stéphane se revezando para penetrar ora seu corpo infantil ora o de Fabien. Eles chamavam essas interações de *brincar de homem e mulher*. Ao ser descoberto pela sua mãe, que o flagra sendo penetrado por Stéphane, Eddy entende que, a partir daquele momento, as punições se reproduziriam de todos os lados. Minutos depois, ele é esbofeteado pelo pai em decorrência disso. Ademais, a notícia do flagra se espalha e chega aos ouvidos dos *dois garotos* que, para surpresa de Eddy, além de cuspirem nele, como de costume, resolvem solicitar que ele engula o catarro que foi expelido por ambos em direção à manga da camisa dele.

Eddy considerava as meninas da comunidade suas amigas e não tinha nenhum tipo de atração sexual por elas. Mas, depois de todas essas retaliações decorrentes de suas posturas sexuais desconexas do que esperava o seu meio social, Eddy decide que vai seguir os exemplos dos homens de seu vilarejo, lutar contra a homossexualidade e efeminação e, assim, dizendo-se “eu vou ser um durão” (2018, p. 131)³³, se empenha em conquistar Laura, que reluta à princípio, dado o histórico de *bullyings* homofóbicos que ele sofreu. Ela temia que todo esse mar de ódio se estendesse a ela. Contudo ele consegue convencê-la a se relacionar com ele, mas a estratégia não dura muito tempo porque beijar a menina o enojava. Ainda assim, ao terminar com ela, Eddy tenta namorar com outra garota, uma amiga de sua irmã mais velha, Sabrina. Mas, quando ela tenta fazer sexo com Eddy, ele foge, o que põe fim ao relacionamento dos dois e também aos esforços do garoto de atender às expectativas heteronormativas das pessoas de seu vilarejo. As tentativas de luta contra o desejo homossexual fracassam e, só resta a Eddy sair do vilarejo.

O terceiro e último momento do romance é o epílogo que tem uma estrutura diferente do resto da narrativa. Há elementos típicos da poesia, já que é escrito em versos, sem pontuação normativa e com linguagem coloquial exacerbada. Nota-se, dessa maneira, que o personagem demonstra pela linguagem o quanto finalmente está livre da comunidade, das pessoas cruéis de lá e dos antigos paradigmas aos quais estava subordinado e deveria obedecer. É nessa parte da narrativa que ele deixa o vilarejo em direção ao liceu Madeleine-

³³ No original: “Aujourd’hui je serai un dur” (2014, p. 166). No texto original em francês, a frase toda está em itálico, já que se trata do discurso direto do personagem, por isso a transcrevemos aqui em não-italico. Sobre esse aspecto estilístico do autor, debateremos mais a seguir.

Michelis, em Amiens, a maior cidade de sua região. Ele passou em uma prova para estudar teatro nessa localidade, o que foi sua libertação.

4.2.3 As temáticas do romance

O romance se divide em três temáticas principais que se comunicam e se entrelaçam, quais sejam:

- Os paradigmas e signos da homossexualidade e da homofobia, sobretudo, os questionamentos de Eddy Bellegueule nestes lugares de prazer e de dor que se retroalimentam, que são mútuos. Consideramos essa a temática principal e, desta forma, a que mais nos interessa para esse estudo;
- A pobreza extrema, em sentido mais amplo. Os habitantes do vilarejo no qual Eddy morava na infância e adolescência têm carências de ordem não só financeira, como também intelectual, moral e cultural. As casas do vilarejo eram precárias, sem estrutura, com pouco espaço, mas com famílias numerosas. Havia uma degradação generalizada, uma pobreza tamanha que, inclusive, causava vergonha a esses personagens. Admitir que eram pobres, que tinham poucos recursos, os desconcertava, então eles mentiam para si mesmos que estavam bem e que o que tinham era o suficiente;
- A difícil e sacrificada vida das mulheres nesse vilarejo, no qual homens e mulheres têm papéis sociais bem definidos e, praticamente, imutáveis. As renúncias a uma vida de felicidade e a uma existência de prazeres são compulsórias para o gênero feminino. Elas são praticamente obrigadas socialmente a seguirem seus destinos de donas de casa, subordinadas a seus maridos e condenadas à pobreza extrema em todos os seus sentidos. Qualquer tentativa de quebra desses paradigmas pode(ria) culminar/culminou em graves rupturas nas relações entre esses personagens, que causam danos para todos os agentes imbrincados, mormente, as mulheres.

Como já mencionado, ainda que nos refiramos neste estudo à pobreza e ao machismo/misoginia e estrutura patriarcal que são apresentados no romance, nosso foco se concentra quase que totalmente à primeira temática, que é a mais importante para nossa pesquisa. Ainda assim, como essas três esferas de temas se correlacionam e se complementam, em alguns momentos, vamos recuperar as outras duas temáticas, mas só quando necessário para nossa análise, de maneira pontual.

4.2.4 Estrutura e divisão do romance e o estilo do autor

No que se refere ao discurso direto, na narrativa, ele não é introduzido por recursos de pontuação habituais para esse gênero literário, como dois pontos e aspas, e os diálogos não são marcados pelo uso de travessão. O leitor entende que a fala é de outro ou outros personagens que não Eddy pelo recurso da modificação da fonte da letra que passa a ser em itálico.

En finir avec Eddy Bellegueule é um romance dividido em duas partes, totalizando, em sua primeira edição pela *Éditions du Seuil*, o número de 220 páginas. A primeira parte é a mais substancial, com 15 capítulos. É nela que o narrador-personagem descreve as estruturas sociais de sua comunidade, suas relações familiares e sua rotina na escola. Em todos esses espaços, como já revelamos, ele sofre com ataques homofóbicos violentos nos níveis do discurso e das práticas.

Já a segunda parte tem 9 capítulos e é, portanto, mais curta. Ela trata, sobretudo, de experiências sexuais e amorosas de Eddy Bellegueule e do fracasso ao tentar se enquadrar nos códigos de conduta masculina de sua comunidade natal.

Há ainda o *Epílogo*, que pode ser também entendido como a última parte do romance. Ele ocupa as páginas 215 a 220 da narrativa. Nesse momento, o narrador-personagem descreve sua nova vida longe da Picardia, de maneira livre e, pela primeira vez, leve.

As tabelas a seguir ilustram a subdivisão dos capítulos e o número de páginas dedicado a cada um deles. Essa apresentação é importante para ilustrar melhor as análises que serão feitas da obra. Estamos usando, como referência, a diagramação da primeira edição francesa de 2014, que é a fonte desse estudo.

Tabela 1 – apresentação dos capítulos do *Livre 1 – Picardie (fin des années 1990 – début des années 2000)*

Título original	Título traduzido	Página inicial	Página final	Total de páginas
(1) Rencontre	Encontro	13	20	8
(2) Mon père	Meu pai	21	26	6
(3) Les manières	Os trejeitos	27	33	7
(4) Au collège	No colégio	34	37	4
(5) La douleur	A dor	38	41	4
(6) Le rôle d’homme	O papel do homem	42	58	17
(7) Portrait de ma mère au matin	Retrato da minha mãe pela manhã	59	70	12
(8) Portrait de ma mère à travers ses histoires	Retrato da minha mãe através de suas histórias	71	77	7
(9) La chambre de mes parentes	O quarto dos meus pais	78	84	7
(10) Vie de filles, des mères et des grand-mères	Vida de meninas, de mães e de avós	85	94	10
(11) Les histoires du village	As histórias do vilarejo	95	100	6
(12) La bonne éducation	A boa educação	101	117	17
(13) L’autre père	O outro pai	118	120	3
(14) La résistance des hommes à la médecine	A resistência dos homens à medicina	121	127	7
(15) Sylvain (un témoignage)	Sylvain (um relato)	128	142	15

Fonte: elaborada pelo pesquisador, 2022.

Tabela 2 – apresentação dos capítulos do *Livre 2 – L’échec et la fuite*

Título original	Título traduzido	Página inicial	Página final	Total de páginas
(16) Le hangar	O depósito	145	157	13

(17) Après le hangar	Depois do depósito	158	163	6
(18) Devenir	Tornar-se	164	166	3
(19) Laura	Laura	167	173	7
(20) Révolte du corps	A revolta do corpo	174	181	8
(21) Ultime tentative amoureuse : Sabrina	Última tentativa amorosa: Sabrina	182	188	7
(22) Le dégoût	O asco	189	194	6
(23) Première tentative de fuite	Primeira tentativa de fuga	195	200	6
(24) La porte étroite	A porta estreita	201	211	11

Fonte: elaborada pelo pesquisador, 2022.

4.3 AS DORES DE EDDY

Em seu célebre texto *O mal-estar na civilização* (1930), Sigmund Freud nos revela que o desejo nem sempre é conciliável com a cultura na qual o indivíduo está inserido. Cada sociedade, dotada de um sistema de leis e regras pré-definidos, impõe obstáculos ao exercício pleno da sexualidade. Esses entraves de ordem moral e cultural fazem com que o ser humano se sinta infeliz, por não conseguir viver sua sexualidade de maneira satisfatória e legítima. Se aplicarmos esse postulado à questão da homossexualidade, é possível tecer considerações interessante a esse respeito. Como a homossexualidade na atualidade ainda é vista por parte do todo social como uma prática abjeta, restam aos indivíduos nesta condição sexual algumas alternativas, sempre dolorosas: viverem suas homossexualidades de modo marginal; rebelarem-se contra a sociedade e demonstrarem suas afetividades em público; recusarem a própria homossexualidade e negá-la; etc. Logo ser homossexual é um tabu tanto para a sociedade quanto, muitas vezes, para o próprio indivíduo sob a égide dessa orientação sexual.

No romance em questão, acompanhamos a odisséia de Eddy em busca de uma identidade sexual. Para interromper as agressões que lhe eram impostas, ele nega para si os próprios desejos, dizendo-se que, a partir dali, seria um durão como seu pai e seu irmão mais velho (2018, p. 131). E, para corresponder a esse estereótipo de homem, se forçou a beijar Laura mesmo que isso lhe parecesse um exercício infecto e sujo e se obrigou a sair com

Sabrina mesmo que o corpo feminino da moça o enojasse. Todas essas tentativas de combate à homossexualidade lhe impunham dor. Os verdadeiros momentos de prazer que relata sempre eram em interações sexuais marginalizadas com meninos, nas quais era subalternizado por ser afeminado e, por esse motivo, sempre lhe era reservada a posição passiva na relação sexual.

Os sentimentos de ojeriza pelo que é gay, em algumas passagens do romance *En finir avec Eddy Bellegueule*, revelam dimensões do protagonista que – em uma leitura superficial – poderiam passar despercebidas. Neste sentido, nossa interlocução com o pensamento psicanalítico freudiano se mostra eficaz mais uma vez. O *Inquietante* (1919) é um texto que nos permite mais uma observação intrigante. A repulsa pelo desejo homossexual pode ser entendida como uma tradução do que é familiar ao próprio indivíduo. Isso acontece, sobremaneira, com os homofóbicos, mas também com os próprios homossexuais, quando negam por motivos internos ou externos seus desejos intrínsecos. Os conflitos dizem respeito a algo estranho que habita neles, mas que recusam, por medo de se reconhecerem nesse desejo considerado execrável por parte do todo social. Negar a própria homossexualidade, muitas vezes, é uma maneira de tentar escapar das dores de assumir ser o que a sociedade desaprova, recrimina e rechaça.

4.4 OS ALGOZES DE EDDY

No primeiro parágrafo do romance, o leitor já se depara com uma descrição de dor do narrador-personagem. Segundo ele, não há nenhuma lembrança feliz de sua infância. Ainda que tenha gozado de alguns momentos de felicidade e alegria, o sofrimento os suplantou tornando-se, nas palavras de Eddy Bellegueule, totalitário (2014, p. 13). Logo em seguida, ele narra uma cena de violência psicológica e física que sofrera na escola. Eddy leva uma escarrada de catarro na sua cara. Os nomes próprios de seus algozes não são apresentados pelo narrador, ele os nomeia por suas características físicas: o “alto de cabelos ruivos” e o “baixinho de ombros caídos” (2014, p. 13).

O escarro desceu lentamente pelo meu rosto, amarelo e espesso, como esses catarros ruidosos que obstruem a garganta dos idosos ou doentes, de cheiro forte e nauseabundos. As risadas agudas, estridentes dos dois garotos *Olha lá pegou a cara toda do filho da puta*. O catarro escorre do meu olho até os meus lábios, quase

entrando na minha boca. Não ousou limpar. Eu poderia fazer isso, bastaria uma esfregada da manga. Bastaria uma fração de segundo, um gesto minúsculo para que o escarro não entrasse em contato com meus lábios, mas eu não o faço, por medo de que eles se ofendam, por medo de que eles se irrite ainda mais (2018, p. 13, grifos do autor)³⁴.

Nessa passagem, fica evidente o peso que tem a violência homofóbica na existência de Eddy. Esses tipos de humilhações, que se tornam frequentes no seu dia-a-dia, vão causando máculas no corpo e na alma do personagem. “Eles me esperavam todos os dias. A cada dia eu voltava, como se fosse um encontro marcado, um contrato silencioso.” (2018, p. 32)³⁵: é o que nos revela um Eddy conformado com as agressões, se colocando em uma posição completamente passiva, esperando seus algozes no local de sempre, como se, no desconforto de ser agredido, encontrasse algum tipo de prazer. As consequências dessas situações na construção da subjetividade do personagem são irreversíveis, assim, Eddy acredita que essa é sua posição imutável e deve aceitar essas configurações tal como se apresentam. Ele chega, inclusive, ao ponto de dizer que inscreveram nele a palavra *veado* como um estigma (2014, p. 16). Devido ao seu caráter repetitivo, entendemos essas cenas de encontro no corredor, nas quais, além das típicas escarradas, batem bastante nele, como a tradução de uma espécie de cerimônia. Por outro lado, se pensadas dentro da perspectiva de um ato sexual, podemos fazer uma analogia do catarro com o esperma. É cena clichê nos filmes pornográficos a ejaculação no rosto dos agentes passivos nas relações sexuais. De certa forma, estar nessa posição é humilhante, mas o agente passivo – em geral – quer estar nela e sente prazer em uma situação na qual deveria sentir dor e ojeriza.

A analogia catarro-esperma se fortalece em outro momento da narrativa. Depois de ser descoberto por sua mãe fazendo sexo com os meninos da comunidade no depósito de lenha, o primo de Eddy, Stéphane, que também participava das simulações de filmes pornô, relatou o que eles faziam para todas as pessoas que conhecia. Curiosamente, todas as represálias em relação aos atos sexuais foram imputadas apenas a Eddy. Assim, na escola, mais uma vez, os dois garotos abordaram Eddy, a fim de puni-lo por sua performance sexual por eles considerada inadequada:

³⁴ No original: “*Le crachat s’est écoulé lentement sur mon visage, jaune et épais, comme ces glaires sonores qui obstruent la gorge des personnes âgées ou des gens malades, à l’odeur forte et nauséabonde. Les rires aigus, stridents, des deux garçons. Regarde il en a plein la gueule ce fils de pute. Il s’écoule de mon œil jusqu’à mes lèvres, jusqu’à entrer dans ma bouche. Je n’ose pas l’essuyer. Je pourrais le faire, il suffirait d’un revers de manche. Il suffirait d’une fraction de seconde, d’un geste minuscule pour que le crachat n’entre pas en contact avec mes lèvres, mais je ne le fais pas, de peur qu’ils se sentent offensés, de peur qu’ils s’énervent encore un peu plus.*” (2014, p. 13-4, grifos do autor).

³⁵ No original: “*Ils m’y attendaient chaque jour. Chaque jour je revenais, comme un rendez-vous que nous aurions fixé, un contrat silencieux.*” (2014, p. 38).

O grande de cabelos ruivos apertou meu pescoço para me obrigar a responder rápido. Seus dedos frios na minha nuca, meu sorriso, o medo, a espera da confissão. *Ele tá falando besteira, meu primo é meio maluco, prova disso é que ele tá na sala dos alunos com necessidades especiais. Eu não sou um mariquinha de merda. Não fui convincente. De todo modo, teria sido impossível acalmá-los, mesmo que fosse mentira. O que o meu primo tinha dito se encaixava bem demais na imagem que eles faziam de mim. A irritação Para de mentir sua bicha a gente sabe que é verdade.* Ele não cuspiu na minha cara. Naquela manhã, ele cuspiu na manga do meu casaco, um catarro esverdeado, rígido de tão grosso. O pequeno de ombros caídos fez a mesma coisa, na mesma manga (um agasalho fino azul com listras pretas que eu usava no inverno; eu tinha perdido meu casaco e meus pais não tinham podido comprar outro *Se vira, é só não perder as suas coisas*). Eles riam. Eu olhava os escarros estanques na minha blusa, pensando que eles tinham me poupado ao cuspir lá, e não no meu rosto. Então o grande de cabelos ruivos me disse *Come o catarro seu veado*. Eu sorri, uma vez mais, como sempre. Não porque eu pensasse que eles estivessem brincando, mas porque eu esperava, ao sorrir, reverter a situação, fazer dela uma brincadeira somente. Ele repetiu *Come o catarro seu veado, anda logo*. Eu me recusei – normalmente eu não fazia isso, eu quase nunca o fizera, mas eu não queria comer o catarro, eu vomitaria. Eu disse que não queria. Um pegou meu braço, o outro, minha cabeça. Eles grudaram meu rosto no catarro, exigindo *Lambe, veado, lambe*. Eu estiquei lentamente minha língua e lambi os escarros, cujo cheiro se instalou na minha boca. A cada lambida eles me encorajavam com voz suave, paternal (suas mãos seguravam minha cabeça com força) *Muito bem, vai em frente, vai tá indo bem*. Eu continuei a lambe a blusa enquanto eles me mandaram fazer isso, até os escarros desaparecerem. Eles foram embora³⁶ (2018, p. 127-8, grifos do autor).

Como vimos, a punição por ter cometido o “crime” de ter sido “bicha” no depósito foi bem pesada. Eddy foi obrigado a engolir o catarro dos dois garotos. Essa segunda passagem reforça a nossa percepção da relação do catarro com o espermatozoide, inclusive, se nos aprofundarmos ainda mais na reflexão, podemos inferir que os garotos simularam nessa atitude uma modalidade sexual popularmente conhecida como *bukkake*. Nessa prática sexual, o agente passivo, geralmente, fica ajoelhado e recebe a ejaculação de sêmen de vários homens

³⁶ No original: “*Le grand roux me serrait le cou pour me contraindre à répondre rapidement. Ses doigts froids sur ma nuque, mon sourire, la peur, l’attente de l’aveu. C’est des conneries qu’il raconte mon cousin, il est un peu fou, la preuve il est dans les classes pour handicapés au collège. Je suis pas une sale baltringue. Je n’étais pas convaincant. Il aurait été de toute façon impossible de les calmer, même si cette histoire avait été fausse. Ce qu’avait dit mon cousin correspondait bien trop à l’image qu’ils avaient de moi. L’agacement Arrête de mentir pédale on sait que c’est vrai.*

Il ne m’a pas craché au visage. Il a craché ce matin-là sur la manche de ma veste, un mollard verdâtre, rigide tant il était épais. Le petit au dos voûté a fait la même chose, sur la même manche (une fine veste de jogging bleue à rayures noires que je portais l’hiver ; j’avais égaré mon manteau et mes parents n’avaient pas pu m’en racheter un Tu te démerdes, t’as qu’à pas perdre tes affaires). Ils riaient. Je regardais les mollards figés sur ma veste, pensant qu’ils m’avaient épargné en crachant là plutôt que sur mon visage. Et puis le grand aux cheveux roux m’a dit Bouffe les mollards pédale. J’ai souri, encore, comme toujours. Non pas que je pensais qu’ils me faisaient une blague mais j’espérais, en souriant, renverser la situation et n’en faire qu’une plaisanterie. Il a répété Bouffe les mollards pédale, dépêche-toi. J’ai refusé - je ne le faisais pas d’habitude, je ne l’avais quasiment jamais fait, mais je ne voulais pas bouffer les mollards, j’aurais vomi. J’ai dit que je ne voulais pas. L’un m’a attrapé le bras, l’autre la tête. Ils ont plaqué mon visage sur les mollards, ils ont exigé Lèche, pédale, lèche. J’ai sorti lentement ma langue et j’ai lèche les crachats dont l’odeur colonisait ma bouche. À chaque coup de langue ils m’encourageaient d’une voix douce, paternelle (les mains qui tenaient ma tête avec force) C’est bien, continue, vas-y c’est bien. J’ai continué à lécher la veste tandis qu’ils me l’ordonnaient, jusqu’à ce que les mollards aient disparu. Ils sont partis.” (2014, p. 160-62, grifos do autor).

no rosto, no peito ou mesmo dentro da boca, muitas vezes engolindo o líquido. O *bukkake* é uma prática de humilhação muito comum no universo pornográfico, ao qual Eddy foi exposto desde cedo, já que o que motivou as repetidas interações sexuais no depósito de lenha foi uma fita VHS contendo um vídeo pornográfico heterossexual, que pertencia ao pai de Bruno. Sem que seu pai soubesse, Bruno compartilhou o conteúdo pornográfico com Eddy, Fabien e Stéphane, e este último fez a proposição de que eles se masturbassem durante a exibição das imagens na televisão. Observamos, então, que mais uma prática sexual se manifesta: a *circle jerk* (também referida em territórios lusófonos como *roda de punheta*).

Para que entendamos melhor a relação entre pornografia e masturbação, trazemos à tona os apontamentos do filósofo Paul B. Preciado (2018). Segundo ele, “a pornografia é um dispositivo masturbatório virtual - literário, audiovisual, cibernético” e “tem como objetivo a masturbação planetária multimídia (p. 281).” Ou seja, ele entende a masturbação em uma acepção mais ampla. Porque, nesse modo de pensar, a pornografia teria a função de fortalecer estereótipos. Não só no sentido da masturbação, mas das estruturas repetitivas e não-criativas. A pornografia se repete virtualmente, sobretudo, na contemporaneidade, se (re)constituindo em diversos gêneros. Além disso, ainda segundo Preciado, “[...] o que caracteriza a imagem pornográfica é a sua capacidade de estimular, independentemente da vontade do espectador, os mecanismos bioquímicos e musculares que regem a produção de prazer.” A imagem pornográfica tem a capacidade de se ativar no corpo do espectador (p. 281). Sendo assim, entendemos que os parceiros sexuais (incluindo os dois garotos, se considerarmos que a cena da escarrada se trata de uma cena pornográfica) de Eddy e até ele mesmo se encontram dentro desse arcabouço pornográfico de alta complexidade, na busca por prazeres virtuais plurais, dos quais pouco entendem, mas que os conduzem a um tipo de excitação arbitrário e, por essa natureza, passível de julgamentos sociais e represálias morais. Os desejos subalternizados ou marginalizados (e, às vezes, até criminosos) encontram (des)conforto na pornografia, pois nela podem expressar seus signos em um ambiente aparentemente livre de julgamentos e do olhar externo de seus detratores sexuais. Os pornófilos gozam em um lugar de conforto, mesmo que às margens, nas alcovas, às escondidas, longe dos olhares punitivos do centro.

Além dos dois garotos da escola, Eddy tinha outros algozes, como os membros de sua família. Ele era julgado e humilhado por eles praticamente a todo instante. Seus pais, por exemplo, julgavam inadequada sua maneira de andar e de falar na visão deles “como uma mocinha³⁷” (2018, p. 23). O segundo capítulo do primeiro livro é intitulado *Mon père* e é

³⁷ No original: “comme une gonzesse.” (2014, p. 27).

dedicado inteiramente à relação tóxica de Eddy com seu pai. Um homem extremamente agressivo com seu filho, Jacky não respeita os trejeitos afeminados do garoto, e pejorativamente se refere a eles como “ares”. A relação de Eddy com seu pai é bastante conflituosa e perturbadora. Em algumas ocasiões, Eddy se deparava com seu pai nu diante dele (p. 77). O que lhe causava repulsa.

Jacky também não poupou Eddy da violência física, estapeando-o quando descobriu que ele estava sendo sodomizado no depósito de lenha da comunidade. Essa rivalidade entre pai e filho encontra eco na teoria freudiana do *Complexo de Édipo*, que faz parte do desenvolvimento fálico infantil. Nesse período, o filho rivaliza com o próprio pai e sente ódio e ciúmes dele. Eddy nos revela, na primeira parte do romance, que esperava os pais terminarem de ter relações sexuais para poder entrar no quarto deles a fim de dormir na mesma cama que eles, inclusive, se posicionando entre os dois, impedindo, assim, o contato direto entre seu pai e sua mãe durante o sono. Na narrativa, ele diz que ainda conseguia sentir o cheiro do sexo quando finalmente podia entrar no quarto. O argumento que utilizava para convencê-los de sua permanência no quarto deles durante toda a noite era o de que tinha medo de dormir sozinho, o que era considerado pelos pais como uma fragilidade inadequada de Eddy, mais um traço de sua inconveniente feminilidade, incompatível para um ser do gênero masculino, segundo as epistemologias dos moradores de Hallencourt.

Além de todos esses personagens que maltrataram e vitimizam Eddy das maneiras mais variadas possíveis, entendemos que há um outro, que seria a própria pobreza. Presente em toda a narrativa, ela modifica a vida e os pensamentos dos demais personagens ao interagir com eles. A pobreza em seu sentido mais amplo (social, intelectual, etc.) também vitimiza Eddy, condenando-o a uma existência medíocre, sem recursos adequados, sem higiene, sem respeito mútuo, etc. A saúde, por exemplo, era desprivilegiada, por não ser considerada, pelos moradores do vilarejo, “coisa de homem”.

4.5 OS PRAZERES E OS AMANTES DE EDDY

As relações sexuais marginalizadas – que, como já vimos, segundo nossa leitura, podem ser consideradas como pornográficas – no depósito do vilarejo são narradas por Eddy com muito entusiasmo e excitação:

Eu senti seu sexo quente contra minhas nádegas, depois em mim. Ele me conduzia *Abre. Levanta um pouco a bunda*. Eu obedecia a todas as suas exigências com aquela impressão de me realizar e me transformar enfim no que eu era. A cada estocada eu sentia meu pau endurecer um pouco mais, e, como quando eles haviam assistido ao filme pela primeira vez, os risos das primeiras estocadas logo deram lugar à imitação dos suspiros dos atores pornô, a falas que então me soaram como as mais belas frases que me tinha sido dado escutar *Pega no meu pau. Sente bem ele*. Enquanto meu primo possuía meu corpo, Bruno fazia a mesma coisa com Fabien, a poucos centímetros de nós. Eu sentia o cheiro dos corpos nus e eu queria poder tocar aquele cheiro, comê-lo, para fazê-lo mais real. Eu queria que ele fosse um veneno que me embriagasse e me matasse, deixando como última lembrança o cheiro daqueles corpos, já marcados por sua classe social, já deixando ver sob a pele fina e leitosa de crianças a musculatura dos adultos que se tornariam, assim desenvolvida por ajudar os pais a cortar e armazenar madeira, por causa da atividade física, das partidas de futebol intermináveis e que recomeçavam a cada dia. O sexo de Bruno, mais velho que nós, ele tinha então uns quinze anos enquanto nós tínhamos nove ou dez, era bem maior do que o nosso e constelado de pelos escuros. Seu corpo já era de homem. Ao observá-lo penetrar Fabien, fui invadido pela inveja. Eu sonhava matar Fabien e meu primo Stéphane para ter o corpo de Bruno só para mim, seus braços potentes, suas pernas de músculos salientes. Até Bruno eu sonhava morto, para que ele não pudesse jamais me escapar, para que seu corpo me pertencesse para sempre³⁸ (2018, p. 121, grifos do autor).

Chama atenção nessa passagem a riqueza de detalhes. E também o fato de, ao contrário dos dois meninos na escola, que lhe imputavam predominantemente dores, os três camaradas do depósito de lenha, que lhe imputavam predominantemente prazer, terem nomes próprios revelados. O que pode nos fazer refletir sobre uma tentativa de pôr em evidência positiva Bruno, Fabien e Stéphane, colocando-os em uma posição de romantização e, os *dois garotos*, em evidência negativa, ao contrário, estariam em uma posição de aversão, já que estes foram capazes de diminuir e açoitar Eddy de maneira vil e covarde. Ainda que nos pareça provável que os abusos constantes dos dois rapazes não eram totalmente (in)evitáveis por parte de Eddy. Em algumas passagens, sua escolha pela aceitação total dos ataques nos

³⁸ No original: “J’ai senti son sexe contre mes fesses, puis en moi. Il me donnait des indications Écarte, Lève un peu ton cul. J’obéissais à toutes ses exigences avec cette impression de réaliser et de devenir enfin ce que j’étais. Chaque coup de reins qu’il me donnait faisait durcir un peu plus mon membre, et, comme lorsqu’ils avaient regardé le film pour la première fois, les rires des premiers coups de reins ont rapidement cédé la place à l’imitation des soupirs des acteurs pornographiques, aux répliques qui m’apparaissaient alors comme les plus belles phrases qu’il m’ait été donné d’entendre Prends ma bite, Tu la sens bien. Pendant que mon cousin prenait possession de mon corps, Bruno faisait de même avec Fabien, à quelques centimètres de nous. Je sentais l’odeur des corps nus et j’aurais voulu rendre palpable cette odeur, pouvoir la manger pour la rendre plus réelle. J’aurais voulu qu’elle soit un poison qui m’aurait enivré et fait disparaître, avec comme ultime souvenir celui de l’odeur de ces corps, déjà marqués par leur classe sociale, laissant déjà apparaître sous une peau fine et laiteuse d’enfants leur musculature d’adultes en devenir, aussi développée à force d’aider les pères à couper et à stocker le bois, à force d’activité physique, des parties de football interminables et recommencées chaque jour. Le sexe de Bruno, plus Vieux que nous, qui avait à ce moment une quinzaine d’années quand nous n’en avions que neuf ou dix, était bien plus massif que les autres et parsemé de poils bruns. Son corps était déjà celui d’un homme. En l’observant pénétrer Fabien, la jalousie m’a envahi. Je rêvais de tuer Fabien et mon cousin Stéphane afin d’avoir le corps de Bruno pour moi seul, ses bras puissants, ses jambes aux muscles saillants. Même Bruno je le rêvais mort pour qu’il ne puisse plus m’échapper, jamais, que son corps m’appartienne pour toujours.” (2014, p. 152-4).

leva a pensar que toda aquela violência lhe imputava gozo, logo, inconscientemente, ele precisava dela, porque ela o constituía.

O modo como Eddy descreve os corpos e existências de seus camaradas do depósito é, de fato, extremamente romantizado, sobretudo no que se refere a Bruno/ao corpo de Bruno/à performance sexual de Bruno. Como podemos perceber, o lugar de prazer faz com que o narrador-personagem se coloque de maneira mais positiva na narrativa. Ainda que a dor também esteja presente, já que se trata de uma relação marginalizada, e de ele saber que, com a iminência de alguém descobrir as interações sexuais no depósito, um desfecho desastroso para sua (sobre)vida estava no horizonte.

A *tomada do corpo* de Eddy por Bruno o faz se sentir tão bem que ele acredita que, ao receber o pênis dele dentro de seu corpo, finalmente, ele se torna quem verdadeiramente ele é. Ou seja, a partir do sexo produzido com Bruno, Eddy sente que está se conectando de fato com a homossexualidade, ou com o que ele entende ser a sua própria homossexualidade e as práticas, dispositivos, paradigmas e signos únicos a ela relacionados. Finalmente, ele sente que aquele lugar é o seu. E, neste lugar, não há fingimento, não há nojo, há a momentaneamente a plena realização pornográfica de seu prazer, às margens de tudo, mas protegido dos julgamentos dos algozes de Hallencourt.

Contudo não podemos descartar que a experiência com os *dois garotos* também retrata uma poética do homoerotismo, no sentido de, como já apontamos, também traduzir um caráter performático de aspiração pornográfica. Mesmo reverberando lugares de dor, há o gozo nas interações entre os dois garotos e Eddy, há o encontro dos corpos e existências masculinas. Na humilhação, há a submissão de um corpo a outros dois corpos, no sentido da excitação que os dois garotos sentem em submeter Eddy às suas crueldades sádicas. Assim, eles seriam amantes de Eddy, mesmo que às avessas.

4.6 A MORTE DE EDDY

Todas essas experiências de prazer, dor e gozo esgarçam o corpo e a existência de Eddy Bellegueule, levando-o a esgotar todos os seus limites, mortificando seu corpo. Ele, então, decide mudar de identidade, rechaçando o nome que lhe traz lembranças de um passado que, como relevado por ele no início do romance foi praticamente de dor absoluta (subtraindo em

seu relato os vários momentos de prazer que experienciou). Em seu lugar, ele elege o nome de Édouard Louis, para tentar seguir em frente com novas experiências de vida.

Desta forma, entendemos que Eddy Bellegueule precisou morrer, ainda que simbolicamente, para que Édouard Louis pudesse, enfim, nascer. O romance *En finir avec Eddy Bellegueule* é, então, o seu último ato, seu atestado de óbito.

“O fim de Eddy”, para tomar uma expressão elucidada pelo título da obra traduzido em português, consiste no reencaminhamento do personagem, reinserido em um novo ambiente geográfico (a cidade de Amiens) e discursivo, percebendo-se assim como uma nova pessoa, mais inclinada a aceitar sua poética homossexual, homoafetiva e homoerótica ao invés de lutar contra ela se colocando no polo padrão dos durões do seu antigo vilarejo em Hallencourt.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que nenhum estudo, por mais bem desenvolvido que seja, esgotará as possíveis gêneses e causas das homossexualidades, dadas suas multiplicidades de fatores e circunstâncias, tampouco acreditamos que seja uma discussão válida, já que as respectivas origens e/ou causas da heterossexualidade nunca são objeto de indagação. Encerrar as homossexualidades em conceitos fixos e imutáveis é tarefa impossível. Elas estão diretamente relacionadas às subjetividades envolvidas, assim como, às sociedades nas quais elas se inserem. Por isso, não é possível chegar a conclusões categóricas e definitivas a esse respeito. Portanto, nosso estudo possui limites que são intransponíveis, um deles sendo suas conclusões parciais.

Os entendimentos sobre as homossexualidades, seus códigos e práticas específicas, foram mudando ao longo dos anos e se desenvolveram de maneira plural ao redor do mundo. Basta observar a forma como cada país lida com a homossexualidade nos dias atuais. Alguns com leis para proteger os gays e outros com leis para puni-los, privando-os da liberdade e, nos casos mais graves, da própria vida. É necessário, sobretudo, sempre observar quem fala e por que fala sobre as homossexualidades. Prestar atenção aos objetivos que estão por trás dos mais variados discursos sobre elas nos ajuda(rá) a ter uma visão mais real dos fenômenos nos quais elas estão/estarão envolvidas.

Assim, depois de todas as discussões aqui elencadas, podemos entender as homossexualidades como fenômenos complexos. No decorrer da história do *Ocidente*, as homossexualidades foram vistas, conceitualizadas e nomeadas das maneiras mais diversas, conforme objetivos e anseios de cada sociedade. Como já dito, discutir as homossexualidades é uma tarefa prolixa e, portanto, não parece ser possível chegar a uma resposta simples e definitiva a respeito delas. Contudo podemos apontar para algumas direções, ampliando os debates sobre suas configurações, tendo sempre em mente que não podemos fazer generalizações ao tentar conceituá-las.

Por outro lado, há algo que se mostra incontestável, a partir de seus códigos próprios, as sociedades até então tolerantes às homossexualidades a aceitaram desde que ela não ultrapassasse os limites pré-estabelecidos e convencionados pela respectiva cultura. Havia, e ainda há, sempre, uma condição e, caso essa condição não fosse/não seja respeitada e cumprida, algum tipo de punição foi/é aplicado. Algumas mais brandas, outras irreversíveis, pois letais.

O trabalho buscou, por meio de leituras históricas/genealógicas e psicanalíticas, identificar as configurações da dor e do gozo de entender e viver a própria homossexualidade em um contexto de degradação intelectual e social no romance *En finir avec Eddy Bellegueule* a partir do(s) discurso(s) do narrador-personagem, Eddy Bellegueule. Assim, explicitamos como Eddy concebe subjetivamente sua orientação sexual e as consequências disso dentro desse contexto de violência física, psíquica e simbólica. Destarte, os signos do homoerotismo e da homofobia foram (re)interpretados como traços de uma poética do desejo e da violência, respectivamente.

A fundamentação teórica adotada para esse estudo nos permitiu entender que o narrador-personagem deste romance, declaradamente gay, constrói suas memórias a partir de um discurso cujas configurações estão divididas entre a dor e o gozo. O relato de Eddy, se desenvolve em confusões que se enquadram nesse duplo, nos lugares em que ambos se fundem e comungam e nos lugares em que ambos se separam e se opõem. Uma vez que, aparentemente antagônicas, essas maneiras de sentir e de ser se confundem e se complementam por todo o romance. A homossexualidade é, neste caso, um lugar de (des)prazeres e (des)confortos, dando espaço a experiências gozosas, mas também angustiantes, fazendo com que o personagem se dilacere e parta em busca daquilo que o faz sofrer, para assim obter seu(s) gozo(s), aceitando que sua condição de prazer está intrinsecamente no núcleo da dor. Vivendo, assim, em seu corpo e em sua subjetividade, variadas contradições que cortam a carne e perturbam o cérebro.

Não podemos perder de vista, contudo, que a dor tem sua gênese no próprio lugar narrativo, no qual a falta está tão presente que nos parece um personagem à parte. Sendo assim, também ele, é um outro algoz de Eddy Bellegueule. A degradação social, expressada na miséria financeira e intelectual constante dos personagens afunda ainda mais Eddy em um poço de melancolia, desespero, infelicidade e sensação de fracasso.

Desta forma, entender que é homossexual/afeminado e, assim, diferente dos outros homens de seu vilarejo, heterossexuais/viris, causa dores e sintomas em Eddy Bellegueule. Ter um desejo destoante do que espera a maioria do todo social deixa, no jovem Eddy, sequelas irreversíveis. Sendo a principal delas a ojeriza pela sua existência pregressa, cheia de dores e máculas, representadas, mormente, pelo seu nome de batismo que o faz rememorar todo o período cruel da infância e adolescência, no qual tentou encontrar conforto na dor.

Ao deixar o seu vilarejo natal, a fim de se distanciar de seu passado de violentas dores psíquicas e físicas, em busca de uma nova existência e, quiçá, um novo corpo, Eddy Bellegueule faz questão de mudar seu próprio nome, na tentativa de acabar com aquele que

um dia foi, aquele que (não) permitiram que ele fosse, limitando sua existência, restringindo-a a costumes e práticas sociais preestabelecidas que lhe eram alheias. Eddy Bellegueule morreu. Ele agora se chama Édouard Louis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, T. S. M. O relacionamento homoerótico na Grécia Antiga: uma prática pedagógica. **Faces da História**, v. 4, n. 2, p. 58-72, 3 jan. 2018. Disponível em: <<http://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/271>>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- ABESCAT, M. Édouard Louis : J'ai deux langages en moi, celui de mon enfance et celui de la culture. **Télérama**, 2018. Disponível em: <<https://www.telerama.fr/livre/edouard-louis-j-ai-deux-langages-en-moi-celui-de-mon-enfance-et-celui-de-la-culture,114836.php>>. Acesso em: 21 jun. 2020.
- ALONSO, S. L.; FUKS, M. P. **Histeria**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- ABREU, L. L. Resenha: História da violência, de Édouard Louis. **Communitas**, [S. l.] v. 5, n. 10, p. 324-327, abr./jun. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/4685>>. Acesso em: 30 maio 2022.
- ARISTÓTELES. **Poética**. 2 ed. Tradução de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BARRETO, J. P.; BARBOSA, A. P. Homoerotismo e psicanálise na literatura: do desejo oculto ao prazer desvelado. **Anais VII ENLIJE...** Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/45356>>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- BASTOS, G. G.; GARCIA, D. A.; ABRAHÃO E SOUSA, L. M. A homofobia em discurso: Direitos Humanos em circulação. **Ling. (dis)curso**, Tubarão, v. 17, n. 1, p. 11-24, abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322017000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 fev. 2021.
- BELLEMIN-NOËL, J. **Psicanálise e Literatura**. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Editora Cultrix, 1983.
- BELLIARD, David. Pour en finir vraiment avec Eddy Bellegueule. **Libération**, 2014. Disponível em: <https://next.liberation.fr/livres/2014/03/02/pour-en-finir-vraiment-avec-eddy-bellegueule_983980>. Acesso em: 23 jun. 2021.
- BESSON, P. **En l'absence des hommes**. Paris: Éditions Julliard, 2001.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Paumape, 1979.
- BOMBA, E. P.; RODRIGUES, L. V. A Homofobia como herdeira da heteronormatividade. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 6, n. 1, 2018.
- BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOSWELL, John. **Christianity, social tolerance and homosexuality: Gay People in Western Europe from the beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century**. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

BOURAOUI, N. **Avant les hommes**. Paris: Gallimard, 2007.

BOURDIEU, P. **Les règles de l'art : Genèse et structure du champ littéraire**. Paris: Éditions Points, 1998.

BRANDÃO, J. J. L. Como se faz um herói: as linhas de força do poema de Gilgámesh. **e-hum**, Revista Científica das áreas de História, Letras, Educação e Serviço Social do Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, jan./jul. 2015. Disponível em: <<https://revistas.unibh.br/dchla/article/view/1545/892>>. Acesso em: 27 nov. 2021.

CAMARGOS, M. L. A questão de gênero no romance *En finir avec Eddy Bellegueule*. In: **Anais do IX Ciclo de Estudos de Linguagem e II Congresso Internacional de Estudos de Linguagem**, 2017. Anais eletrônicos. Campinas: Galoá, 2018. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:HTCdEiqEdI0J:https://proceedings.science/proceedings/107/_papers/61564/download/fulltext_file1+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 21 jun. 2020.

CARRARA, S.; SIMÕES, J. A. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 28, p. 65-99, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 fev. 2021.

CANTO, A. **Carta para além dos muros**. Cor. Son. 85 minutos. Netflix Brasil, 2019. Disponível em: < <https://www.netflix.com/br/title/81213977>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

CECCARELLI, P. R. A invenção da homossexualidade. **Bagoas**, n. 2, p. 71-93, 2008. Disponível em: <https://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v02n02art03_ceccarelli.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2021.

CERQUEIRA, F. V. Sobre efeminação e virilidade, a Grécia vista do pampa. **Métis**, v. 10, p. 81-109, jul./dez. 2011. Disponível em: < <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1367>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

CÉU E SILVA, J. Exclusivo: "Em muitas das cartas que recebi as mulheres dizem que o homem da sua vida não é o seu marido". **Diário de Notícias**, 19 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.dn.pt/edicao-do-dia/15-fev-2020/em-muitas-das-cartas-que-recebi-as-mulheres-dizem-que-o-homem-da-sua-vida-nao-e-o-seu-marido-11822747.html>>. Acesso em: 09 set. 2021.

CLONINGER, S. C. **Teorias da personalidade**. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CORINO, L. C. P. Homoerotismo na Grécia Antiga – Homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. **Biblos**, Rio Grande, v. 19, p. 19-24, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/249>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

CUKIERT, M. Considerações sobre corpo e linguagem na clínica e na teoria lacaniana. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 225-241, jun. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000100022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 fev. 2021.

DEMINGOS, L. O. O custo da sujeição em O Fim de Eddy, de Édouard Louis. In: CUNHA, A.; FERREIRA, C. (org.). **Poéticas e internacionalização**. Porto Alegre: Bestiário / Class, 2020.

DOVER, K. J. **A homossexualidade na Grécia Antiga**. Tradução de Luís Sérgio Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ERIBON, D. **Identidades**: reflexiones sobre la cuestión gay. Tradução de José Miguel Marcén. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2000.

FRY, P.; MACRAE, E. **O que é Homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade 1**: A vontade de saber. 3 ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FRAGONARD, M. M. **Précis d’histoire de la littérature française**. Paris: Didier, 1981.

FREUD, S.; BREUER, J. **Obras completas**, volume 2: Estudos sobre a histeria (1893-1895). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. **Obras completas**, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. **Obras completas**, volume 11: Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. **Obras completas**, volume 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **Obras completas**, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **O ego e o id e outros trabalhos** (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 24 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

GRAÑA, R. B. **Homossexualidade**: formulações psicanalíticas atuais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GREEN, J. H. **Le besoin d'appartenance dans l'écriture de soi gay contemporaine** : Abdellah Taïa et Édouard Louis. 2019. 84 f. Dissertação (Mestrado em Literatura, Cultura e Mídia) – Universidade de Lund, Lund.

GUIMARÃES, A. F. P. O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades. **Temas em Psicologia**, v. 17, n. 2, p. 553-67, 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v17n2/v17n2a23.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2022.

HORTA, B. Philippe Besson: “Há 30 anos, tive de me esconder para poder amar”. **O observador**, 21 fev. 2020. Disponível em: <<https://observador.pt/especiais/philippe-besson-ha-30-anos-tive-de-me-esconder-para-poder-amar/>>. Acesso em: 09 set. 2021.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2020. Edição bilíngue.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud à Lacan**: vol. 1: as bases conceituais. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

KVELLER, D. B; CAVALHEIRO, R.; TIETBOEHL, L. Infâncias, teorias queer, psicanálises: para além do princípio do progresso e da heteronormatividade. **Psicologia Clínica**, v. 33, n. 2, p. 237-55, maio/ago. 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652021000200003>. Acesso em: 26 maio 2022.

LACAN, J. **O seminário**, livro 7: a ética da psicanálise, 1959-1960. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2008.

LAPSLEY, D. K.; STEY, P. C. Id, Ego, and Superego. **Encyclopedia of Human Behavior**. University of Notre Dame, 2011. Disponível em: <https://www3.nd.edu/~dlapsle1/lab/Articles_&_Chapters_files/Entry%20for%20Encyclopedia%20of%20Human%20BehaviorFinal%20Submitted%20Formatted4.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

LINS, R. N. **Novas formas de amar**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

LOUIS, É. **En finir avec Eddy Bellegueule**. Paris: Éditions du Seuil, 2014.

LOUIS, É. **O fim de Eddy**. Tradução de Francesca Angiolillo. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

MACEDO, M. M. K.; FALCÃO, C. N. B. A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. **Psychê**, v. 9, n. 15, p. 65-76, 2005.

MEIZOZ, J. Belle gueule d'Edouard ou dégoût de classe ? **Contextes**. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/contextes/5879#text>>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MILLER, M. **The song of Achilles**. Nova Iorque: Ecco Press, 2011.

MILLER, M. **A canção de Aquiles**. 1 ed. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Jangada, 2013.

MOTT, L. R. B. A revolução homossexual: o poder de um mito. **Revista USP**, São Paulo, n. 49, p. 40-59, mar./maio 2001. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32907/35477>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

MOTT, L. R. B. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MUSSI, V. B.; SERBENA, C. A projeção da sombra na homofobia. In: **VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR**. Facultad de Psicología-Universidad de Buenos Aires, 2015.

NAPHY, W. G. **Born to be gay**: história da homossexualidade. Lisboa: Edições 70, 2006.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 8 ed. Tradução de Daniel Bueno. Rio Grande do Sul: Artmed, 2006.

PEREIRA, A. L. M.; MAZZUTTI, L. H. C. Literatura, espaço biográfico e homoerotismo em contextos ditatoriais. **Anais V seminário internacional entrelaçando sexualidades**. 2017.

PITARD, F.; MAINE, C.; KIESEL, A. et al. Les romans de cette rentrée littéraire 2021 arrivent ce jeudi 19 août. **Ouest-France**, 2021. Disponível em: <<https://www.ouest-france.fr/culture/livres/les-romans-de-cette-rentree-litteraire-2021-arrivent-ce-jeudi-19-aout-7f842d06-fc0c-11eb-b477-54e81b9aa807#:~:text=Livres-,Les%20romans%20de%20cette%20rentr%C3%A9e%20litt%C3%A9raire%202021%20arrivent%20ce%20jeudi,progressivement%20jusqu'%C3%A0%20fin%20octobre.>>. Acesso em: 29 maio 2022.

PLANETA de livros. Disponível em: <<https://www.planetadelivros.com.br/livro-o-fim-de-eddy/271512>>. Acesso em: 21 jun. 2020.

PLATÃO. **O Banquete**. 3 ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2011.

PRECIADO, P. B. **Testo Junkie**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

QUEIROZ, E. F. Dor e gozo: de Freud a Lacan. **Rev. Latinoam. Psicopt. Fund.**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 851-867, dez. 2012.

QUINET, A.; JORGE, M. A. C. (org.). **As homossexualidades na psicanálise**: na história da sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

RABATÉ, J.-M. Psicanálise e literatura: Por que, hoje? Tradução de Vanisa Santos. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 162-171, dez. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912017000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 fev. 2021.

RENTRÉE littéraire 2018. **France Culture**, 2018. Disponível em: <<https://www.franceculture.fr/dossiers/rentree-litteraire-2018>>. Acesso em 21 jun. 2020.

ROBIN, B. Philippe Besson : “Être homo dans les années 80, ça se cachait”. **Actualité**, 11 maio 2017. Disponível em: <<https://actualite.com/article/25105/interviews/philippe-besson-etre-homo-dans-les-annees-80-ca-se-cachait>>. Acesso em: 09 set. 2021.

ROCHA, C. A. Jung’s Individualization Process: Projection as a Barrier to Self-Development. **Education Journal of Social Sciences, Humanities and Research in Education**, v. 1, n. 2, jul./dez., 2018.

ROCHA, G. L.; LANZA, H. R.; RIBEIRO, S. D. Transfobia, masculinidades e violência sob a ótica da psicanálise. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 42, n. 79, p. 67-74, jun. 2020. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v42n79/v42n79a09.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

SILVA, L. S. B. O amor que não ousa dizer seu nome: notas homoculturais em O Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde. **PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 316-340, 2020. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/philia/article/view/99049>>. Acesso em: 30 maio 2022.

TEARLE, O. The Meaning and Origin of ‘The Love That Dare Not Speak Its Name’. **Interesting Literature**, 2021. Disponível em: <<https://interestingliterature.com/2021/03/love-dare-not-speak-its-name-quote-origin-meaning/>>. Acesso em: 31 maio 2022.

THOMAS, V. L. Bigorra, Ouissem Belgacem, Guillaume Cizeron et Mohamed Mbougar Sarr récompensés par les prix du roman gay 2021. **LivresHebdo**, 16 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.livreshebdo.fr/article/l-bigorra-ouissem-belgacem-guillaume-cizeron-et-mohamed-mbougar-sarr-recompenses-par-les#:~:text=L.-,Bigorra%2C%20Ouissem%20Belgacem%2C%20Guillaume%20Cizeron%20et%20Mohamed%20Mbougar%20Sarr%20r%C3%A9compens%C3%A9s,l%C5%93uvre%20de%20Guy%20Torrens.>>>. Acesso em: 31 maio 2022.

TORRES, M.-H. C. Balanço e perspectivas da literatura francesa traduzida no Brasil de 1970 a 2006. **Revista Cerrados**, Brasília, v. 16, n. 23, p. 15-26, 2007. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/1231/1072>>. Acesso em: 21 jun. 2020.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VIART, D. Écrire avec le soupçon. In: BRAUDEAU, M. al. **Le Roman français contemporain**. Paris: Ministère des Affaires étrangères/ADPF, 2002. p. 129-174.

PROGUIDIS, L. Une décennie romanesque. In: BRAUDEAU, M. et al. **Le Roman français contemporain**. Paris: Ministère des Affaires étrangères/ADPF, 2002. p. 41-71.

VILLARI, R. A. Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 20, n. 2, p. 2-7, jun. 2000. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v20n2/v20n2a02.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2020.

WILDE, O. **De Profundis e outros escritos do cárcere**. Tradução de Júlia Tettamanzy e Maria Angela Saldanha Vieira de Aguiar. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011.

WOODS, G. **A History of Gay Literature: The Male Tradition**. New Have; London: Yale University Press, 1998.